



**Gravidez e Maternidade na Adolescência:
Projectos Idealizados... Percursos Realizados...**

Maria do Carmo Varela de Sousa

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção
do Grau de Mestre em Educação Social**

Orientada por:
Mestre Carla Isabel Pedroso de Lima

Bragança
2011

DEDICATÓRIA:

Aos meus Filhos, *MARIA e MARTIM*

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, por todo o tempo que os privei da minha companhia e pelas brincadeiras que não tivemos.

Ao meu marido, pelo apoio e incentivo demonstrados.

À minha mãe, de quem sou e sempre serei uma filha muito orgulhosa, pelo amor e apoio que sempre demonstrou.

Ao meu pai, irmã, cunhado e sobrinhos pelo carinho constante.

Aos meus sogros pelo apoio incondicional.

À minha orientadora, Mestre Carla Lima, pelo incentivo, disponibilidade e pelos conhecimentos transmitidos.

À Enfermeira “Tininha” pela disponibilidade e ajuda.

Às mães e grávidas adolescentes que aceitaram participar neste estudo, para o qual o seu contributo foi fundamental.

A todos aqueles que, embora não tenham sido mencionados, lembrarei sempre com amizade e gratidão por todo o apoio que me deram.

OBRIGADA!

RESUMO

A gravidez e maternidade na adolescência foi e continua a ser um problema social e as intervenções existentes parecem ainda não produzir, de forma significativa, frutos na diminuição dos casos. O porquê dessas gravidezes acontecerem há mais de 20 anos atrás e o porquê de acontecerem actualmente, bem como as influências que essas gravidezes poderão ter nos projectos e percursos de vida destas adolescentes foi mote de partida para o estudo que empreendemos.

A fim de analisarmos o referido, desenhou-se e implementou-se uma investigação empírica. Optámos pelo método de histórias de vida, com recurso a entrevistas semi-estruturadas a quatro participantes (duas mulheres que foram grávidas adolescentes há mais de 20 anos e duas adolescentes grávidas). Recorreu-se à análise de conteúdo dos dados recolhidos onde se procurou comparar os projectos e percursos de vida, bem como, as influências e o impacto dessa gravidez nas suas vidas e, posteriormente, efectuámos um cruzamento entre o conhecimento alcançado através da revisão da literatura especializada com os dados recolhidos no estudo empírico.

Verificámos com este estudo que há semelhanças nas histórias de vida dentro dos dois grupos analisados, bem como diferenças quer intergrupo como intragrupo. Houve influência deste acontecimento de vida não normativo, nos projectos e nos percursos de vida das mulheres que foram mães adolescentes. No caso das adolescentes grávidas, embora as mesmas não considerem que os seus projectos de vida não se venham a cumprir tal como os desenharam, reconhecem *a priori* que existirão impactos nos seus percursos de vida, mas nada que os altere na sua essência. No entanto, a percepção de solução, para as possíveis dificuldades e ajustamentos que possam vir a influenciar os seus projectos de vida, passa pela ajuda externa, nomeadamente dos seus pais.

ABSTRACT

Pregnancy and motherhood on teenagers was and remains a social problem and the existent interventions seem not yet to produce, in a significant way, fruits in diminishing the number of cases. The why of those pregnancies happened at about 20 years ago and the why of those keep happen today, as well as, the influences that those pregnancies might have on the life projects and life courses of these adolescents were the start point for this research study.

With the porpoise of analyzing the mentioned we draw and implemented an empiric investigation. We opted for the life story methodology, with resource to semi – structured interviews to four participants (two women who have been pregnant as teenagers at about 20 years ago, and two teenagers who are currently pregnant). We also use the content analysis technique on the data collected and we tried to compare the life projects and courses, as well as, the influences and the impact of that pregnancy on their life's and, later on, we crossed the knowledge retrieved of the literature review with the data collected on this empiric study.

With this group we verified that, in fact, there were similarities on the life stories inside the two groups analyzed, as well as, intergroup and intragroup differences. There were influences, of that not normative situation, on the life projects and courses of those who have been pregnant as teenagers. In the case of the pregnant teenagers although they don't consider that their life projects don't became reality as they design it, they recognize *a priori* that it's going to be some impacts on their life courses, but nothing that will change them on its essence. However their perception for a solution, to the possible difficulties and adjustments that might influence their life projects, pass by some external help, specifically of their parents.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice Geral	v
Índice de Tabelas	vii
Introdução	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Capítulo 1	3
1.1 - A adolescência: uma das fases do ciclo vital	3
1.2 - Projectos de vida na adolescência	9
1.3 - Gravidez e maternidade	11
1.4 - Gravidez e maternidade na adolescência: factores individuais, familiares e relacionais	14
1.5 - Acontecimentos e tomadas de decisões no processo de gravidez na adolescência	18
1.6 - Consequências da gravidez e maternidade na adolescência	21
ESTUDO EMPÍRICO	25
Capítulo 2 – Concepção do Estudo	25
2.1 Questões de Investigação	25
2.2 Objectivos de Investigação	25
2.3 Metodologia do estudo	26
2.4 Desenho da Investigação	27
2.5 Técnica de Recolha de Dados	28

2.6 Análise de Conteúdo	29
Capítulo 3 - Metodologia	30
3.1 Participantes no estudo	30
3.2 Técnica de Recolha de Dados	40
3.3 Procedimento de Análise de Conteúdo	41
Capítulo 4 - Resultados	42
4.1 Apresentação e Análise dos Dados	42
4.2 Discussão dos Resultados	71
CONCLUSÕES	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS	88
Anexo A – Consentimento Informado	
Anexo B – Guião da Entrevista (1)	
Anexo C – Guião da entrevista (2)	
Anexo D – Transcrição das Entrevistas (Joana e Sílvia)	
Anexo E – Transcrição das Entrevistas (Paula e Inês)	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A1) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	44
Tabela 2 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A2) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	45
Tabela 3 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A3) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	47
Tabela 4 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A4) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	48
Tabela 5 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A5) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	49
Tabela 6 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B1) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	50
Tabela 7 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.1) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	50
Tabela 8 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.2) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	51
Tabela 9 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.3) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	52
Tabela 10 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.4) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	53
Tabela 11 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B3) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	54
Tabela 12 - Apresentação dos dados relativos à categoria (C1) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	55
Tabela 13 - Apresentação dos dados relativos à categoria (C2) do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”	57
Tabela 14 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A1) do grupo “grávidas adolescentes”	59
Tabela 15 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A2) do grupo “grávidas adolescentes”	60

Tabela 16 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A3) do grupo “grávidas adolescentes”	61
Tabela 17 - Apresentação dos dados relativos à categoria (A4) do grupo “grávidas adolescentes”	62
Tabela 18- Apresentação dos dados relativos à categoria (A5) do grupo “grávidas adolescentes”	62
Tabela 19 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B1) do grupo “grávidas adolescentes”	63
Tabela 20 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.1) do grupo “grávidas adolescentes”	64
Tabela 21 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.2) do grupo “grávidas adolescentes”	64
Tabela 22 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.3) do grupo “grávidas adolescentes”	65
Tabela 23 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B2.4) do grupo “grávidas adolescentes”	66
Tabela 24 - Apresentação dos dados relativos à categoria (B3) do grupo “grávidas adolescentes”	66
Tabela 25 - Apresentação dos dados relativos à categoria (C1) do grupo “grávidas adolescentes”	68
Tabela 26 - Apresentação dos dados relativos à categoria (C2) do grupo “grávidas adolescentes”	69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de compreender, através da metodologia de histórias de vida, se e de que forma é que a gravidez e/ou maternidade na adolescência, influenciou ou influenciou os projectos e percursos de vida dessas mesmas adolescentes, bem como conhecer a ou as causas que levaram à ocorrência desse acontecimento, quer no grupo “mulheres que foram mães adolescentes” quer no grupo “grávidas adolescentes”. Sabendo que o envelope temporal que separa estes dois grupos é de mais de vinte anos, procurámos também saber se essas causas são ou não semelhantes.

Falamos de gravidez e maternidade na adolescência é pensarmos num mundo infinito de transformações e incertezas. Esta é uma temática em desenvolvimento e cada vez mais uma preocupação nas sociedades ocidentais.

Em algumas culturas, a maternidade precoce é uma necessidade, sendo desejada e aplaudida por todos, servindo como um ritual de passagem da rapariga do seu estado adolescente para um estado adulto perante toda a sociedade (Gernez e Duwat, 1974; citado por Pereira, 2001). No entanto, noutras sociedades (como aquela onde nos incluímos) tal facto não é normal nem tão bem aceite, de forma que se tente justificar por imaturidade física, alterações psicológicas, falta de informação, falta de acesso aos métodos contraceptivos, ou como uma forma de superar um mau ambiente relacional. Uma experiência sexual pode resultar numa gravidez, podendo esta ser para muitos jovens uma forma de desafiar a própria família e tentarem construir o amor, o carinho e a atenção que nunca tiveram até ali, investindo tudo naquela gravidez e naquele bebé que será como uma *tábua de salvação* (Pereira, 2001).

O facto de ocorrer uma gravidez e maternidade na adolescência, na sociedade ocidental, poderá trazer alterações à vida da jovem, que poderá passar por um aumento da sua responsabilidade, privando-a de ser e de viver como todas as outras jovens da sua idade, nos contextos sociais onde isto é visto como não normativo. Poderá conduzir a abandono escolar, conflitos familiares, sentimentos de culpa, decepções, preocupações acrescidas, afastamento do grupo de pares e da escola, casamento forçado ou interrupção de namoro, condicionando e moldando totalmente a sua vida. É aqui, do projecto ao percurso de vida, que se encontra o cerne do nosso estudo e é através dele que vamos tentar perceber, afinal o que muda na vida de uma adolescente.

Assim, este trabalho encontra-se dividido da seguinte forma:

Primeiro temos o enquadramento teórico, no qual se encontra o primeiro capítulo, onde se pretende visitar autores e conceitos prementes ao nosso estudo e à temática em causa. Procurando desta forma contextualizar e fundamentar o subsequente. Posteriormente temos o estudo empírico, onde no segundo capítulo explanamos as nossas opções metodológicas fundamentadamente e com enquadramento teórico. Ali, procurámos explicar de forma pormenorizada a construção do projecto de investigação e do seu processo, cumprindo de certa forma um dos requisitos base da investigação qualitativa que é a descrição e explanação do processo, de forma a dar-lhe a devida cientificidade. Num terceiro capítulo, reportamo-nos aos participantes, à técnica de recolha de dados e ao procedimento de análise de conteúdo. E, no quarto capítulo apresentamos os resultados que obtivemos com o nosso estudo e fazemos uma exposição dos mesmos já intercalando ideias, mas sem delas retirar conclusões ou inferências. Para, posteriormente e ainda no mesmo capítulo apresentarmos a discussão sobre os mesmos.

Por fim apresentamos as conclusões do trabalho. Aqui, não pretendemos, de forma alguma, obter generalizações com o estudo, no entanto alguns dados entram em concordância com o que outros autores apuraram ou defendem, podendo daí retiraram-se ainda mais profundas conclusões. Também neste capítulo, pretendemos expor, naturalmente as linhas de investigação e as questões que no decorrer e após o estudo nos foram surgindo e que, cumpre expor para futuros trabalhos. Terminámos o nosso trabalho com a referida bibliografia que analisámos e citámos ao longo do mesmo.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1

1.1 - A adolescência: uma das fases do ciclo vital

A palavra adolescência tem a sua origem no latim “adolescere” que quer dizer “fazer-se homem/mulher” ou “crescer na maturidade” (Bueno, n/ data, p.2). Esta etapa da vida humana só foi considerada como uma etapa distinta do desenvolvimento a partir do final do século XIX (Bueno, n/data).

Nos dias de hoje caracteriza-se a adolescência como uma época da vida humana marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, afectivas, intelectuais e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural. Acima de tudo, e para além de uma fase, a adolescência é um processo com características próprias, dinâmico, de passagem entre a infância e a idade adulta (Bueno, n/data). É nesta fase da vida que se vai tentar formar a noção de “eu”, ou seja, a própria identidade. É uma fase de identificação em que já não se é criança, mas ainda não se é adulto e em que tudo pode acontecer. Trata-se de uma etapa da vida humana onde se estruturam valores, afirmam identidades e desenvolvem atitudes e comportamentos, com vista a uma transição para a vida adulta.

Lourenço (1998, p. 21) citando Benoit et al (1988, p.3) refere que “entre a infância e a idade adulta, a adolescência caracteriza-se por um processo de maturação que dá ao indivíduo a possibilidade de adquirir o conjunto de elementos que lhe permitem autonomizar-se em relação à família de origem. Estes elementos são de ordem psicológica, económica, profissional e cultural (...)”.

Segundo Major (2002, citado por Reis, 2007) e Fabião (2008) a adolescência é um período que envolve mudanças físicas, psíquicas e sociais que levam à transformação progressiva do corpo e mente de uma criança no corpo e mente de um adulto. Estas transformações não acontecem de um momento para o outro, as mesmas vão sendo construídas ao longo de um determinado envelope temporal que é variável, estando relacionadas com a época, a sociedade e o contexto cultural da mesma, a geração e a própria

família no qual o indivíduo está inserido. Por esta e outras razões, a adolescência é um período para o qual não existe um limite etário definido, quer no que respeita ao seu início, quer ao seu fim, não havendo, assim, consenso relativamente à sua delimitação (Lourenço, 1998).

A adolescência é uma fase da vida que não é vivenciada de igual forma por todas as pessoas, uma vez que as diversas modificações não são aceites da mesma maneira por todos os adolescentes (Watarai, 2005). Enquanto uns aceitam com naturalidade e alguma adaptação, outros há que não se identificam com tais mudanças (Major, 2002, cit. por Reis, 2007; Fabião, 2008).

Nesta fase o grupo de pares é de extrema importância, uma vez que os adolescentes recorrem uns aos outros para esclarecimento de dúvidas que surgem relativas às mudanças que os estão a acompanhar (Coleman, 1975, cit. por Watarai, 2005). Os anseios e dúvidas que se levantam podem gerar alguns conflitos. Para uma resolução dos mesmos, calma e serena, muito contribui o facto de esses adolescentes viverem num “quadro de referências familiares, escolares, sociais estável e estruturado (Cordeiro, 1982; cit. por Fabião, 2008, p.28).” Como nesta fase existe uma necessidade de auto-confirmação perante a sociedade, muitas vezes os jovens tomam determinadas atitudes que, se não forem vistas como tal, e caso a sua família não possua estabilidade psicológica e social suficiente, os seus adolescentes poderão, então, viver sob revolta por não se sentirem compreendidos (Cordeiro, 1982; cit. por Fabião, 2008).

Na sequência da questão dos pares, nesta fase da vida, é normal que estes se tornem mais relevantes para o adolescente em detrimento da família, uma vez que é através deles que os adolescentes tentam tirar as dúvidas que lhe surgem relativamente a vários assuntos, principalmente aqueles que se encontram relacionados com as mudanças implícitas da adolescência. Tudo isto acaba por causar um afastamento entre pais e filhos adolescentes que, se não for devidamente acompanhado, pode levar a um afastamento comunicativo entre os mesmos (Fabião, 2008). Neste sentido torna-se importante que os pais consigam perceber esse distanciamento e que não o percepcionem como desinteresse afectivo, uma vez que este distanciamento é normal no ciclo vital e acaba por ser transitório. Os filhos crescem e desenvolvem-se, tornando-se progressivamente em pessoas adultas. Durante este processo é natural que os jovens tenham curiosidades acerca das transformações pelas quais estão a passar, nomeadamente em questões relativas à sexualidade, devendo os pais abordarem e

esclarecerem os assuntos que despertam essa curiosidade de forma aberta e o mais natural possível, de modo a desmistificarem determinados preconceitos e não encarando como tema tabu (Reis, 2007).

Uma das mudanças que ocorre na adolescência é a sexualidade. É nesta fase do ciclo de vida que os indivíduos se tornam sexualmente activos e que acabam por criar novas relações afectivas com o sexo oposto. Tudo isto, também vai implicar no tal distanciamento afectivo e psicológico para com os pais e toda a família em geral, acabando por provocar algum desequilíbrio familiar. A quantidade de relações fora do sistema familiar vai acentuar esse distanciamento e o indivíduo vai acabar por procurar a sua independência económica, tentando, posteriormente, formar o seu próprio núcleo familiar, terminando assim no seu distanciamento físico dos pais.

Devido a todas estas mudanças físicas, que têm a ver com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários; psicológicas, relacionadas com “alterações qualitativas e quantitativas relativas ao pensamento formal, formação do pensamento hipotético-dedutivo e ao alargamento das perspectivas temporais” (Mendes, 1998; cit. por Fabião, 2008:29); e sociais, o indivíduo vai efectuando a sua maturação tornando-se cada vez mais autónomo e menos dependente dos pais, uma vez que vai construindo a sua própria identidade, vincando a sua postura social (Fabião, 2008; Coleman, 1979 e Pais, 2003 cit. por Watarai, 2005).

Segundo Jonhson (1999, cit. por Fabião, 2008, p.29) este processo de maturação necessário para que uma criança se desenvolva e chegue à fase adulta, implica sete tarefas de desenvolvimento: “Aceitação da imagem corporal; Aceitação da identidade sexual; Desenvolvimento de um sistema de valores próprios; Preparação para construir uma vida; Independência dos pais; Desenvolvimento das capacidades das tomadas de decisões; Desenvolvimento da Identidade adulta”.

Relativamente às alterações biológicas e físicas, estas acontecem:

“ quando o hipotálamo (região da base do cérebro que controla o funcionamento de importantes actividades do organismo) estimula a glândula hipófise a segregar determinadas hormonas que, por sua vez, estimulam os ovários, testículos e glândulas adrenais a produzir hormonas que vão estimular o rápido processo de crescimento em altura e aumento de peso, denominado “surto de crescimento” dos adolescentes” (Reis, 2007, p. 40).

Este surto de crescimento é um sinal do início da pubescência, altura em que se inicia o começo da maturidade reprodutiva. A puberdade é o período que se segue à pubescência, o qual é caracterizado “pelo processo de maturação das características físicas e sexuais” (Reis,

2007, p.40), que por conseguinte permite que o indivíduo obtenha a capacidade reprodutiva. Durante este processo de maturação surgem as características sexuais primárias e as secundárias. As primárias, relacionadas directamente com a reprodução, evidenciam-se, nas meninas, pelo desenvolvimento dos ovários, útero e vagina, ao passo que nos meninos focam-se no desenvolvimento dos testículos, próstata e produção de esperma. Relativamente às características sexuais secundárias, nas raparigas relacionam-se com o crescimento das mamas, o aparecimento de pêlos púbicos e axilares e a menarca (primeira menstruação), enquanto nos rapazes dá-se o crescimento gradual do pénis e dos testículos, o aparecimento dos pêlos púbicos, axilares e faciais e as mudanças da voz (Duarte, 1993, cit. por Reis, 2007).

Durante todas estas alterações profundas no corpo de um adolescente, as quais são visíveis por toda a sociedade, é importante que os pais ou adultos que rodeiam o próprio adolescente consigam ajudá-lo a identificar-se com estas mudanças, de modo que as encare como o mais natural possível, de forma a conseguir uma aceitação mais rápida da sua nova imagem.

Existem múltiplos factores que estão implicitamente relacionados com o início e a duração desta fase no ciclo de vida de cada indivíduo, nomeadamente factores hereditários e ambientais. Como tal cada indivíduo acaba por realizar o seu desenvolvimento de uma forma única na qual interfere a família, a sociedade, o grupo de pares, a etnia, a religião, a condição sócio-económica, entre outras.

Major (2002, cit. por Reis, 2007) refere, também, que a adolescência é um período de transformações e modificações ao nível de atitudes, intenções e comportamentos, no qual o jovem procura um sentido para a sua vida, procurando construir o seu próprio quadro referencial com o desejo constante de afirmação e autonomia, principalmente perante os pais. Estes, por sua vez, têm um papel crucial no desenvolvimento do seu filho. E, no que respeita à sua autonomia, os mesmos devem regular a sua autoridade parental de forma a diminuir-la progressivamente dando oportunidade para que o seu filho se transforme num adulto autónomo e responsável (Reis, 2007).

A adolescência é também uma fase na qual os adolescentes se sentem no centro de tudo, incompreendidos por tudo e todos, pensando de forma egocêntrica. Esta forma de estar e pensar propicia-lhe um sentimento de invulnerabilidade, tendo a ideia que nada de mal lhes acontece e que podem experimentar tudo sem terem a consciência que poderão estar a correr

riscos. Assim, os seus comportamentos são pouco reflectidos, não tendo em conta as consequências que deles podem advir, podendo exporem-se a comportamentos de risco como o sexo desprotegido, uso e abuso de álcool e drogas, entre outros (Sprinthall & Collins, 1994, cit. por Reis, 2007).

Relativamente à sexualidade, é importante que durante esta fase, seja o adolescente a tomar as suas decisões, tentando inculcar-lhe a ideia que devem ser decisões tomadas tendo em consideração todos os riscos que podem surgir perante determinadas opções. Ou seja, é necessário dar um certo espaço ao adolescente, no entanto o adulto deve manter-se atento, tentando acautelar a sua segurança. Para tal há que prevenir, esclarecendo os adolescentes acerca dos riscos que podem correr perante determinadas decisões que possam tomar, nomeadamente alertar para os riscos ligados às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada (Fabião, 2008).

Os jovens devem ser informados, educados e orientados sobre a sexualidade, no entanto existe ainda a ideia de que abordar o assunto proporciona um início precoce da sua actividade sexual. A verdade é que a informação e a educação sexual irão proporcionar, certamente, uma capacitação para que estes jovens tenham uma sexualidade muito mais responsável (Reis, 2007).

Segundo Lerner & Spanier (1980, cit. por Reis, 2007), a educação sexual que contempla conhecimento, valores e competências de ordem sexual deve ser da responsabilidade dos pais (primeiros educadores do jovem), da escola e dos técnicos de saúde. No entanto, muitas vezes os jovens recorrem aos grupos de pares, os quais nem sempre são uma fonte segura de informação, levando à criação e perpetuação de mitos sobre o assunto.

Um factor fundamental para que se viva uma sexualidade plena na adolescência passa pelo uso de métodos contraceptivos, os quais ajudam a prevenir doenças sexualmente transmissíveis, bem como gravidezes indesejadas. A informação acerca da contracepção deve ser clara e objectiva de modo a que os jovens consigam perceber a forma mais adequada de como a devem utilizar. No entanto, Reis (2007, p. 53) afirma que “conhecimentos sobre sexualidade, contracepção e reprodução não conduzem, necessariamente, a que os jovens pratiquem sexo seguro”. O mesmo autor refere que vários estudos realizados no Brasil demonstram que os adolescentes até têm conhecimento sobre a contracepção, no entanto conhecê-los não significa saber utilizá-los correctamente. Num estudo de Cabral (2003, cit. por Reis, 2007) concluiu-se que todos os entrevistados

conheciam algum método contraceptivo, especificando que já “tinham ouvido falar”, no entanto, relativamente ao modo da sua utilização, este não era realizado da forma mais correcta.

Assim, percebemos que embora haja comunicação e informação acerca da sexualidade na adolescência, certo é que continua a haver a necessidade de uma abordagem do tema mais aberta e sem preconceitos, na qual se devem envolver todas as esferas que rodeiam o jovem, ou seja, pais, comunidade, escola, serviços de saúde e sociais. Todos estes subsistemas devem, pois, encontrar estratégias que permitam a compreensão, da parte do adolescente, da importância de uma boa saúde sexual, possibilitando aos jovens tomar decisões ponderadas e responsáveis, garantindo uma vivência saudável da sua sexualidade (Reis, 2007).

A sexualidade é um conceito que encerra em si mesmo uma certa complexidade própria, uma vez que se refere à forma como cada indivíduo se relaciona consigo e com os outros na busca do amor e da sua realização íntima. Assim, a sexualidade entra na esfera de outros sentimentos do indivíduo, podendo implicar repercussões ao nível da saúde física e mental do próprio. Desta forma, há que ter especial atenção na fase da adolescência, uma vez que sentimentos mal resolvidos podem acarretar consequências emocionais e psicológicas no jovem.

A sexualidade vivida de forma plena e saudável é uma mais-valia na vida de qualquer indivíduo. Assim, é relevante uma abordagem positiva relativamente à sexualidade, principalmente na fase da adolescência, sem descuidar o estímulo ao respeito mútuo nas relações interpessoais. Desta forma passa-se ao jovem uma visão de uma sexualidade responsável, a qual para além do corpo envolve as relações afectivas, a história e a cultura.

1.2 - Projectos de vida na adolescência

O termo projecto de vida está implicitamente relacionado com linhas orientadoras pré-estabelecidas pelo sujeito, as quais pretende que sejam alcançadas a curto ou a longo prazo, durante a sua vida, isto é, desejos, sonhos, pretensões, anseios e aspirações de algo que a pessoa ambicione concretizar no futuro (Venturini, 2010; Reis, 2007).

Panicali (2006, p. 26), citando Pinto (2002) refere que o “projecto de vida é uma forma de inclusão do adolescente no universo social com vistas ao bem-estar, felicidade e crescente aprimoramento individual ou colectivo”.

Cada ser humano é único e para esta qualidade de unicidade muito influencia o quadro referencial de valores com o qual cada indivíduo se identifica, bem como o contexto histórico, cultural e social em que ele está inserido. Assim, o projecto de vida de cada um é, também, ímpar, uma vez que cada pessoa traça o caminho e as metas que pretende percorrer e alcançar. Neste sentido, o indivíduo, de forma a conseguir os seus objectivos, poderá tentar construir o seu próprio projecto de vida, traçando metas e tentando alcançá-las, ou simplesmente deixar que a própria vida e, conseqüentemente, os acontecimentos desta se encarreguem de ditar o seu projecto e, por consequência, o seu percurso de vida (Reis, 2007).

Reis (2007), citando Nascimento (2006), refere que, quer o projecto de vida quer a própria identidade do adolescente vão sendo edificados mutuamente. Assim, e segundo este autor, os projectos de vida começam a ser idealizados pelos pais do indivíduo, ainda na infância, projectos esses que vão sofrendo alterações e adaptações à medida que o próprio indivíduo se vai desenvolvendo e, conseqüentemente, construindo a sua própria identidade, moldando esse projecto aos seus gostos e às suas preferências, não esquecendo o seu quadro referencial.

O mesmo autor defende, ainda, que é através do seu projecto de vida que cada pessoa se conhece e se dá a conhecer aos outros e ao mundo, pois as suas aspirações acabam por estar reflectidas nas suas atitudes, escolhas e opções, quer a nível profissional, quer pessoal.

Assim, Pinto (2002), cit. por Panicali (2006) afirma que a tríade educação, emprego e família são os pontos basilares do projecto de vida de um adolescente. No entanto, um estudo efectuado por Bock & Liebesny (2000), cit. por Panicali (2006) demonstra que o factor educação (estudos) está intimamente relacionado com o factor emprego (trabalho).

Assim, um bom nível educacional poderá pressupor oportunidades de emprego que, caso contrário, poderiam não surgir. Reis (2007, p. 46), citando Cardoso e Cocco (2003) afirma que “os adolescentes também percebem a escolarização como uma forma de melhorar a qualidade de vida no trabalho e o trabalho como fonte de sobrevivência e forma de ascensão social. Reis (2007, p. 46) cita um estudo realizado por Nascimento (2006), onde o autor refere que “as adolescentes consideraram que, para realizarem o seu projecto de vida, é necessário garantir educação e trabalho para uma vida melhor.”

Actualmente ainda existe uma certa associação de projecto de vida apenas à profissão, ao emprego, por isso ainda é muito frequente ouvir perguntar: - Afinal o que é que queres ser quando fores grande? Esta é a questão que mais se houve quando queremos saber quais os projectos futuros dos nossos filhos ou de alguém que nos é próximo, logo desde pequeninos. No início, com certeza que ouvimos as mais variadas respostas e, quase sempre, nesta altura, as crianças acabam por responder de uma forma aleatória. No entanto, e à medida que a criança se desenvolve e passa a adolescente, como referimos anteriormente, a sua identidade vai-se construindo e consolidando e as suas opções vão sendo efectuadas de acordo com os seus sonhos, desejos e objectivos, adaptando e moldando o seu projecto de vida, tendo em conta as consequências das mesmas (Venturini, 2010).

Como já referimos, durante a infância, os pais acabam por idealizar o projecto de vida do seu filho, embora, mais tarde, o adolescente, à medida que vai fazendo as suas opções de vida, o vá adaptando e moldando à sua identidade. Assim, “ a construção do projecto de vida individual é um factor muito importante na organização da vida pessoal. A família é o primeiro actor neste contexto. A organização da família, o apoio que a família consegue proporcionar para as crianças e adolescentes é de fundamental importância para o desenvolvimento adequado dos indivíduos e para que eles alcancem uma juventude saudável e com os direitos e deveres que todo o cidadão deve ter na sua sociedade (Reis, 2007, p. 47).”

1.3 - Gravidez e maternidade

A gravidez e a maternidade são conceitos distintos que, também, acarretam responsabilidades diferentes. No que diz respeito à duração temporal, ao passo que a primeira dura sensivelmente nove meses, a segunda assume-se como um projecto para toda a vida. Do ponto de vista psicológico, tanto um como o outro, são processos dinâmicos, de construção e desenvolvimento.

A gravidez trata-se de um estado normal, fisiológico, embora provoque nas mulheres grandes modificações não só do útero mas também em todo o corpo ao nível físico e psíquico. Corresponde a um período de 280 dias, 40 semanas ou 9 meses mais ou menos 14 dias, ou ainda 266 dias a contar da data de ovulação (Welford, 2004).

A partir do momento em que estejam reunidas as condições fisiológicas e ambientais apropriadas, a gravidez pode ocorrer, independentemente da idade da mulher (Sarmiento, 1990; citado por Welford, 2004).

Segundo Kahhale (1997) citado por Bueno (n/data) a gravidez representa um período importante e com muitos significados, uma vez que é através dela que o homem e a mulher se definem e identificam como tal, permitindo a continuidade da família e a criação de um novo ser.

A gravidez, psicologicamente, é a preparação para ser mãe, é ensaiar cognitivamente papéis e tarefas maternas. Os nove meses de gravidez vão proporcionar ensaios, ligações, ansiedades, fantasias e reflexões, que permitem que o projecto de maternidade se continue a construir e a consolidar de forma contínua. Por sua vez, a maternidade assume uma maior visibilidade nos primeiros anos da criança. Isto acontece devido à necessidade de um grande número de cuidados necessários para o seu crescimento harmonioso, a oferta de amor, interesse, partilha e responsabilidade (Canavarro, 2001).

Segundo Noam (1996) citado por Canavarro (2001), o conceito de maternidade está associado ao ser mãe/pai pois a própria gravidez e principalmente a maternidade são responsáveis pela continuidade/descontinuidade, protecção/separação e autonomia.

Já a Grande Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (2001, p.223, cit. por Fabião 2008) refere-se à maternidade como sendo “(...) um fenómeno biológico que se divide em três momentos: inicia-se com a concepção, prolonga-se durante o período de gestação do feto e culmina com o parto, do qual resulta o nascimento da criança, ou seja, a separação completa

do ventre materno”. Por outro lado, Stern e Bruschiweiller-Stern (2000) citado por Fabião (2008) referem-se à maternidade como a um processo de transformação psicológica que vai ocorrendo a partir do início da gravidez e através do qual a mãe vai construindo na sua mente, a nível profundo e psíquico, o conceito de ser mãe. Ou seja, acaba por construir uma nova identidade de si mesma, a qual possui uma nova dimensão. Assim, uma mãe não nasce no momento do nascimento do seu filho, uma mãe vai-se formando a partir do momento em que sabe da sua gravidez, criando a partir daí uma nova consciência de um novo papel que terá de desempenhar. Esta nova consciência do ser mãe vai-se enraizando com o passar dos meses da gravidez e intensificando a partir do nascimento do bebé. Assim, os primeiros meses de contacto com o seu filho vão consolidando esse papel e essa consciência que, dependendo das interações, se vai intensificando e consolidando.

A nível psíquico há uma organização que estipula tudo o que mais nos interessa, aquilo de que mais ou menos gostamos, o que nos sensibiliza, enfim como reagimos a determinadas situações com as quais nos deparamos no dia-a-dia. Segundo Fabião (2008) as várias teorias psicológicas defendem todas que a maternidade vai trazer algumas modificações à organização psíquica pré-existente, modificações essas que entram num campo de experiências apenas conhecidas por quem é mãe. Estas experiências relacionadas com a maternidade vão alterar a organização psíquica existente anteriormente, dando lugar à formação de uma nova organização psíquica. Um filho traz muitas modificações na vida da sua mãe, uma vez que esta terá de repensar as suas prioridades, os seus gostos, os seus valores e, muitas vezes, as suas relações em função de um novo ser. Nesse momento existe também a necessidade desta mãe em reconsiderar o seu papel no seio de uma nova família que acabou de criar. A mulher que até agora era filha passa também a ser mãe e, a partir desse momento, o papel de mãe vai sobrepor-se ao de filha, passando este para segundo plano. No início a nova mãe poderá sentir alguma ansiedade e medo uma vez que se sente responsável por um novo ser que depende de si para sobreviver. No entanto, com o passar do tempo e com o desenvolvimento do seu bebé ela vai criando a confiança necessária para o bom desempenho do seu papel. Tudo isto, através do desenvolvimento de diversos mecanismos e estruturas que ela própria vai criando para melhorar a sua relação com o seu filho (Fabião 2008).

A nova mãe é vista, perante a sociedade em geral e a sua família original em particular, como uma pessoa que, para além de ser responsável por si mesma, tem ainda a responsabilidade de um outro indivíduo que depende de si. Assim, o olhar da sociedade

perante o papel da maternidade é bastante exigente, no qual não são, nem podem ser, descuradas tarefas tais como a educação e o cuidado dos filhos a vários níveis, podendo e devendo, no entanto, tais tarefas serem partilhadas com o pai da criança.

A maternidade, só por si, requer uma grande capacidade de adaptação. Se pensarmos na maternidade na adolescência percebemos que essa capacidade de adaptação deva ser ainda maior, uma vez que, para além da adaptação à maternidade e ao que ela implica, tem de haver uma outra capacidade de adaptação a todas as mudanças que nesta fase ocorrem, as quais se relacionam com aspectos fisiológicos, psicológicos, comportamentais e sociais. Aqui, o apoio da família, da escola, do grupo de pares e dos profissionais de saúde, é crucial para a adolescente.

Importa referir que tudo o que se disse anteriormente pode ser variável, uma vez que as representações com que cada mulher caracteriza a gravidez e a maternidade dependem de diversos factores, nomeadamente, históricos, socioculturais, genéticos e desenvolvimentais (Canavarro, 2001).

1.4 - Gravidez e maternidade na adolescência: factores individuais, familiares e relacionais

O fenómeno da gravidez na adolescência sempre existiu, sendo actualmente considerado um grave problema social associado à baixa escolaridade, desemprego ou emprego precário e pobreza.

Na maior parte dos casos a gravidez na adolescência não é planeada e ocorre quase sempre fora de um casamento. Mesmo assim, na sua maioria, ela é levada até ao fim e, muitas vezes, é precedida de outra em pouco tempo (Pereira, 2001).

De um modo global tem-se assistido a um decréscimo da gravidez e da natalidade na população adolescente. Este facto está implicitamente relacionado com a eficácia da educação sexual, a maior utilização de contracepção, a menor actividade sexual devido ao medo das doenças infecto-contagiosas e o maior recurso ao aborto (Pereira, 2001).

No que diz respeito a Portugal, a taxa de fecundidade das adolescentes está também a sofrer um decréscimo, embora os números ainda sejam considerados preocupantes.

No final dos anos 60 foram realizadas investigações sobre o tema da gravidez na adolescência e através delas obtinha-se uma perspectiva catastrófica, pois pensava-se que qualquer gravidez que ocorre-se na adolescência era de alto risco quer para a mãe quer para a criança (Pereira, 2001).

Recentemente, na continuidade e aperfeiçoamento desses estudos, chega-se a novas conclusões. Obtém-se assim uma perspectiva diferente da anterior, onde a gravidez na adolescência se revela um fenómeno multideterminado, com resultados desenvolvimentais muito diferentes. Assim sendo, e tendo presente que na realidade a gravidez e maternidade na adolescência acarretam alguns riscos, é facto que nem todas as adolescentes vivem a gravidez da mesma maneira, de modo que algumas delas juntamente com os seus filhos saem penalizadas a vários níveis, enquanto outras conseguem ultrapassar todas as adversidades e exigências que uma gravidez na adolescência comporta (Pereira, 2001).

Durante esta fase do ciclo de vida existem factores e diversos aspectos que têm sido associados e parecem estar subjacentes à gravidez na adolescência. De entre os quais destacam-se: factores individuais, factores familiares e factores relacionais.

No que respeita aos factores individuais estes estão directamente relacionados com o indivíduo. Assim, para que uma gravidez possa ocorrer é necessário que a mulher seja fértil. O que muitas vezes acontece é a associação do início da puberdade com o início da fertilidade

que não ocorre habitualmente em simultâneo. O início da puberdade está relacionado com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários e com as primeiras ovulações e menstruações, enquanto o início da fertilidade não apresenta indicadores externos notórios. Assim sendo, pode concluir-se que quando a mulher engravida já se encontra em plena puberdade (Pereira, 2001).

Segundo Gernez e Duwat (1974) citado por Pereira (2001) alguns factores como a raça, o clima e aspectos diversos relacionados com as condições de vida influenciam o início da puberdade bem como o da fertilidade. Normalmente, a puberdade inicia-se entre os 11 e os 16 anos, embora haja casos em que ela acontece precocemente, o que vai implicar uma desconformidade muito acentuada entre a idade cronológica e a idade corporal, isto é um corpo de mulher numa idade de criança.

O início precoce da actividade sexual é um outro factor que está subjacente à gravidez na adolescência, uma vez que se tem constatado que, as adolescentes que engravidam, iniciam mais cedo do que o restante grupo de adolescentes a actividade sexual. Aqui está implícito a intervenção de factores culturais, sociais, emocionais e relacionais.

A etnia a que cada jovem pertence é um factor a ter em conta uma vez que a taxa de gravidez parece ser maior entre as jovens de raça negra e as de etnia cigana, embora nestes grupos étnicos, a maternidade precoce é bem aceite e mesmo desejada (Gernez e Duwat, 1974, cit. por Pereira, 2001).

Segundo alguns autores referenciados por Pereira (2001) o factor pobreza é o melhor indicador de gravidez na adolescência. Esta conduz a um ambiente comunitário empobrecido onde um ambiente familiar de harmonia e os recursos para o fornecimento de cuidados parentais adequados não existem. A este factor está ainda inerente a existência de raras oportunidades culturais, um fraco ambiente educativo, onde a escola é desvalorizada e devido ao facto de haver poucos recursos monetários existe uma pressão acentuada para o início de uma actividade profissional.

Segundo Pereira (2001), em meios socioeconómicos desfavorecidos a gravidez na adolescência serve como meio para um apoio económico do namorado. O que acontece é que muitas vezes uma relação com um rapaz é um modo de conseguir a subsistência da jovem e muitas vezes da família desta.

Outros factores, segundo Lourenço (1996, cit. por Pereira, 2001), associados à gravidez nesta faixa etária são factores de ordem sócio-emocional. As adolescentes grávidas têm geralmente um grande sentimento de desvalorização e uma baixa auto-estima.

Tobias e Ricer (1999, cit. por Pereira, 2001) dizem que a maturidade cognitiva é também um factor determinante na ocorrência deste fenómeno. Devido ao facto de elas pensarem no concreto e ainda não conseguirem ter um pensamento abstracto estruturado, leva a que não pensem nas consequências a longo prazo dos seus comportamentos sexuais de risco.

Devemos ainda referir que associado à gravidez na adolescência estão comportamentos problemáticos como o uso de álcool e drogas (Pereira, 2001), bem como diagnósticos de perturbação do comportamento, comportamentos delinquentes e abuso ou dependência de substâncias (Pereira, 2001).

O percurso escolar é também importante para percebermos o fenómeno da gravidez na adolescência. Geralmente as adolescentes grávidas, para além de terem menos sucesso no seu percurso escolar, têm objectivos e traçam metas pouco ambiciosas para a sua vida académica, comparativamente com as adolescentes que não experienciam o fenómeno da gravidez nesta faixa etária (Pereira, 2001). É preciso salvaguardar que a escolaridade depende muito da situação socioeconómica onde está inserida, uma vez que a este factor está associado o facto de estas jovens frequentarem escolas com poucos recursos, nas quais estão inseridas em turmas onde a aptidão dos alunos é mais baixa, onde a estimulação por parte dos professores não será a ideal, podendo mesmo vir a serem rotuladas negativamente (Pereira, 2001).

Segundo Canavarro e Rolim (2000) citado por Pereira (2001) muitas das adolescentes que engravidam já não frequentam a escola e nem sequer têm um projecto de vida futura. Em contrapartida as jovens que fazem um percurso académico prolongado, têm menos probabilidade de serem sexualmente activas, e quando o são utilizam contraceção ou recorrem ao aborto no caso de uma gravidez indesejada (Manlove, 1998, cit. por Pereira, 2001).

Relativamente aos factores familiares, a situação familiar tem influência no que diz respeito ao fenómeno da gravidez na adolescência. Segundo Pereira (2001), estas jovens, na sua maioria, têm uma família numerosa, disfuncional e com problemas socio-económicos.

Existem factores de risco que são considerados indicadores para a gravidez precoce, entre eles: ambiente familiar caracterizado por stress, pressão e conflito; maior disfuncionalidade e

rigidez; abuso físico, sexual e emocional e baixa qualidade da relação entre pais e filhas (Pereira, 2001).

Por último vêm os factores relacionais. Aqui, quando as adolescentes fazem a sua escolha em relação ao seu parceiro, na sua maioria, eles são mais velhos do que elas, têm uma educação deficitária e baixas qualificações profissionais, sendo ainda que alguns deles estão relacionados à delinquência. Todos estes factores são significativos para a ocorrência de gravidez na adolescência (Pereira, 2001).

Segundo Peltzer e Likwa (1992, 1993) citado por Pereira (2001), comparando as adolescentes que não engravidam nesta fase com as jovens que são mães durante a adolescência, estas começam a namorar mais cedo e têm um maior número de parceiros. Para além disso, as grávidas adolescentes idealizam mais o relacionamento amoroso (Garrett & Tidwell, 1999, cit. por Pereira, 2001) e não equacionam o amor e a intimidade conjuntamente com actividade sexual (Harris, 1998, cit. por Pereira, 2001). Estas jovens possuem ainda uma visão mais negativa sobre os homens em geral, catalogando-os de irresponsáveis e vêem as mulheres com vítimas do seu domínio. Estes sentimentos e atitudes que estas jovens possuem estão de algum modo associados a experiências pelas quais passaram directa ou indirectamente. Deste modo a maternidade é vista por elas como um refúgio seguro e uma forma de dar e receber amor (Pereira, 2001).

É importante referirmos, ainda, que para estas jovens a relação com a família é mais importante do que a relação com os próprios pares, sendo que têm poucos amigos dos quais a sua maioria não frequenta a escola. Nas relações que estabelecem são submissas e a sua comunicação interpessoal é muito deficitária (Hardy & Zabin, 1991, cit. por Pereira, 2001).

1.5 - Acontecimentos e tomadas de decisões no processo de gravidez na adolescência

A gravidez e maternidade na adolescência pode ser perspectivada como “o produto final de uma série de comportamentos que se iniciam com o estabelecimento de uma actividade sexual e continuam através das relações coitais, contracepção, gravidez e nascimento, e de uma série de decisões conscientes e inconscientes acerca desses comportamentos” (Pereira, 2001, p. 331).

Ao longo deste processo existem momentos chave de tomadas de decisão que podem ser efectuadas pela própria jovem com base em informações correctas, logo mais conscientes; ou ainda tomadas por outros, baseadas em informações desajustadas e incorrectas, que por sua vez são na maioria dos casos inconscientes.

Actualmente temos constatado que o início da actividade sexual ocorre cada vez mais cedo, o que pode ser justificado pela maior disponibilidade de contracepção, a mudança de valores relativamente à sexualidade, à família, aos padrões de casamento e a própria adolescência (Pereira, 2001).

Os factores que influenciam uma adolescente a tornar-se sexualmente activa podem ter origens biológicas e psicológicas.

“ Do ponto de vista biológico, a hipótese da idade da menarca se encontrar associada à actividade sexual não tem sido confirmada de forma redundante” (Pereira, 2001, p. 333). Por outro lado, autores como Garrett e Tidwell (1999), Hardy e Zabin (1991) citados por Pereira (2001) defendem que factores culturais têm influência na percepção da adequação de determinados comportamentos em função da idade e ainda a significação de expressões de intimidade sexual.

Ao nível psicológico, o início precoce da actividade sexual está associado a um nível económico baixo e à existência de outros comportamentos desviantes. Numa perspectiva cognitiva, durante a adolescência, os factores que maior peso têm são a família e o grupo de pares (Pereira, 2001).

A família nuclear nomeadamente os pais são quem tem uma primeira influencia na socialização com comportamentos sexuais. Se houver uma comunicação aberta e receptiva entre mãe e filha, isso aponta para uma diminuição de comportamentos sexuais de risco. Por sua vez, a falta da figura paterna e a permissividade excessiva dada pelos adultos indicam que possa haver um início precoce da actividade sexual. Os pares influenciam as jovens através da

transmissão de normas mais permissivas e pelo modelo de comportamento que fornecem (Pereira, 2001).

A questão da contraceção é importante, sendo também relevante tentar perceber porque é que com tanta oferta de contraceptivos continuam a existir gravidezes na adolescência.

Uma explicação possível é que, embora o uso dos métodos anticoncepcionais esteja a aumentar, as adolescentes que engravidam encontram-se inseridas em grupos que não os usam ou usam incorrectamente e ainda a informação que têm acerca dos mesmos é nula ou errónea (Pereira, 2001).

Uma outra explicação válida para esta questão prende-se com o facto de existência de crenças por parte destas adolescentes em relação às consequências da utilização dos métodos contraceptivos, tais como “o medo de serem perigosos, receio da relação não ser tão intensa ou de parecer planeada, serem da responsabilidade do companheiro e o medo dos pais descobrirem” (Pereira, 2001, p. 336).

Certo é que estar informado acerca do uso de contraceptivos não garante um acto protegido. Assim, embora o adolescente seja detentor de uma vasta informação acerca das vantagens da utilização dos contraceptivos, isso não garante que numa relação sexual o individuo os vá utilizar.

As gravidezes que ocorrem na adolescência são, na sua maioria, não planeadas e indesejadas o que vai implicar que cerca de 40% delas terminem em aborto (Hardy & Zabin, 1991, cit. por Pereira, 2001). No entanto mais de metade das adolescentes leva a sua gravidez até ao fim. É importante então perceber quais os factores que pesam na decisão de enveredar por um ou por outro caminho.

Estes factores são muitos e todos eles são ponderados pelas jovens. São eles: “factores étnicos, morais, religiosos, políticos, a idade da adolescente, o receio sobre as suas capacidades para educar uma criança, o facto de se considerar muito nova para ter um filho, o medo de não conseguir lidar com as reacções da família e dos pares, a percepção dos custos de maternidade, o desempenho e aspirações escolares e profissionais, a percepção de apoio social dos outros significativos e os medos sobre implicações do aborto para a sua saúde e futura fertilidade” (Pereira, 2001, p. 336).

Na generalidade estas adolescentes recorrem ao apoio, em primeiro lugar, da própria mãe e só depois do pai do bebé. Se encontrarem este apoio nestas duas pessoas, normalmente a

gravidez é levada até ao fim, caso contrário o aborto surge como solução (Buchholz & Korn-Bursztyn, 1993, cit. por Pereira, 2001).

As adolescentes grávidas que tomam por opção prosseguir com a gravidez, raramente decidem depois abandonar o filho (Pereira, 2001). Segundo Harris (1998) citado por Pereira (2001) com o passar do tempo, as mães adolescentes acabam por não associar a gravidez e as suas consequências a aspectos tão negativos como pensavam no início da mesma. No entanto, há ainda aquelas adolescentes que optam pela demissão do papel materno. As variáveis que influenciam estas opções são a idade, etnia, nível socio-económico, percurso educativo, percepção do papel materno, estrutura familiar e apoio social (Lourenço, 1996, cit. por Pereira, 2001).

1.6 - Consequências da gravidez e maternidade na adolescência

A gravidez e maternidade na adolescência geram uma dupla crise de desenvolvimento para a jovem adolescente, uma vez que esta não tem as condições físicas, nem psicológicas para encarar a situação. A jovem passa assim por um processo de mudanças relacionadas não só com o desenvolvimento da própria adolescência como se acrescentam a esta o período da gravidez (Corbett, Meyer & Holland, 1987; cit. por Pereira, 2001). Segundo a mesma autora, as relações entre os pares e as relações amorosas, a relação com a escola e a sua carreira e o processo de autonomia interferem também nesta crise.

As grávidas adolescentes tendem a passar por períodos de isolamento social, o que geralmente acontece no período pós-parto, uma vez que as oportunidades de convívio com os pares diminuem, há abandono escolar e desemprego, maiores níveis de stress e tristeza, conflito familiar, dificuldades económicas e por vezes, comportamentos delinquentes (Pereira, 2001). O apoio social é fundamental para que aumente o sucesso da aceitação da sua maternidade, o que gera atitudes e comportamentos maternos mais positivos e uma melhor reacção pós-parto (Bogat, 1998; cit. por Pereira, 2001). Este apoio social prestado às jovens adolescentes, na maioria dos casos, é interligado com o apoio das suas próprias mães e do seu companheiro. O apoio maternal constitui uma importante fonte de aprendizagem e informação útil para a jovem mãe, reduz o stress e ansiedade experimentados pela jovem, desenvolvendo assim uma maior auto-estima desta. Pode vir ainda a facilitar o prosseguimento da escolaridade e a sua realização profissional (Bogat, 1998; cit. por Pereira, 2001). Quanto ao companheiro, a presença deste para a jovem parece revelar-se um contributo para o seu bem-estar geral, embora seja também uma forma de stress para a jovem (Contreras, 1999; cit. por Pereira, 2001).

No que diz respeito ao percurso educativo e profissional, Canavarro & Rolim (2000) citado por Pereira (2001), afirmam que a gravidez na adolescência tem vindo a agravar o abandono escolar, uma vez que estas jovens se sentem pressionadas em abandonar a escola. Segundo esta ideia, as mães adolescentes possuem, na maioria dos casos, um nível de instrução mais baixo e empregos precários que agravam a problemática situação económica pré-existente.

Panicali (2006) acrescenta que uma gravidez na adolescência acaba por se transformar num obstáculo à formação académica da jovem, uma vez que esta abandona ou mesmo interrompe o seu percurso escolar. Quando a interrupção é efectiva, esta tomada de decisão vai-se

repercutir no acesso a um emprego capaz de lhe proporcionar os rendimentos necessários para fazer face às suas e às necessidades da criança.

O que agrava ainda mais a situação é que normalmente acontecem gravidezes contínuas e muito próximas da primeira, o que complica mais a situação pondo de parte, de uma vez por todas, um possível regresso escolar (Pereira 2001).

No que diz respeito às relações com a família, a adolescente vai-se tornar mais dependente desta, devido ao facto de a jovem necessitar de apoio ao nível emocional e sobretudo económico para garantir os cuidados do seu bebé. Embora para a jovem seja positivo o facto de continuar a receber apoio da sua mãe no que respeita aos cuidados prestados para com o bebé, isto pode também ser prejudicial uma vez que desta forma a adolescente pode descartar-se um pouco do papel de mãe, pois este é assumido pela avó da criança, bem como pode também provocar um afastamento do pai do bebé, perdendo aqui um importante suporte emocional e material (Pereira, 2001).

Relativamente às relações com os pares, estas são precárias, pois todo o conjunto de transformações físicas e psicológicas pelas quais a jovem passa, no desenrolar de uma gravidez e no pós – parto, vai determinar uma não identificação com os colegas e amigos que pertenciam ao seu grupo. Devido ainda a todos os compromissos e responsabilidades que tem que assumir perante o seu bebé, não há, por parte da adolescente, disponibilidade para acompanhar os colegas nas actividades que realizam (Pereira, 2001). Segundo Corbett, Meyer e Holland (1987) e Protinsky (1982), citados pelo mesmo autor, o significado que o grupo de pares dá à gravidez na adolescência vai influenciar ainda, por parte destes, a aceitação ou marginalização da jovem mãe. Venturini (2010) cita um estudo realizado por Herrmann (2008), através do qual o autor pretendeu investigar as percepções sobre o impacto da gravidez na adolescência em relação aos aspectos de relacionamento, com 120 adolescentes americanos e no qual o autor afirma que, relativamente aos impactos da gravidez no relacionamento com os amigos, aqueles adolescentes que já eram pais indicaram o afastamento do grupo de amigos, principalmente pelos afazeres que um bebé implica. Já os adolescentes que não tinham filhos indicaram, para além deste afastamento, a diminuição do tempo livre para poderem praticar determinadas actividades, bem como a diminuição da liberdade.

Quanto às relações com o companheiro estas tendem a ser deficitárias. Devido à pressão familiar e social, a maior parte das adolescentes que experienciam a maternidade procuram

casar o mais rápido possível, mesmo até antes do nascimento do bebé. Isto vai fazer com que a relação e o acto de casamento não seja ponderado na sua plenitude, o que provoca o insucesso da relação e a leva ao seu declínio, acabando posteriormente em divórcio ou em abandono de um deles de modo que toda a responsabilidade do cuidar da criança fique apenas para um e se resuma a uma família monoparental (Pereira, 2001).

No que concerne à saúde física da mãe e do filho, Lourenço (1996), citado por Pereira (2001) refere que a gravidez na adolescência está associada a elevados índices de mortalidade e morbidade materna e infantil. No entanto, alguns autores defendem que tais factos não estão relacionados com a idade da adolescente e o seu incompleto desenvolvimento físico, mas sim devido à falta de higiene, cuidados pré – natais e a défices nutricionais, tudo isto relacionado com o grupo socioeconómico onde a jovem está inserida.

Na sua maioria as grávidas adolescentes procuram cuidados pré-natais num desenvolvimento avançado da sua gravidez, aspecto que dificulta a prevenção e correcção de riscos de saúde da mãe e do bebé (Pereira 2001).

Corbett, Meyer & Holland, (1987) citado por Pereira (2001), salientam o facto de nesta faixa etária existir uma má alimentação, ou porque se consome muito o “fast – food”, ou ainda pela má nutrição devido à preocupação com a imagem corporal. Estes aspectos contribuem para um desequilíbrio ao nível da alimentação na fase da gravidez e na fase da amamentação. Estas jovens consomem ainda muito álcool, tabaco e outras substâncias altamente prejudiciais para a sua saúde bem como para a saúde do bebé (East & Felice, 1996, cit. por Pereira, 2001).

O comportamento materno é um aspecto muito relevante. Para a jovem mãe adolescente a maternidade é um processo complicado.

Depois de ter aceite a gravidez, a adolescente terá de passar por uma fase de aceitação do bebé, assumindo a responsabilidade de cuidar dele antes e depois do parto. Como esta fase da adolescência é caracterizada por um egocentrismo e narcisismo por parte das adolescentes, é importante que elas consigam ultrapassar estas características de modo a que as suas necessidades e os seus sentimentos não se sobreponham às necessidades e sentimentos do próprio filho. Deste modo a jovem mãe enfrenta grandes desafios desenvolvimentais.

Segundo Schellenbach et al. (1992) citado por Pereira (2001; p.348), “a qualidade do comportamento parental depende de 3 vectores principais: os recursos psicológicos da mãe (ajustamento sócio-emocional, preparação cognitiva para a maternidade, capacidade de

aprendizagem e saúde), as características da criança e o apoio social recebido”. Não é demais referir a importância deste último, uma vez que, nos vários estudos feitos, se tem observado que a sua ausência ou deficiência leva a que existam, por parte das mães adolescentes, interações mais ríspidas e restritivas para com os seus filhos e maior probabilidade de os maltratar (Colletta, 1981, cit. por Pereira, 2001).

Segundo a autora citada anteriormente, o desenvolvimento das crianças filhas de jovens adolescentes encontra-se associado a alguns riscos sobretudo de saúde, desenvolvimento cognitivo, intelectual e sócio-emocional.

Nos estudos que têm sido desenvolvidos e da comparação feita entre filhos de mães adolescentes e filhos de mães adultas, observa-se que até à fase pré – escolar não existem diferenças significativas (Coley & Chase-Lansdale, 1998, cit. por Pereira, 2001). No entanto, a partir daí os filhos das mães adolescentes adoptam uma postura mais agressiva, um menor controlo do impulso e possuem níveis cognitivos mais baixos (Pereira, 2001). No período que se segue, fase escolar, as diferenças para além de se manterem ainda são acumuladas de uma maior percentagem de insucesso escolar e problemas de natureza disciplinar. No que respeita à fase da adolescência os estudos são escassos, no entanto apontam para maior número de reprovações, delinquência, início precoce da actividade sexual e gravidez/parentalidade. Por último, é de salvaguardar que “ser filho de mãe adolescente não deve ser considerado como um factor determinante de um futuro negativo”, pois para além de ponderarmos a presença ou ausência de implicações negativas para as crianças, temos também que perceber e determinar as condições da sua ocorrência (Pereira, 2001).

ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 2 – Concepção do Estudo

2.1 Questões de Investigação

A fase da adolescência é uma fase que por si só traz bastantes mudanças a vários níveis, nomeadamente ao nível físico e psicológico. É a fase na qual cada indivíduo constrói a sua identidade e elabora o seu projecto de vida com a tomada de consciência das responsabilidades que daí para a frente as suas opções vão implicar. A gravidez e/ou maternidade quando ocorre neste período de vida de uma jovem, na sua maioria de forma não planeada (Pereira, 2001), vai implicar alterações, positivas ou negativas, na sua própria vida, podendo (ou não) influenciar o seu projecto e consequentemente o seu percurso de vida.

Assim surgem as nossas questões de investigação:

- Quais as causas que levaram à ocorrência de uma gravidez na adolescência?
- Será que as causas que levaram à ocorrência das gravidezes no grupo “mulheres que foram mães adolescentes” são semelhantes às causas que levaram à ocorrência das gravidezes no grupo “grávidas adolescentes”?
- Que influências teve a gravidez na adolescência nos projectos e consequentes percursos de vida de mulheres que passaram por essa situação (há mais de vinte anos) e que influências tem a mesma problemática nos projectos e percursos de vida das adolescentes grávidas de hoje em dia?

2.2 Objectivos da Investigação

O nosso estudo tem como objectivos:

- Conhecer os projectos/percursos de vida, através da história de vida, de mulheres que foram mães adolescentes e de grávidas adolescentes;
- Compreender se essa gravidez teve ou se se perspectiva que venham a existir influências nos seus projectos/percursos de vida e identificá-las;
- Comparar relatos de histórias de vida e identificar a ou as causas que levaram à ocorrência das gravidezes do grupo “mulheres que foram mães adolescentes” e do grupo “grávidas adolescentes”;

- Comparar relatos de histórias de vida intergrupos e identificar diferenças e semelhanças entre os mesmos.

2.3 Metodologia do estudo

Este estudo pautou-se pela escolha da abordagem não positivista, isto é pela metodologia de investigação qualitativa. Segundo os autores Bodgan e Biklen (1994), a investigação qualitativa possui cinco características: (1) na investigação qualitativa a fonte directa é o ambiente natural, desta forma as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência; (2) a investigação qualitativa é descritiva, sendo os dados recolhidos em forma de palavras ou imagens; (3) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; (4) os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; (5) o significado é extremamente importante na abordagem qualitativa.

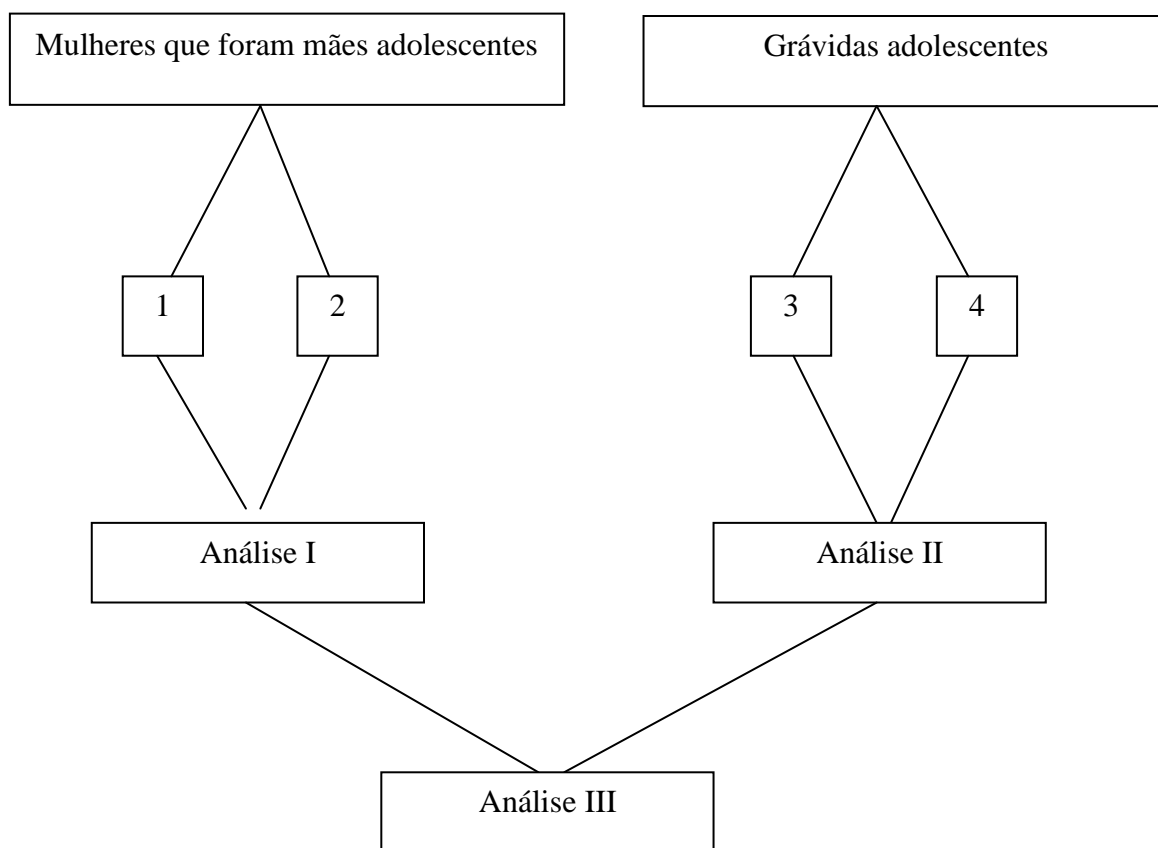
Quando um investigador adopta uma perspectiva qualitativa tem o seu interesse focado na compreensão das percepções individuais do mundo. Desta forma, o investigador procura compreensão em detrimento de análise estatística.

É neste seguimento que se encontram as nossas pretensões para este estudo, ou seja, compreender de que forma é que a gravidez/maternidade veio influenciar os projectos e/ou percursos de vida das jovens mães, mais do que conhecer os números globais e/ou estabelecer entre eles uma causa - efeito que pudesse ser generalizável. A nossa intenção nunca passou pela generalização, mas sim, pela compreensão. Até porque a limitação temporal (10 meses) ao estudo e o acesso a casos seria, à partida, reconhecidamente restrito e de difícil acesso, por tal, esperava-se logo que seria difícil alcançar a devida homogeneidade e consequente comparabilidade que nos permitia um estudo do tipo generalizável. Por outro lado, numa primeira análise da temática, através de revisão da literatura verificámos que, além de, no geral, haver pouca publicação científica sobre o mesmo, também no concernente à perspectiva dos indivíduos que passam pelo problema, bem como naquilo que diz respeito à compreensão dos processos individuais despoletados, não havia praticamente nada. Logo, pareceu-nos mais pertinente analisar compreensiva e intensivamente alguns casos para deles podermos levantar futuras questões de investigação, linhas orientadoras e inferências que acrescessem um conhecimento mais específico a uma questão tão delicada, principalmente pela riqueza que a

percepção do indivíduo que vivenciou a situação poderá trazer ao problema e à temática, isto é, ao conhecimento científico.

2.4 Desenho da investigação

Postas as questões de investigação e definidos os objectivos, cumpria-nos “desenhar” a nossa investigação. A mesma estrutura-se da seguinte forma:



Para o efeito optou-se pelo método de histórias de vida. Segundo Amado (2009, p.155) este tipo de investigação:

“ visa captar, através de um relato ou narrativa, a interpretação que determinada pessoa faz do seu percurso de vida, com a respectiva diversidade de experiências e sentimentos pessoais que tiveram lugar ao longo do tempo e por fases, nas mais diversas circunstâncias ou contextos e em ligação com uma multiplicidade de sujeitos (...) e de instituições (...)”.

No entanto, é importante salientar que este tipo de investigação tem algumas especificidades, como por exemplo o facto de requer uma proximidade, através da qual é

fundamental a construção de uma base sólida de confiança entre o investigador e os sujeitos, onde a escuta activa é essencial para o desenrolar de todo este processo de recolha de informação (Amado, 2009) e, por isso, estando cientes dessas mesmas especificidades, procurámos colmatá-las e assegurá-las da melhor forma, como iremos especificar mais à frente na metodologia.

2.5 Técnicas de Recolha de Dados

A recolha de dados é um momento fundamental no processo de investigação, para tal existem algumas técnicas científicas determinadas para o fazer. A entrevista é uma dessas técnicas, a qual “pressupõe que o entrevistador não dispõe de dados «já existentes», mas que deve obtê-los (Albarello et al., 1997, p.86)”.

Manzini (n.d.) classifica a entrevista em três tipos: entrevista estruturada, entrevista não estruturada e entrevista semi-estruturada, as quais, segundo este autor e Albarello et al. (1997) poderão também ser designadas por entrevista directiva, entrevista não directiva e entrevista semidirectiva. Assim, Albarello (1997) refere que a entrevista directiva se encontra no pólo oposto à entrevista não directiva e que a entrevista semidirectiva é mediana a esses dois pólos. Assim, e segundo este autor, num pólo o entrevistador deixa que o entrevistado se exprima de forma “mais livre” (entrevista não directiva), enquanto no pólo contrário é o entrevistador que direcciona a entrevista com base num objecto de estudo “estritamente definido” (entrevista directiva). No que concerne à entrevista semidirectiva, esta não toca nem num pólo nem no outro, ou seja, por um lado mantém a possibilidade da liberdade, mas por outro determina algumas fronteiras na mesma. Assim, Albarello (1997, p.87) refere que o entrevistador, neste tipo de entrevista, permita:

“Por um lado (...) que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objecto perspectivado, e daí o aspecto parcialmente «não directivo». Por outro lado, porém, a definição do objecto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar, ao sabor do seu pensamento, e exige o aprofundamento de pontos que ele próprio não teria explicado, e daí, desta vez, o aspecto parcialmente «directivo» das intervenções do entrevistador.”

Deste modo, a realização de uma entrevista semi-directiva pressupõe a existência de um guião previamente preparado que serve, apenas, de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, permitindo um considerável grau de flexibilidade na exploração das questões, não

tendo, estas, uma ordem rígida. Assim, pode-se adaptar o desenvolvimento da entrevista ao entrevistado (Manzini, n.d.).

Para Triviños (1987, p.152) a entrevista semi-estruturada “(...) favorece não só a descrição dos fenómenos sociais, mas também a sua explicação e a compreensão de sua totalidade (...)” Esta técnica e, em especial, a entrevista semi-estruturada, pareceu-nos a mais indicada para o nosso estudo, tendo em conta a metodologia, o método e os objectivos propostos para o mesmo. Pois permitiria ao entrevistado fazer o seu relato, no entanto, havendo uma preparação prévia de questões guia que não permitissem o divagar demasiado do objectivo pretendido e da problemática aqui estudada.

2.6 Análise de Conteúdo

O conceito de análise de conteúdo tem evoluído ao longo dos tempos, passando, inicialmente, de um sentido mais descritivo e quantitativo e evoluindo, gradualmente, para um sentido mais interpretativo e inferencial (Amado, 2009).

Amado (2009, p.236), referencia Bereleson como um dos autores do conceito de análise de conteúdo. Menciona ainda que esta é uma “técnica de pesquisa documental que procura «arrumar» num conjunto de categorias de significação o «conteúdo manifesto» dos mais diversos tipos de comunicações (...)”.

Robert e Bouillaguet (1997) citado por Amado (2009, p.237) acrescentam ainda que esta técnica “possibilita o exame metódico, sistemático, objectivo e, em determinadas ocasiões, quantitativo, do conteúdo de certos textos, com vista a classificar e a interpretar os seus elementos constitutivos e que não são totalmente acessíveis à leitura imediata”.

Tendo em conta que iríamos utilizar a metodologia qualitativa, com recurso ao método de histórias de vida, foi para nós claro que, considerando o referido acima sobre a análise de conteúdo, esta seria para o nosso estudo a técnica ideal aos nossos objectivos. No entanto, dentro da mesma, procurámos cingir-nos à análise das categorias de significação e não a uma possível análise de conteúdo mais quantitativa dos discursos, que não nos pareceu pertinente para retirar daí conclusões que respondessem ou acrescessem algo ao por nós pretendido.

Capítulo 3 – Metodologia

3.1 Participantes no estudo

O estudo realizado teve como participantes indivíduos do sexo feminino que passaram ou passaram por uma gravidez na adolescência. No que concerne à idade interessava-nos aquelas cuja gravidez tivesse ocorrido numa janela de idades dos 10 aos 19 anos, período definido pela Organização Mundial de Saúde (Eisenstein, 2005) como o período da adolescência e que nós preferimos adoptar. Justificamos esta preferência pelo facto de esta ser uma franja etária bastante alargada, a qual permitiria maior probabilidade de possíveis participantes no estudo.

Neste estudo está presente uma amostragem por caso múltiplo (quatro casos) na qual temos uma amostragem por contraste (comparação de situações) (Guerra, 2006). Tal como definido por Guerra (2006) o mínimo requerido para o efeito seriam dois participantes para cada grupo. Assim pretendíamos quatro participantes que se agrupariam duas a duas, obtendo assim dois grupos cada um com duas participantes. Desta forma, pelo cariz do estudo e da sua metodologia subjacente, não nos seria possível fazer uma selecção de entre uma população universo, aleatória, mas sim, a indicação de casos que correspondessem ao perfil procurado, salvaguardando, no entanto, que os mesmos não fossem seleccionados pelo investigador, excluindo o conhecimento e familiaridade prévios e, tendo em conta o cientificamente determinado para investigações deste género, que salvaguarda a sua validade. Para tal procedeu-se a um pedido de sinalização de casos ao Centro de Saúde, o qual informámos dos objectivos do estudo e ao qual apresentámos um perfil de participantes desejado. Nesse perfil referimos que nos interessavam: duas mulheres que tenham sido mães adolescentes e duas adolescentes que estivessem grávidas na altura da realização da entrevista, que a diferença de idades entre os dois grupos fosse de cerca de 20 anos (uma geração), que a gravidez tenha ocorrido num envelope temporal dos 10 aos 19 anos e que no mínimo seriam necessários dois casos para cada situação (mulheres que foram mães adolescentes e grávidas adolescentes). Optou-se pela escolha desta entidade para sinalizadora dos casos, visto que é aos seus serviços que a maioria das adolescentes recorre numa situação específica como esta, para o normal acompanhamento médico da gravidez.

Um mês depois foram-nos encaminhados quatro casos. Duas mulheres que foram mães adolescentes (há mais de vinte anos) e duas grávidas adolescentes, as quais, após informarmos do propósito do estudo e de explicarmos e garantirmos o anonimato e a confidencialidade dos

dados, bem como, os seus direitos enquanto participantes, preencheram e assinaram o seu consentimento informado (Anexo A), autorizando a recolha de dados e a sua utilização no âmbito do presente estudo.

Com o intuito de, sumariamente, dar a conhecer a história de vida de cada participante, considerámos pertinente fazer um resumo das mesmas e inclui-lo aqui, de forma a facilitar a leitura da análise de dados e a contextualização dos mesmos nas referidas histórias de vida. Referimos ainda que os nomes próprios, bem como os das localidades são fictícios, a fim de salvaguardar o anonimato das participantes. Assim, apresentamos de seguida os mesmos.

Resumo da história de vida de Joana

Joana nasceu em Paris, a 10 de Janeiro de 1971, onde os seus pais eram emigrantes. Tem 40 anos e vive actualmente em Sonim. Quando nasceu, os pais tinham trinta e poucos anos e já tinham uma filha com 13 anos, a qual deixaram ao cuidado de familiares em Valados.

Joana veio de Paris para a aldeia de Lugar dos Loios, com um mês de idade e foi criada pela avó paterna até aos oito anos de idade. Nessa altura, quando já frequentava a escola primária, os pais regressaram definitivamente à aldeia e ela foi viver com eles. Joana foi vítima de maus tratos por parte da mãe durante o tempo que privou com ela. A relação que tinha com o pai era melhor do que a que mantinha com a mãe. Depois de concluir a Escola Primária, na aldeia, foi frequentar o 2º ciclo em Sonim. Estudava então no oitavo ano quando conheceu um rapaz com quem começou a namorar. A mãe soube do namoro e proibiu-a de frequentar a escola, alegando que, se era para namorar que ia para lá era melhor ficar em casa. Abandonou, assim, os estudos por imposição da mãe não terminando o oitavo ano de escolaridade, embora considerasse ser uma boa aluna. Nessa altura ficou em casa e ajudava a mãe nas lides de casa e do campo.

Ficou triste com a atitude da mãe por ter de deixar a escola, tinha boas notas e uma boa relação com os professores. Na altura em que abandonou a escola, continuou a contactar com o namorado através de cartas, sem a mãe saber, e nessa altura combinou com ele e fugiu de casa. Tinha dezasseis anos e foi morar para casa da mãe do namorado em Vilar do Chão. Ligou aos pais a dizer que se tinha ido embora e eles disseram-lhe para regressar, mas ela não foi porque como era vítima de maus tratos por parte da mãe, também foi essa a forma que encontrou para fugir desse ambiente de violência.

Desde o início teve sempre o apoio da sogra, que foi quem a aconselhou a ir ao médico para uma consulta de planeamento familiar. Até então nunca lhe tinham falado de nada acerca de métodos contraceptivos, embora fosse menstruada com 12 anos nunca ninguém lhe explicou nada. Teve a sua primeira relação sexual aos dezasseis anos e sobre o assunto da contraceção não tinha conhecimento algum até então. Começou então, por indicação da médica, a tomar a pílula, no entanto, logo a seguir teve hepatite e iniciou um tratamento para a mesma, tendo que durante esse período deixar de tomar a pílula. Findo o tratamento, passados três meses, descobre que está grávida. Nessa altura chorou muito, sentiu-se desesperada e contou à mãe do companheiro e ao companheiro o que se estava a passar. Teve muito apoio por parte destes durante a gravidez, no entanto as relações com os pais continuavam cortadas. A partir do momento em que se mudou para a aldeia do companheiro, as relações com os amigos também acabaram por se perder. No início da gravidez a sogra aconselhou-a a ir novamente ao médico e foi então acompanhada no centro de saúde durante toda a gravidez, acompanhamento que considerou de extrema importância. Durante a gravidez, emocionalmente tudo correu bem, relativamente à saúde física apenas a azia a incomodou um pouco.

No momento em que a filha nasceu, no hospital em Valados, estava acompanhada pela irmã. Nessa altura quando viu a filha sentiu, segundo ela, o instinto maternal. Foi viver novamente com a sogra que a continuou apoiar, bem como o marido. Durante o primeiro ano de vida da filha foi sempre sozinha às consultas da bebé.

Na aldeia ainda chegou a fazer horas numa casa particular para ganhar algum dinheiro, no entanto, na maioria das vezes tratava das lides da casa e do campo na agricultura de subsistência. Durante os primeiros anos de vida da sua filha a vida não foi fácil, experienciou sentimentos de tristeza e de desilusão, para ela houve uma grande mudança na sua vida e considera que foram anos muito difíceis. De qualquer maneira não se arrepende de ter saído de casa dos pais, uma vez que era maltratada.

Nunca projectou o seu futuro profissional uma vez que, segundo ela, lhe cortaram as bases logo muito cedo quando a mãe a obrigou a abandonar a escola, altura em que frequentava o oitavo ano. A nível pessoal casou no civil e na igreja quando estava grávida de cinco meses. Os seus pais apenas estiveram presentes na cerimónia civil porque tinham que lhe dar autorização para o fazer uma vez que Joana ainda era menor e, nesse dia, ainda foi maltratada verbalmente pela mãe.

Considera que esta gravidez acabou por condicionar a sua vida, principalmente a nível profissional, uma vez que caso não tivesse existido (esta gravidez) teria pensado em procurar um emprego para conseguir alguma estabilidade financeira. O facto de ter tido a filha e na aldeia onde morava não existir um infantário onde a pudesse deixar, condicionou muito a sua procura de emprego, porque embora tivesse o apoio da sogra para ficar com a menina isso poderia acontecer pontualmente e não diariamente. Considera que na altura, há vinte e três anos, com o oitavo ano de escolaridade, embora incompleto, era razoavelmente fácil ter conseguido um emprego na Câmara, no Registo Civil ou em qualquer Repartição Pública.

Não teve mais filhos por opção, uma vez que considera nunca ter tido as condições ideais para o fazer, embora gostasse de ter tido mais.

Como mãe e educadora teve, segundo ela, uma postura bem diferente daquela que a sua mãe teve para consigo. Falou com a filha acerca da menstruação e de todos os temas que ela considerava pertinentes na adolescência, explicando o que sabia e comprando livros para que ela pudesse tirar algumas dúvidas, no entanto Joana foi avó com 33 anos.

Resumo da história de vida de Sílvia

Sílvia nasceu em Castelões, a 2 de Junho de 1968. Tem quarenta e dois anos e vive actualmente em Castro de Cima. Quando ela nasceu a sua mãe tinha 18 anos e o pai tinha 23. Até aos dois anos viveu com os pais e os avós maternos na aldeia, tendo depois ido, apenas com os pais, para Oliveira do Monte onde permaneceu até aos 14 anos. Durante este tempo teve uma irmã, actualmente com 36 anos e um irmão actualmente com 34 anos. Frequentou o ensino primário em Oliveira do Monte e reprovou no quarto ano por motivo de doença e consequentes ausências nas aulas. Quando tinha 14 anos regressou com os pais e os irmãos a Castro de Cima para onde foi frequentar o 2º ciclo. Considera ter tido uma infância muito feliz onde teve sempre aquilo que os pais lhe podiam dar, mas onde também nunca faltou nada, quer a nível material, quer a nível de apoio e afecto. Quando entrou na adolescência considera que a relação que tinha com os seus pais não sofreu alterações significativas, embora considere que foi uma adolescente rebelde e que por isso criou alguns atritos com os pais, mas não considera nada de relevante.

O pai era industrial e tinha uma empresa de materiais de construção, na qual a mãe também trabalhava quando era preciso ficar ao balcão. Frequentava o nono ano quando engravidou e nessa altura tinha dezasseis anos. Conheceu o namorado quando este começou a trabalhar

para o seu pai na loja de materiais de construção. Quando descobriu que estava grávida contou logo ao namorado que, segundo ela, fazia parte do problema e por isso iria compreender a situação, sendo também a pessoa em quem mais confiava. Ele reagiu bem e não ficou tão assustado como ela, o que, segundo Sílvia se deve-se à maturidade que já tinha, uma vez que ele tinha vinte e três anos e ela dezasseis. Deu-lhe todo o apoio e casaram antes de a filha nascer. Relativamente aos pais, a mãe desconfiou e confrontou-a com a situação, ao que ela veio a admitir e o pai acabou por saber depois do casamento, que acabou por ser marcado um bocado à pressa.

No ano em que estava grávida já não terminou o ano lectivo e por isso abandonou o nono ano a meio. No ano lectivo seguinte matriculou-se mas no fim do primeiro período voltou a abandonar, até que arranjou um emprego e decidiu estudar à noite tendo feito no regime nocturno o nono, o décimo e o décimo primeiro anos. Depois parou os estudos durante três ou quatro anos enquanto trabalhava, no entanto perdeu o emprego e decidiu fazer o décimo segundo ano. Ponderou ingressar no ensino superior para tirar um curso na área da educação, uma vez que o seu sonho era ser educadora de infância pois, segundo ela, tinha todo o apoio familiar, quer dos pais, quer do marido, para o fazer, no entanto desistiu da ideia. Teve a filha no hospital de Oliveira do Monte e contou com o apoio dos pais e do marido que estiveram lá com ela. Viveu em casa dos pais até a filha completar os 5 anos de idade e depois foi viver para outra casa com o marido e com a filha. Mais tarde arranjou emprego como auxiliar da acção educativa e actualmente trabalha como administrativa no agrupamento de escolas. A mãe foi quem lhe deu todo o apoio durante os primeiros anos de vida da filha, ficando com ela sempre que Sílvia precisava de sair para trabalhar ou estudar, ou fazer alguma coisa e não pudesse levar a menina, uma vez que a partir do nascimento deu continuidade aos estudos e arranjou emprego.

Considera que esta gravidez acabou por condicionar a sua vida até porque o seu projecto de vida passava por terminar o secundário, ingressar no ensino superior, tirar o curso de educadora de infância, começar a trabalhar e ganhar a sua independência. Gostava mesmo de viver sozinha durante algum tempo e só depois pensar em casar e ter filhos.

Como o namoro apenas durou meio ano, pois engravidou e casou ainda grávida, esse tempo não foi o suficiente para ela e o marido se conhecerem profundamente e isso repercutiu-se nos primeiros anos do casamento que, segundo ela, não foram um mar de rosas. Considera que se

esta gravidez não tivesse ocorrido, naquela altura, o casamento também não teria acontecido tão cedo.

Não teve mais filhos, embora ainda chegasse a programar um segundo filho, no entanto, a situação de desemprego em que ficou nessa altura fez com que adiasse esse projecto e depois quando se apercebeu já tinha passado muito tempo e por isso ficou apenas com uma filha.

Durante a adolescência da sua filha o tema da sexualidade nunca foi tabu, ao contrário do que se passou com ela, pois durante a sua adolescência este tema em casa não se falava. Com a filha tinha uma abertura total sobre qualquer tema e considera que a relação que ambas tinham era uma relação franca em que a filha lhe contava tudo. Foi ela que acompanhou a filha ao médico, o qual a aconselhou a tomar a pílula, na altura devido a problemas hormonais. A sua filha neste momento tem 25 anos e não foi mãe adolescente, completou o décimo segundo ano, licenciou-se em Fisioterapia e fez mestrado em Fisioterapia (especialização Neurologia).

Considera que se a sua filha tivesse sido mãe adolescente ir-lhe-ia dar todo o apoio que ela necessitasse. Não esconde que, embora a apoiasse, era capaz de sentir tristeza, uma vez que considera que é importante para qualquer jovem aproveitar todas as fases da vida na sua plenitude, considerando que a adolescência é a fase mais importante da vida de qualquer pessoa e é nela que se aprende a ser responsável.

Resumo da história de vida de Paula

Paula nasceu a 3 de Junho de 1995 em Torre da Serra e vive actualmente em Lamego numa instituição. Tem quinze anos e quando nasceu a mãe andava na casa dos trinta anos. A mãe teve o primeiro filho com 17 anos e no total teve 7 filhos, três raparigas e quatro rapazes sendo que ela é a mais nova. As suas irmãs foram mães adolescentes, uma aos quinze e outra aos dezasseis anos. Quando tinha um ano os seus pais separaram-se e ela ficou a viver com a mãe, sendo que durante esse período aconteceram “algumas coisas menos boas” entre os seus pais que não lhe deixaram boas lembranças do pai e por isso a sua relação com ele não é boa. Fez o primeiro ano escolar em Lisboa, mas quando veio para Torre da Serra teve de repetir esse ano. Entrou numa instituição de acolhimento de crianças com sete anos em Lamego e é onde vive até agora. Alguns fins-de-semana ia passá-los com a mãe a Torre da Serra. A mãe trabalha na agricultura e o pai na construção civil.

Tem muitos amigos de infância e fez novas amizades na adolescência. Sempre teve mais amigos do que amigas. Quando estava na instituição não saía à noite para se divertir, no entanto quando ia para Torre da Serra saía sempre aos sábados e domingos com os amigos, onde frequentava cafés, discotecas, festas. Às vezes saía às escondidas sem autorização da mãe, outras vezes era-lhe estipulado um horário e muitas vezes não o cumpria.

Durante a infância e adolescência o tema sexualidade não era falado abertamente com a mãe. Tirava algumas dúvidas que lhe surgissem com as técnicas da instituição e tomava a pílula, a qual foi aconselhada numa consulta de planeamento familiar. A mãe nunca lhe falou na menstruação, esse assunto foi abordado pelas irmãs, mesmo assim quando foi menstruada pela primeira vez assustou-se porque achava que ia morrer. A mãe sempre a alertou para que ela tivesse cuidado para não lhe acontecer o mesmo que aconteceu às irmãs, no entanto não passava de um alerta pois não lhe explicava nada.

Teve a sua primeira relação sexual com catorze anos, estava quase a fazer quinze. Quando engravidou tinha quinze anos e frequentava o 8º ano de escolaridade. Tomava a pílula, por aconselhamento médico e por isso não dava ouvidos ao que a mãe lhe dizia porque considerava que estava protegida contra uma possível gravidez.

Conheceu o namorado num dos vários fins-de-semana que foi passar com a mãe, numa festa em Torre da Serra. Ele tinha dezoito anos e trabalhava numa empresa de telecomunicações e outras vezes com o tractor. Achou muito estranho a menstruação não aparecer nesse mês e numa consulta de esclarecimento sobre métodos contraceptivos contou que estava a tomar a pílula e que a menstruação ainda não tinha vindo nesse mês. Os profissionais de saúde fizeram um teste e descobriram que ela estava grávida. Aí explicou como estava a tomar a pílula e percebeu que não o estava a fazer de forma correcta, daí ter engravidado. Quando soube chorou muito, sentiu medo e estava muito nervosa. As primeiras pessoas a saberem foi a professora que a acompanhou à sessão de esclarecimento e a médica que lhe fez o teste. Depois contou ao namorado e à mãe. Esta ficou em choque na altura em que soube mas depois apoiou-a. O namorado apoiou-a desde que soube, no entanto ela ainda chegou a ponderar uma interrupção da gravidez, sendo que o namorado lhe disse que qualquer que fosse a decisão que ela tomasse ele iria apoiar.

Na escola sempre teve uma boa relação com os professores, dos quais sentiu grande apoio durante a gravidez. Abandonou o oitavo ano no início do terceiro período, no entanto este ano ficará concluído e as notas do terceiro período serão iguais às do segundo período. Os colegas

também a apoiaram assim que souberam que ela estava grávida, tendo sido mais cuidadosos para com ela. Na escola apenas teve aulas de educação sexual durante este ano na disciplina de formação cívica, considerando que são aulas importantes para esclarecer dúvidas sobre sexualidade.

Iniciou o acompanhamento pré-natal com dois meses e meio de gravidez, sendo recebida pelos profissionais de forma “um bocadinho má”, pois diziam-lhe que com tantos métodos contraceptivos não havia razão para esta gravidez ter acontecido e que ela ainda era muito nova, no entanto sempre a apoiaram. A nível de saúde física durante a gravidez esteve mais susceptível a gripes e constipações e a nível emocional, umas vezes sente-se melhor outras pior, pois às vezes pensa que podia ter feito alguma coisa para não engravidar.

O parto está previsto acontecer no hospital de Lamego e nesse momento gostaria que o pai da sua bebé lá estivesse, mas não a assistir ao parto. Acha que quando vir a sua filha pela primeira vez que se vai sentir contente. Considera que tanto a sua mãe como o seu namorado a vão continuar a apoiar daqui para a frente. Como ainda não sabe para onde vai morar assim que a sua bebé nascer, também não sabe quem a vai apoiar mais directamente, no entanto considera que se for para a instituição serão as “irmãs” (religiosas), caso vá para Torre da Serra será a mãe.

Quer retomar a escola uma vez que gostaria muito de tirar um curso superior de estilismo e trabalhar nessa área. Considera que daqui para a frente deve ter mais responsabilidade e deve tomar conta da sua filha, não a deixando aqui e além, por isso não pensa sair com os amigos como antes fazia. Gostava muito de ir viver com o namorado, dar uma família à sua filha e continuar os seus estudos.

Considera que se esta gravidez não tivesse ocorrido teria mais tempo para se divertir e aproveitar a vida. Não pondera vir a ter mais filhos pois considera que esta experiência foi “meio esquisita”.

Como mãe e educadora vai tentar explicar à sua filha o que lhe aconteceu para que não lhe aconteça o mesmo, no entanto considera que o que tiver que acontecer, acontece e caso a sua filha seja, também ela uma mãe adolescente, certamente que irá ficar triste, mas que a vai apoiar.

Resumo da história de vida de Inês

Inês nasceu em Vale de Cambra, a 2 de Abril de 1995. Tem 16 anos e vive actualmente em Molelos. Quando nasceu, a sua mãe tinha 25 anos e o seu pai 27 e já tinham um filho com 2 anos. Viveu com os pais e o irmão até aos dez anos de idade, altura em que os pais se divorciaram e a partir desse momento apenas ficou a morar com a mãe e o irmão. A mãe trabalha numa repartição de finanças e o pai é técnico de vendas no ramo automóvel.

A sua infância foi bastante feliz, principalmente enquanto os seus pais estavam casados, a relação com ambos era muito boa. Após a separação dos pais, e durante a adolescência a relação com o pai acabou por ficar um pouco mais distante, devido ao facto de o mesmo ter ido viver para outro lugar, no entanto continuam a contactar-se todas as semanas. A relação com a mãe, durante a adolescência, manteve-se igual à que tinha na infância, relação essa que proporcionava conversas abertas sobre os temas namoro e/ou sexualidade sem qualquer tipo de tabu, tanto com ela como com o irmão. Qualquer dúvida a mãe sempre os pôs à vontade para esclarecer. Com o pai essas conversas não eram tão frequentes.

Devido a um problema de saúde foi a mãe que a acompanhou à primeira consulta de ginecologia, no entanto, esta sempre a alertou para os riscos de uma relação sexual desprotegida.

Durante a infância sempre teve muitos amigos e amigas, amizades essas que permaneceram durante a fase da adolescência, tendo feito nesta fase novas amizades com pessoas do grupo de amigos do seu namorado.

Costumava sair com os seus amigos para se divertir, no entanto essas saídas eram controladas a nível de horários pela mãe. Numa dessas saídas conheceu o namorado. A mãe tinha conhecimento dessa relação.

Na escola a relação que mantinha com os professores era muito boa e as notas também eram razoáveis.

Teve a sua primeira relação sexual com quinze anos. Na altura em que engravidou já tomava a pílula há algum tempo por indicação da ginecologista, não tomando mais nenhum tipo de precaução. No entanto, nessa altura, tinha tomado um medicamento que cortou o efeito do contraceptivo e por isso engravidou. Inês, assim que descobriu que estava grávida sentiu medo e nem queria acreditar, pois não se lembrava da toma do medicamento. Contou logo ao namorado pois achava que ele seria a única pessoa que a ia ouvir e apoiar sem lhe “dar lições de moral”. Este também ficou surpreendido porque sabia que ela tomava a pílula,

mas tentou acalmá-la. A mãe, quando soube da sua gravidez, ficou espantada e triste com ela, no entanto depois deu-lhe todo o apoio, o pai ficou um pouco mais chateado. Os amigos ficaram surpreendidos, no entanto a reacção deles para com ela foi de protecção e ajuda.

Assim que soube da gravidez, a sua mãe acompanhou-a ao médico para fazer o acompanhamento pré natal. Foi recebida com algum espanto pela ginecologista até porque a mesma lhe tinha alertado para a interferência de certos medicamentos com a pílula, pormenor que Inês se tinha esquecido. Durante a gravidez tem passado bem quer a nível físico quer emocional, referindo que muito contribui o facto de ter o apoio de todas as pessoas de quem gosta.

Considera que o apoio dessas pessoas vai continuar depois do nascimento da sua filha, até porque “o choque da notícia já passou e agora já se habituaram à ideia”.

O nascimento da sua filha está previsto acontecer em Vale de Cambra e Inês gostaria de ter consigo nesse momento a sua mãe e o seu namorado. Após o nascimento da sua filha irá para casa da sua mãe, uma vez que irá precisar de ajuda, no entanto, mais tarde tenciona ir morar apenas com o seu filho e com o seu namorado.

Gostaria muito de continuar a estudar, no entanto ainda não sabe se isso irá acontecer. Inês, a nível profissional, gostava de terminar o ensino secundário e enveredar no curso superior de enfermagem, no que toca ao nível pessoal gostava de se casar com o pai da sua filha, quando esta tiver um ano. Antes da gravidez perspectivava o seu futuro de uma forma muito objectiva: estudar, arranjar um emprego e só mais tarde casar e ter filhos. Agora, considera que esta gravidez vai acabar por influenciar algumas das suas decisões como por exemplo ao nível da candidatura ao ensino superior. Considera também que a partir de agora não irá poder fazer algumas das coisas que fazia até então, como continuar a frequentar bares e/ou discotecas e sair com os amigos quando lhe apetecia.

Não pondera vir a ter mais filhos em breve, no entanto não descarta a hipótese de mais tarde isso poder acontecer.

Pensa que, relativamente ao assunto da sexualidade na adolescência da sua filha, irá ter a mesma postura que a sua mãe teve para com ela. Postura essa que considera de extrema abertura e liberdade para poder conversar sobre tudo, desmistificando determinados assuntos, lidando com o tema do namoro e da sexualidade da forma mais natural possível, até porque considera que o que lhe aconteceu não se deveu a falta de informação, mas sim a um “acidente de percurso”.

3.2 Técnica de Recolha de Dados

A técnica de recolha de dados efectuada foi a entrevista semi-estruturada. Assim, foram construídos dois guiões (anexos B e C) de entrevistas semi-estruturadas de perguntas abertas, de forma a poder permitir a livre expressão das entrevistadas e a flexibilidade na condução da mesma, o que permitiu obter respostas com maior nível de riqueza e de percepções pessoais sobre as suas vivências e, ao mesmo tempo, pois não eram completamente estruturadas, também evitámos possíveis divagações que, com facilidade, poderiam ocorrer em relatos desta natureza. A construção dos guiões teve em conta o enquadramento teórico no qual se chegou a três grandes pontos basilares no projecto de vida de um adolescente que são eles: a educação, o emprego e a família (Panicali, 2006). Porquanto, em conjugação com os objectivos do estudo (e consequentemente objectivos da entrevista) procurou-se criar categorias de análise que fossem a premissa base para a elaboração das perguntas - guia das pretendidas entrevistas: (A) – Antes da gravidez; (B) – Durante a Gravidez; (C) – Após a gravidez.

Foram elaborados dois guiões de entrevista, visto que, para o grupo das mulheres que foram mães adolescentes teríamos de utilizar perguntas sobre o passado, e no grupo das grávidas adolescentes teríamos de utilizar perguntas sobre o presente e o futuro.

Antes de aplicarmos as entrevistas às participantes do estudo, as mesmas foram aplicadas à enfermeira do Centro de Saúde que colaborou connosco, de forma a serem discutidas e testadas e, assim, permitir a sua validação.

A entrevista, às duas mulheres que foram mães adolescentes, foi realizada no seu domicílio, após uma conversa informal introdutória que serviu para o desenvolvimento da confiança técnica necessária para que a entrevista ocorresse num ambiente comunicacional o mais natural possível e para que os dados recolhidos não sofressem influência pelo desconhecimento ou não confiança no entrevistador. No que se refere às grávidas adolescentes, ambas as entrevistas foram efectuadas durante as consultas de preparação para o parto com a presença da enfermeira de obstetrícia com a qual as entrevistadas já tinham uma relação muito próxima e de confiança e que, por isso, se considerou ser um factor facilitador que pudesse ajudar no relato das suas histórias de vida, uma vez que assim estas adolescentes se sentiriam mais à vontade, procurando salvaguardar o estudo das desvantagens comumente apontadas pelos investigadores como inerentes a este instrumento de recolha – entrevista (Bogdan & Biklen, 1994). Tendo consciência que uma não proximidade e

confiança com o sujeito entrevistado (ainda mais tendo como objectivo conhecer as histórias de vida) poderia condicionar as respostas e o à vontade do sujeito, colocando em causa o objectivo do estudo, fez-se os procedimentos necessários para colmatar esses previsíveis obstáculos.

As entrevistas foram gravadas em áudio, sendo que em média tiveram uma duração aproximada de 50 minutos, procedendo-se depois à sua transcrição integral, as quais se encontram em anexo (anexos D e E). Durante o processo de transcrição, e para salvaguardar o anonimato das participantes, foram omissos os nomes das mesmas, bem como os nomes das localidades, tendo sido alterados para nomes fictícios.

Para o desenvolvimento do guião, embora de cariz aberto, procedeu-se a uma pré-categorização, que permitiu a estruturação do mesmo (guião) e da condução da entrevista. Depois das entrevistas transcritas, estas foram fornecidas às participantes para que pudessem ser validadas. Após a transcrição das mesmas e da sua validação, reformulámos a “árvore” de categorias, o que nos permitiu efectuar uma análise mais detalhada e objectiva destas e, incluir outras categorias emergentes nos discursos recolhidos, complementando e aprofundado a posterior análise.

3.3 Procedimentos de análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi realizada tendo em conta as categorias estabelecidas. Assim, finda a transcrição integral das entrevistas, com base nestas, organizou-se o discurso recolhido, em tabelas de análise comparativa, pelas categorias definidas, mantendo-se a ordem pelo que foram proferidas. Dividimos ainda a análise, primeiro pelos grupos base de estudo, (grupo de mulheres que foram mães adolescentes e grupo de grávidas adolescentes), o que deu origem a duas tabelas de análise. E, depois conjugámos os dois grupos procurando uma análise intergrupos. Dos resultados obtidos na análise de conteúdo, procurámos contrapô-los com as perspectivas teóricas e, assim, retirar conclusões sobre os mesmos.

Capítulo 4 – Resultados

4.1 Apresentação e análise dos dados

Para a apresentação dos dados optámos pela construção de tabelas comparativas, nas quais colocámos, consoante cada categoria, frases ou excertos de frases dos discursos transcritos. Uma vez que na realização do guião da entrevista fizemos corresponder as questões às categorias que lhe estavam inerentes, facilitou-nos, na construção das tabelas, o procedimento da selecção das frases ou excertos que a elas correspondiam.

Assim temos a análise I, na qual se observaram os dados recolhidos à luz das categorias definidas na metodologia, referentes às mulheres que foram mães adolescentes; a análise II, na qual se observaram os dados recolhidos à luz das categorias definidas na metodologia, referentes às grávidas adolescentes e, por último, a análise III onde comparamos os dados, referentes às categorias, das “mulheres que foram mães adolescentes” com os dados das “grávidas adolescentes”.

A apresentação e análise dos dados foi realizada tendo em conta a “árvore de categorias” que construímos, a qual se encontra a seguir:

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:

(A) – ANTES DA GRAVIDEZ

- (A1) – INFÂNCIA
- (A2) – ADOLESCÊNCIA
- (A3) – EDUCAÇÃO SEXUAL
- (A4) – PROJECTOS DE VIDA
- (A5) - CONTRACEPÇÃO

(B) - DURANTE A GRAVIDEZ

- (B1) – CAUSA DA GRAVIDEZ
- (B2) - REDE DE SUPORTE
 - (B2.1) – FAMÍLIA
 - (B2.2) – COMPANHEIRO
 - (B2.3) – GRUPO DE PARES/AMIGOS
 - (B2.4) – PROFISSIONAIS DE SAÚDE
- (B3) – SITUAÇÃO ESCOLAR

(C) – APÓS A GRAVIDEZ

- (C1) – SENTIMENTOS (EXPERIENCIADOS / PENSAM VIR A EXPERIENCIAR)
- (C2) - PERCURSOS VIDA (REALIZADOS/ IDEALIZADOS)

Seguidamente, e perante a observação dos dados expostos nas seguintes tabelas, procedemos à sua análise:

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A1) – INFÂNCIA	
Joana	Sílvia
<p>“Nasci na França e vim para cá com um mês de idade e fiquei a viver (...) com a minha avó. Nas férias escolares às vezes ia para França para ao pé dos meus pais. (...) Quando eu tinha oito anos os meus pais regressaram da França e fui morar com eles, lá na aldeia. “</p> <p>“(…)eu sentia que a minha avó era e é... continua a ser, embora ela já tenha falecido, (...) a minha mãe, é a mãe que eu tive e que ela tinha carinho por mim (...). A minha mãe é a minha mãe biológica, mas não há aquele afecto de ...aquele amor verdadeiro.”</p> <p>“(…)havia mais afecto entre mim e o meu pai do que entre mim e a minha mãe.”</p> <p>“Eu nunca me lembro de a minha mãe me dar um beijo(...)”</p> <p>“(…)para além de me tirarem da escola, a minha mãe batia-me muito. É assim, eu no fundo era mal tratada.!”</p> <p>“(…) eu era muito mal tratada e havia às vezes pessoas na aldeia que diziam: era denunciá-la à segurança social (à minha</p>	<p>“Para já tive uma infância muito feliz, fui uma criança [que](...)tinha na altura aquilo que os meus pais me podiam dar, mas tive sempre muito apoio, muito afecto em casa, os meus pais, os meus avós eram muito presentes, os avós maternos eram duas pessoas muito, muito presentes(...)quem me criou até aos dois anos (...)foi a minha avó e eu tinha uma ligação muito, muito, muito forte com a minha avó e até à entrada de ir para a escola eu passava mais tempo(...) com a minha avó do que quase com os meus pais. Depois entrei para a escola, mas todas as minhas férias, (...) vinha (...) para ao pé dos meus avós...Mas fui muito feliz... “</p>

<p>mãe) por me mal tratar assim (...)"</p> <p>"(...) nunca fui uma pessoa muito protegida (...), como nunca tive aquele amor ,não sei sentir a falta do que não tive..."</p> <p>"Foi uma vida muito difícil na infância, de muitos maus tratos e depois saí de uma situação difícil em casa dos meus pais e surgiu a gravidez..."</p>	
---	--

Tabela 1 – Apresentação dos dados, relativos à categoria (A1), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Após uma análise dos dados expostos na tabela anterior podemos ver que Joana viveu com a avó até aos oito anos de idade, pois os seus pais eram emigrantes em França, e até essa altura considera que foi bem tratada e que teve carinho da parte da avó. A partir desse período, na altura em que os seus pais regressaram definitivamente a Portugal, Joana foi viver com eles e refere-se a este período como “muito difícil”. Joana sofria de maus tratos por parte da mãe, sendo que esta afirma que a mãe lhe batia muito e era parca em afectos. Não dava muita importância à sua formação académica, tendo-a obrigado a abandonar os estudos, embora Joana tivesse boas notas, porque descobriu que esta namorava.

Sílvia considera que teve uma infância muito feliz e que sempre teve tudo o que os pais lhe podiam dar, afirmando também que teve muito apoio e afecto, quer por parte dos pais, quer por parte dos avós maternos, todos eles sempre muito presentes durante este ciclo de vida. Salientou ainda que a relação que mantinha com a avó materna era “muito forte”, uma vez que foi criada por ela até aos dois anos de idade e, embora depois dessa altura fosse viver com os pais, até entrar para o primeiro ciclo passava quase mais tempo na aldeia, com a avó, do que com os pais.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A2) – ADOLESCÊNCIA	
Joana	Sílvia
<p>“Na adolescência a relação com os meus pais continuou má e quando a minha mãe descobriu que eu namorava teve uma atitude muito brusca, embora a nossa relação nunca fosse das melhores. É assim eu acho que nem era uma atitude normal aquela, é mesmo de quem não tem paciência e não tem compreensão nenhuma. Não se compromete o percurso escolar de uma filha apenas por ela ter um namorado.”</p>	<p>“Mas fui muito feliz... E na adolescência também. Pronto, eu tinha era uma coisa, às vezes entrava em choque com os meus pais, em certas coisas, porque eu era muito rebelde (...) fazia sempre tudo ao contrário do que me diziam...De resto não...e pronto... os meus pais eram um bocadinho... em relação a mim e se calhar por causa desse meu comportamento rebelde, nessa altura eram capaz de eu ir a uma festa ou...e só ia se fosse acompanhada por eles ou (...) só se a minha avó fosse comigo, ou tinha dois primos que eram os únicos que me podiam ir buscar a casa.”</p>

Tabela 2 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A2), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Após uma análise dos dados visíveis na tabela anterior podemos verificar que a adolescência da Joana foi, à imagem do período a partir do qual começou a viver com os seus pais, na altura com oito anos de idade, uma fase muito difícil, na qual a relação com os seus progenitores continuava má, principalmente com a sua mãe e que chegou ao ponto de esta a proibir de continuar os seus estudos por ter descoberto que ela tinha um namorado.

No que respeita à adolescência da Sílvia verificamos que a mesma decorreu à semelhança da infância, ou seja, como ela refere “muito feliz”, embora, por vezes tivesse tido algumas situações de conflito com os pais provocadas pela rebeldia que a caracterizavam na altura.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A3) – EDUCAÇÃO SEXUAL	
Joana	Sílvia
<p>“Não, a minha mãe nunca me tinha falado no período. É assim, eu quando (...) fui à casa de banho vi sangue e comecei a chorar e eu estava com a minha irmã e ela depois é que me explicou.”</p> <p>“Não, em casa ninguém falava nisso [namoro e /ou sexualidade].”</p> <p>“Não se ouvia [falar] como agora, era totalmente diferente, não tinha nada a ver. Eu nem tinha a noção que podia engravidar. Era diferente, é assim eu ia... eu fui um bocado às cegas (...)”</p> <p>“(...)eu sou sincera, eu na altura não conhecia nada, nenhuma maneira de evitar a gravidez.”</p> <p>“Eu não sabia, mesmo na altura as amigas, umas com as outras, não se falava muito disso.”</p> <p>“Eu nem sabia que havia período fértil. Uma pessoa não sabe essas coisas, ninguém lhe explicou, também não sabe.”</p> <p>“(...)quando me juntei com ele [namorado] comecei a tomar a pílula, até foi (...) a mãe dele que me disse: ah, tens de ir à médica. Por que eu não sabia nada, não é? Não era como agora. Nunca ninguém me tinha</p>	<p>“Já, sim ela explicou-me tudo...antes de eu ter sido menstruada eu já sabia como é que isso ia ser.”</p> <p>“Não, em casa ninguém falava nisso [namoro e /ou sexualidade].”</p> <p>“nessa altura (...) não havia assim conversas...”</p> <p>“Não, nunca tive e na altura essas aulas [educação sexual] nem existiam. Ia-se falando nas aulas de ciências da natureza na altura e na biologia...”</p> <p>“Não, o único conhecimento que tínhamos acerca disso [métodos contraceptivos] era porque já começava a haver alguma publicidade e conversávamos entre as amigas (...)”</p>

<p>explicado nada dessas coisas. E ela disse: tens que ir à minha médica para ela te receitar alguma coisa, porque tu podes engravidar.”</p> <p>“Não, nesse tempo [na escola] ainda não existia nada, nem aulas de educação sexual nem qualquer disciplina onde falassem sobre esses temas.”</p>	
--	--

Tabela 3 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A3), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Após uma análise dos dados patentes na tabela anterior percebemos que Joana não tinha conhecimento algum acerca da menstruação. Para ela o aparecimento da mesma foi um choque porque se assustou e não sabia o que é que lhe estava acontecer. Nessa altura foi a sua irmã (dez anos mais velha) que estava com ela e lhe explicou o que tinha acontecido. Os temas namoro e/ou sexualidade nunca foram abordados em casa e relativamente aos métodos contraceptivos, estes eram desconhecidos pela Joana. Podemos observar que apenas tomou conhecimento da pílula através da mãe do seu namorado, já depois de ter tido relações sexuais. Relativamente às aulas de educação sexual na escola, ela refere que não existiam e em nenhuma outra disciplina se abordava o assunto.

No que respeita à Sílvia ela teve um conhecimento e explicação prévia acerca da menstruação, pois a mãe tinha-lhe falado sobre o que mais cedo ou mais tarde lhe iria acontecer. Já os temas namoro e /ou sexualidade não eram falados em casa, sendo considerados temas tabu. Relativamente às aulas de educação sexual nunca teve, nem existiam, no entanto ia abordando assuntos relacionados com essa temática nas aulas de ciências da natureza e biologia. Acerca dos métodos contraceptivos, o único conhecimento que teve foi através de alguma publicidade e de conversas com as amigas.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A4) – PROJECTOS DE VIDA	
Joana	Sílvia
<p>“É assim, eu acho que nunca tive... nunca pensei nisso, acredita? Porque eu tive assim... fui criada de uma maneira assim um bocado...Porque é assim, estive com a minha avó, depois estive com os meu pais e a minha mãe era mais ajudá-la... ela dizia-me: ah tens de ajudar a fazer isto, a fazer aquilo (...) não é como agora que os pais dizem logo aos filhos: então o que é que queres ser quando fores grande e (...) não era assim, não havia essas conversas.”</p> <p>“ (...) eu não tinha projectos nenhuns. Eu apenas saí de casa para não estar a levar porrada todos os dias. O projecto foi esse. E depois à partida ia-me sujeitando aquilo que acontecia, porque o que eu queria mesmo era sair de casa, percebe, porque não dava para aguentar.”</p>	<p>“É assim, desejar eu sempre...a minha ideia seria tirar um curso superior.”</p> <p>“Gostava muito da área do ensino, da educação.”</p> <p>“Acabar os estudos e tirar o meu curso, na altura, mesmo desde criança, o que eu gostava de ser era educadora de infância, era isso que eu gostava de ser e acabar o curso e começar a trabalhar.”</p> <p>“Tirar o meu curso, era o meu sonho, era tirar um curso, começar a trabalhar e ser independente...eu sozinha...um tempo só viver eu só (...)”</p> <p>“Pensava acabar um curso, arranjar emprego e só depois a partir daí assumir uma família, uma responsabilidade...casamento, filhos.”</p>

Tabela 4 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A4), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Após uma análise dos dados expostos na tabela anterior percebemos que Joana nunca teve projectos de vida traçados, uma vez que ela dizia que o seu único projecto era sair de casa dos pais para não ser mais mal tratada. Ela mesmo refere que se iria sujeitar ao que fosse

acontecendo na sua vida. Diz ainda que, questões tão banais como “o que é que queres ser quando fores grande” não eram colocadas, não existiam conversas sobre isso.

Relativamente a Sílvia, esta tinha como projecto profissional ingressar no ensino superior e tirar um curso. Adorava ter sido educadora de infância. Tirar o curso, começar a trabalhar e ter a sua independência económica era o seu sonho. No que respeita ao projecto pessoal ela gostaria de, depois de ter a sua independência económica, viver durante um tempo sozinha e só depois disso é que ela pensaria assumir uma família.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A5) – CONTRACEPÇÃO	
Joana	Sílvia
“Sim, [tomava] a pílula”	“Antes de engravidar não [usava nenhum método contraceptivo] ”

Tabela 5 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A5), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Após uma análise dos dados explanados na tabela anterior percebemos que Joana utilizava um método contraceptivo (pílula) antes de engravidar. Já Sílvia refere que não usava nenhum.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B1) – CAUSA DA GRAVIDEZ	
Joana	Sílvia
“E depois, então fui à médica e ela receitou-	“Não, [não tomava] nada”.

<p>me aqueles comprimidos para eu tomar (pílula), só que depois não sei se foi disso ou de quê tive hepatite, logo a seguir. E então tive que deixar de tomar e estive três meses a fazer o tratamento para a hepatite, [depois] já estava boa da hepatite e estava à espera que o período descesse para voltar a tomar a pílula e então aí já não desceu, já fiquei grávida.”</p>	<p>“... aquelas coisas de adolescente, ingenuidade, sei lá...o medo que em casa me vissem as coisas... e depois também não foi preciso muito, porque eu engravidei há segunda vez que tive relações, portanto não tive grande hipótese...”</p>
--	--

Tabela 6 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B1), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Depois da análise dos dados expostos na tabela acima percebemos que Joana engravidou durante o período em que estava a fazer o tratamento para a cura da hepatite, período no qual deixou de tomar a pílula. Já Sílvia engravidou porque não tomava qualquer tipo de contraceptivo para o impedir, referindo que o medo de que em casa descobrissem os contraceptivos a impedia de os utilizar. A outra razão pela qual ela justifica a sua gravidez é o facto de ter engravidado na segunda vez que teve relações.

<p>ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)</p>	
<p>(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.1) – FAMÍLIA</p>	
<p>Joana</p>	<p>Sílvia</p>
<p>“Durante a minha gravidez os meus pais não me apoiaram de forma nenhuma.”</p>	<p>“Da minha mãe e do meu pai, pois, todo [apoio]...”</p>

Tabela 7- Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.1), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Depois de uma análise à tabela anterior podemos verificar que relativamente ao apoio familiar Joana refere que não teve qualquer tipo de apoio da parte dos seus pais.

Sílvia diz que tanto do pai como da mãe teve todo o apoio.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.2) – COMPANHEIRO	
Joana	Sílvia
“Apoiou-me sempre em tudo.”	“Todo o apoio, sempre. Mesmo porque nos casámos antes da minha filha nascer.”

Tabela 8 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.2), do grupo “mulheres que forma mães adolescentes”

Após uma análise dos dados expostos na tabela anterior podemos referir que tanto Joana como Sílvia, enquanto percepção pessoal, tiveram sempre o apoio da parte do companheiro.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.3) – GRUPO DE PARES/AMIGOS	
Joana	Sílvia
“Como mudei de aldeia não tive mais contacto com o meu grupo de amigos. Eles provavelmente souberam que eu estava grávida, mas não faço ideia dos	“O meu grupo de amigos, na altura, acabei por me afastar... Não notei [mudança de comportamento da parte deles], fui eu que me afastei, aliás fui

<p>comentários que faziam.”</p> <p>“Não, lá [aldeia do namorado] não conhecia ninguém, passava o tempo com a minha sogra e o meu namorado, por isso não fiz novas amizades.”</p>	<p>eu que me afastei, [as amigas] iam lá a casa ter comigo, eu recebia-as, só que como eu deixei de estudar (...) a convivência já não era tanta, depois quando retomei os estudos (...) retomaram-se algumas [amizades], outras acabaram por se perder... Tive amizades que (...) acabaram por se perder...”</p>
--	---

Tabela 9 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.3), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”.

Após uma análise dos dados referidos na tabela anterior observamos que Joana perdeu o seu grupo de amigos (na altura em que se mudou para a aldeia do seu namorado) e não fez novas amizades.

Sílvia refere que (durante a gravidez) se afastou do seu grupo de amigos e embora as amigas a fossem visitar a convivência já não era tanta, por isso teve amizades que acabaram por se perder.

<p>ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)</p>	
<p>(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.4) – PROFISSIONAIS DE SAÚDE</p>	
<p>Joana</p>	<p>Sílvia</p>
<p>“Fui bem recebida. Eu acho que no fundo até me tratavam bem porque, até se calhar por eu ser tão nova, sei lá. E com certeza até, sei lá, acharam o que eu acho hoje se vir uma pessoa grávida dessa idade nós ficamos até com pena, parece que não mas já estraga um bocado a sua vida, ao</p>	<p>“Fui recebida muito bem... [pelos profissionais de saúde] ”</p> <p>“Sim, sim...É importante quando nessa altura somos apoiadas por eles [profissionais de saúde] e nos explicam o que temos que fazer.”</p>

acontecer isso.” “Sim é sempre importante [o apoio dos profissionais de saúde] ainda para mais quando as pessoas sabem pouco.”	
---	--

Tabela 10 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.4), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Depois de uma análise aos dados explanados na tabela anterior percebemos que tanto Joana como Sílvia foram bem recebidas pelos profissionais de saúde e que consideram muito importante o apoio dos mesmos.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B3) – SITUAÇÃO ESCOLAR	
Joana	Sílvia
<p>“ (...) eu estava a estudar, só que depois a minha mãe soube que eu tinha aquele namorado e, entretanto, tirou-me da escola.”</p> <p>“No oitavo.”</p> <p>“O motivo era porque ela soube que eu andava a namoriscar com aquele rapaz (...)”</p> <p>“ (...) a minha mãe que me disse pronto já que eu vinha para a escola só para namorar, então aí que não me deixava estudar mais (...)”</p>	<p>“No que engravidei depois cheguei à Páscoa e desisti, não fui até ao final do ano. No fundo foi a gravidez, portanto casei nesse mesmo ano e só no ano seguinte é que retomei os estudos”.</p> <p>“Na altura frequentava o nono ano.”</p> <p>“Bem, é assim, no fundo a decisão [de abandonar] não foi minha, a decisão foi mais do meu pai, na altura ficou zangado e por imposição dele, porque se não eu tinha ido até ao final do ano, aliás eu tinha umas boas notas nesse ano e tinha ido... O meu pai na altura, nas férias da Páscoa, depois</p>

	não me deixou ir mais.”
--	-------------------------

Tabela 11 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B3), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”.

Após uma análise dos dados patentes na tabela anterior vemos que Joana abandonou a escola por imposição da sua mãe quando frequentava o oitavo ano de escolaridade (antes de engravidar) apenas porque soube que Joana namorava.

Sílvia, na altura em que engravidou, frequentava o nono ano de escolaridade e no final do segundo período, por imposição do seu pai, abandonou a escola, não tendo terminado esse ano.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(C)– APÓS A GRAVIDEZ (C1) – SENTIMENTOS (experienciados)	
Joana	Sílvia
<p>“É assim, senti... quando a vi gostei logo dela, não é, pronto o instinto maternal, acho eu, não sei.</p> <p>“Sim, isso sentia, eu achava que era capaz de tratar dela...”</p> <p>“Era tudo difícil. Porque é assim, para além de ser uma mudança na minha vida, não é, não sei, eu tratei sempre bem dela, porque pronto já é de mim, não é, mas é sempre complicado. Até porque eu não tinha experiência, não é, nem de ouvir a outras pessoas e às vezes tinha medo de não conseguir responder às necessidades da</p>	<p>“ (...) Senti, para já, um alívio do parto, não é?... E depois a única coisa que eu perguntei à minha mãe (...) se era menino ou menina, o que é que era, e se era perfeito, fosse o que fosse...só queria saber se estava tudo bem com o bebé.”</p> <p>“Sim, sim, quis logo pegar nela, estar sempre ao lado dela...”</p> <p>“(...) senti um pouco de revolta, porque...embora, pronto...foi aquilo que eu quis, ninguém me impôs, foi uma escolha minha, mas, por isso mesmo, pela idade que tinha, não é?...muitas vezes sabia que as</p>

<p>minha filha.”</p> <p>“ (...) às vezes sentia um bocado de medo, porque via que se calhar não estava a fazer aquilo que era preciso, pronto aquelas coisas que a gente não sabe...”</p> <p>“Às vezes sentia-me um bocado triste e desiludida.”</p>	<p>minhas amigas estavam aqui ou além ou iam para aqui ou para ali e eu tinha que estar em casa, não é? (...)a minha revolta mais era porque às vezes vinha ou às compras ou mesmo às vezes vinha tomar um café e aquelas brincadeiras de adolescente entre os meus colegas e os meus amigos, que no fundo, eu participava mas já não era a mesma coisa do que se não tivesse um filho, não é?...”</p> <p>“(...) sentia-me aterrorizada, porque ainda hoje prefiro estar doente eu do que ver a minha filha queixar-se de um dedo...Isso para mim era...se calhar das únicas coisas que me tiravam o sono...se ela ficasse doente...”</p>
--	---

Tabela 12 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (C1), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Depois de uma análise dos dados referidos na tabela anterior podemos ver que Joana, no momento em que viu a sua filha, diz ter gostado logo dela e ter sentido o “instinto maternal”, achando que se sentia suficientemente capaz de tratar dela. Ao longo do tempo sentia que “era tudo difícil”, sentindo algum receio de “não conseguir responder às necessidades da filha”, bem como medo de não fazer aquilo que era preciso, principalmente quando a sua filha estava doente. No geral sentia-se um bocado triste e desiludida.

Sílvia, na altura do nascimento da sua filha, experienciou num primeiro momento um sentimento de alívio (relacionado com o fim do parto) e de seguida a sua preocupação foi saber se era uma menina ou um menino e se a nível de saúde estava tudo bem com a bebé, querendo estar sempre ao lado dela. Com o passar do tempo sentiu algum sentimento de revolta pois pensava que as suas amigas poderiam fazer diversas coisas e ela tinha que estar em casa para tomar conta da sua filha. Esse sentimento também se prendia pelo facto de ela

sentir falta das brincadeiras de adolescente que antes tinha com o seu grupo de amigos. O medo, também, foi um sentimento que experienciou quando a sua filha estava doente, afirmando mesmo que nessas alturas se sentia aterrorizada.

ANÁLISE I (mulheres que foram mães adolescentes)	
(C)– APÓS A GRAVIDEZ (C2) – PERCURSOS DE VIDA (realizados)	
Joana	Sílvia
<p>“Não retomei a escola, fiquei na aldeia e fazia o que era preciso em casa.”</p> <p>“ (...) eu a trabalhar eu nunca trabalhei fora. Eu trabalhava lá na aldeia na lide da casa e na nossa agricultura. Ainda cheguei a fazer umas horas lá para uma senhora, mas pouca coisa.”</p> <p>“Primeiro na aldeia era doméstica e agora limpo as casas de outras pessoas.”</p> <p>“Faço horas em casa particulares.”</p> <p>“ (...) agora já fiz o nono ano pelas novas oportunidades.”</p> <p>“Não, só tive esta [filha]. (...) não queria ter mais porque não tinha condições. (...) Eu tinha consciência que não podia arranjar filhos assim à toa, não é? Para ter filhos, mais que um ou dois ou os que a gente quer tem que ter condições para os ter, para tratar deles e...para que tenham aquilo que merecem, não é? Não é ter filhos e sem ter condições para os ter... “</p> <p>“Sim, a minha filha [foi mãe adolescente]. “</p>	<p>“Retomei a escola e trabalhei. Portanto, o primeiro ano só fui estudar à noite, entretanto comecei a trabalhar, trabalhava de dia e ia estudar à noite...”</p> <p>“ (...) entretanto matriculei-me no décimo ano, mas não acabei...cheguei ao Natal e não fui mais, no ano seguinte, aí sim fiz o décimo ano. Depois fiz o décimo primeiro, portanto comecei a trabalhar e à noite não havia décimo segundo ano e depois (...) nono, décimo e décimo primeiro fiz à noite, como não havia décimo segundo nocturno, parei três ou quatro anos, entretanto fiquei sem emprego na altura e fui fazer o décimo segundo ano de dia e ainda pensei entrar no ensino superior, mas depois desisti.”</p> <p>“Trabalhei como administrativa (...)e fui auxiliar da acção educativa (...)”</p> <p>“ (...) no primeiro emprego trabalhei numa companhia de seguros em serviço administrativo, relações de bens, essas coisas, prestação de serviços aos</p>

<p>“Ela engravidou com dezasseis anos.”</p> <p>“Actualmente moro com o meu segundo marido e com a minha neta. A minha neta está comigo desde os seis meses de idade, há mais ou menos cinco anos e meio e com o meu segundo marido há nove meses, quando casei pela segunda vez.”</p>	<p>contribuintes (...)”</p> <p>“Neste momento sou assistente técnica do ministério da Educação.”</p> <p>“Actualmente tenho o décimo segundo ano.”</p> <p>“Não. Ela é filha única.”</p> <p>“ (...) tivemos um (...) segundo filho planeado, entretanto (...) fiquei sem emprego e isso condicionou (...)”</p> <p>“Assustou-me porque nessa altura já estávamos na nossa casa e eu comecei a fazer contas e fiquei...tive, tive medo, tive medo...não sabia o que me ia esperar e disse: bem, vamos aguardar, vamos esperar...foi-se adiando...foi-se adiando e quando fomos a olhar para trás já era tarde demais.”</p> <p>“Não foi [mãe adolescente]. Neste momento ela tem 25 anos e acabou o mestrado no ano passado. Namora, mas ainda não casou e não teve filhos. Ainda vive connosco.”</p>
---	--

Tabela 13- Apresentação dos dados, relativos à categoria (C2), do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”

Depois de uma análise dos dados expostos na tabela anterior observamos que Joana, depois da gravidez, não prosseguiu os estudos. Trabalhava na lide da casa e na agricultura e ainda chegou a trabalhar numa casa particular lá na aldeia. Só teve esta filha, uma vez que considera que não tinha condições para ter tido mais. A sua filha também foi mãe adolescente com 16 anos. Mais tarde acabou por fazer o nono ano de escolaridade, através das novas oportunidades, e começou a trabalhar em casas particulares. Actualmente vive com o seu segundo marido e com a sua neta.

Sílvia retomou os estudos em regime nocturno até ao 11º ano e trabalhava durante o dia. Teve vários empregos e no momento em que ficou desempregada decidiu ir fazer o 12º ano em regime diurno. Teve apenas esta filha, embora tivesse programado ter outro, só que o facto de estar desempregada nessa altura fez com que ela fosse adiando esse projecto. A sua filha não foi mãe adolescente, fez licenciatura e mestrado e ainda vive com os pais.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A1) – INFÂNCIA	
Paula	Inês
<p>“ (...) na instituição estou desde os sete anos e antes disso morava com a minha mãe, porque os meus pais estão separados já há muito tempo, eu tinha um ano...”</p> <p>“ (...) mas como eu ia aos fins-de-semana para casa saía quando estava lá.”</p> <p>“Aqui [na instituição] sempre me deram o que preciso e gosto de viver aqui.”</p> <p>“Eu desde que tinha um ano vivi sempre com a minha mãe até aos sete quando vim para a instituição e sempre me dei bem com ela.</p> <p>“Aconteceram umas coisas entre eles [pais] os dois quando eu era mais pequena que não gostava e depois vinha a recordar aquilo para sempre (...)”</p> <p>“ (...) mas não me dou bem com ele [pai].”</p> <p>“ Não falo com ele [pai]. Quando o vejo cumprimento-o, mas não falo com ele...”</p>	<p>“Com os meus pais e o meu irmão até aos meus dez anos, depois os meus pais divorciaram-se e fiquei a viver só com a minha mãe e o meu irmão.”</p> <p>“A minha relação com eles foi sempre muito boa... Quando os meus pais eram casados até eu ter dez anos sempre tivemos [eu e o meu irmão] uma relação muito forte com o meu pai e com a minha mãe. Tive uma infância muito feliz...havia sempre tempo para estarmos todos juntos, passeávamos, brincávamos e às vezes como é normal eles também ralhavam comigo e com o meu irmão quando fazíamos algumas asneiras...”</p>

<p>“Não, desde que fui para ao pé da minha mãe nunca falei com ele...não senti...sei lá...parecia que não era meu pai...”</p>	
---	--

Tabela 14 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A1), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados visíveis na tabela anterior podemos ver que Paula viveu com a sua mãe até aos sete anos e que depois dessa altura foi morar para uma instituição. Os seus pais divorciaram-se quando ela tinha apenas um ano de idade. Durante o tempo que viveu com a sua mãe teve uma boa relação com ela, o mesmo não aconteceu com o pai uma vez que ela refere alguns acontecimentos que ocorreram entre os pais quando ela era pequena e que fizeram com que ela não quisesse falar mais com ele. Desde que entrou para a instituição, com sete anos, diz que sempre teve tudo o que precisou e gosta de lá estar. Durante esta fase da sua vida ia passar alguns fins-de-semana a casa da sua mãe.

Inês viveu com os pais e o irmão até aos dez anos de idade, altura em que os seus pais se divorciaram e a partir desse momento ficou a viver apenas com a mãe e o irmão. Considera que teve uma infância muito feliz onde nunca faltou tempo para brincar, passear e estarem todos juntos.

<p>ANÁLISE II (grávidas adolescentes)</p>	
<p>(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A2) – ADOLESCÊNCIA</p>	
<p>Paula</p>	<p>Inês</p>
<p>“ (...) na instituição estou desde os sete anos (...)” “ (...) mas como eu ia aos fins-de-semana para casa saía quando estava lá.” “Ás vezes eu e a minha mãe discutíamos</p>	<p>“Na adolescência a relação com a minha mãe manteve-se igual, com o meu pai... como eles se divorciaram quando eu tinha dez anos e como ele foi morar para outro lado houve um ligeiro afastamento e</p>

quando eu queria sair e a minha mãe não deixava...aquelas coisas.”	acabava por ter uma relação mais chegada à minha mãe, mas na mesma o meu pai continuava... e continua a ter contacto comigo e com o meu irmão todas as semanas.”
--	--

Tabela 15 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A2), do grupo “grávidas adolescentes”

Depois de uma análise dos dados expostos na tabela anterior observamos que Paula, na adolescência, continuou a viver na instituição indo passar alguns fins-de-semana com a mãe. Era nessas ocasiões que, por vezes a sua relação com ela acabava por não ser a melhor quando Paula queria sair com os amigos e a mãe não deixava.

Inês, durante a adolescência, manteve com a mãe a boa relação que tinham na sua infância. O mesmo já não aconteceu com o seu pai, uma vez que depois do divórcio este acabou por se afastar um pouco, mantendo, no entanto, um contacto semanal.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A3) – EDUCAÇÃO SEXUAL	
Paula	Inês
“Em casa não falava muito com a minha mãe, isso era mais com as minhas irmãs e aqui na instituição falava com as técnicas.” “Sim, este ano tivemos umas aulas em que se falava sobre isso. (...) Em formação cívica.”	“ (...) a minha mãe nunca teve problemas em nos falar sobre isso [namoro e/ou sexualidade], sempre nos explicou tudo e conversava muito comigo e com o meu irmão. Se eu tivesse alguma dúvida, eu perguntava. Com o meu pai também não tenho problemas em falar com ele, se fosse

	<p>preciso falava, mas como tenho a minha mãe eu sinto-me mais à vontade com ela... não sei se calhar se o meu pai não tem saído de casa se calhar também...acho que com ele agora me envergonho mais um bocadito...não sei...”</p> <p>“ (...) nestes dois últimos anos (...) havia algumas disciplinas em que alguns professores tinham que dar uma aula sobre educação sexual e também na disciplina de formação cívica...”</p>
--	---

Tabela 16 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A3), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados expostos na tabela anterior vemos que Paula falava mais, sobre o assunto da educação sexual, com as irmãs e com as técnicas da instituição, assumindo que com a mãe não falava muito sobre isso. Na escola refere que durante este ano, em formação cívica teve aulas de educação sexual.

Inês refere que com a mãe nunca houve problemas em falar sobre o assunto e que até conversavam muito, tanto com ela como com o irmão. Já em relação ao pai, talvez devido ao afastamento que tiveram não se sentia muito à vontade para falar sobre isso. Na escola, de há dois anos a esta parte teve várias disciplinas onde os professores abordavam esse assunto, nomeadamente em formação cívica.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A4) – PROJECTOS DE VIDA	
Paula	Inês
“Estudar...”	“Eu queria acabar o secundário e depois pensava em tirar enfermagem... E a nível pessoal pensava em constituir família só depois de acabar o curso e arranjar um emprego...”

Tabela 17 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A4), do grupo “grávidas adolescentes”

Depois de uma análise dos dados patentes na tabela anterior observamos que os projectos de vida de Paula antes de engravidar apenas passavam por estudar.

Inês refere que queria acabar o curso, trabalhar e só depois é que pensava em constituir uma família.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(A)– ANTES DA GRAVIDEZ (A5) – CONTRACEPÇÃO	
Paula	Inês
“[Utilizava] a pílula e algumas vezes o preservativo.”	“Sim, a pílula e às vezes o preservativo”

Tabela 18 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (A5), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados expostos na tabela 18 percebemos que quer Paula, quer Inês utilizavam a pílula e “às vezes”o preservativo.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B1) – CAUSA DA GRAVIDEZ	
Paula	Inês
“Não porque eu tomava a pílula, só que eu tomava mal e não sabia que a tomava mal...”	“Nessa altura eu tomava a pílula e achava que estava tudo controlado, mas esqueci-me que tinha estado a tomar um antibiótico por causa do tratamento de um dente...”

Tabela 19 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B1), do grupo “grávidas adolescentes”

Após a observação dos dados expostos na tabela acima vemos que ambas tomavam a pílula, no entanto a gravidez ocorreu. No caso de Paula deveu-se, segundo ela, à má compreensão do modo de uso e por isso não estava a administrar a pílula correctamente o que impedia a sua eficácia. Já as causas que levaram à gravidez de Inês passaram pela toma de um antibiótico, o qual diminui a eficácia da pílula.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.1) - FAMÍLIA	
Paula	Inês
“A minha mãe no primeiro dia ficou um bocadinho em choque, mas depois e até	“Para já [tive] todo [o apoio] e depois tenho a certeza que também me vão ajudar...”

agora deu-me apoio...”	
------------------------	--

Tabela 20 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.1), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados expostos na tabela anterior observamos que tanto Paula como Inês tiveram apoio, quer da mãe no caso da Paula, quer dos pais no caso da Inês.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.2) - COMPANHEIRO	
Paula	Inês
“Deu muito apoio...Quando eu estava em baixo ele ajudava-me.”	“Até agora tive todo o apoio da parte do meu namorado.”

Tabela 21 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.2), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados referidos na tabela anterior podemos inferir que quer Paula como Inês sempre tiveram, enquanto percepção pessoal, muito apoio da parte do companheiro.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.3) – GRUPO DE PARES/AMIGOS	
Paula	Inês
<p>“Eles [amigos] à minha frente davam-me apoio...agora não sei...”</p> <p>“Eram mais cuidadosos...”</p>	<p>“[Os meus amigos]ficaram espantados no início, mas sempre me apoiaram... agora já é normal para eles verem-me assim grávida.”</p> <p>“ (...) são mais atenciosos e estão sempre a perguntar se eu estou bem...”</p>

Tabela 22 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.3), do grupo “grávidas adolescentes”

Depois de uma análise dos dados expostos na tabela anterior vemos que os amigos de Paula davam-lhe apoio e desde que souberam da sua gravidez eram mais cuidadosos para com ela.

No que respeita ao grupo de amigos de Inês, estes também sempre apoiaram referindo que estão também mais atenciosos e preocupados com o seu bem-estar.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(B)– DURANTE A GRAVIDEZ (B2) – REDE DE SUPORTE (B2.4) – PROFISSIONAIS DE SAÚDE	
Paula	Inês
<p>“Ao início acho que fui um bocadinho má recebida porque eles ralharam comigo, mas depois deram-me todo o apoio.”</p>	<p>“ (...) fui recebida muito bem e sempre tive todo o apoio da parte dos médicos e das enfermeiras...embora não faltassem as</p>

<p>“Porque eu ainda era muito nova...”</p> <p>“ (...) diziam que havia tantos métodos contraceptivos e que me foi logo acontecer...”</p>	<p>lições de moral...”</p>
--	----------------------------

Tabela 23 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B2.4), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados apresentados na tabela 23 podemos observar que Paula considera que os profissionais de saúde lhe tenham dado todo o apoio, no entanto ralharam com ela por ela ainda ser muito nova para estar grávida e porque como havia tantos métodos contraceptivos como é que ela não se tinha prevenido.

Inês refere que foi bem recebida pelos profissionais de saúde, sempre teve todo o apoio da parte deles, no entanto diz que não faltaram as” lições de moral”.

<p>ANÁLISE II</p> <p>(grávidas adolescentes)</p>	
<p>(B)– DURANTE A GRAVIDEZ</p> <p>(B3) – SITUAÇÃO ESCOLAR</p>	
<p>Paula</p>	<p>Inês</p>
<p>“Frequentava o oitavo ano [quando engravidei].”</p> <p>“Não abandonei, só que agora no terceiro período já não fui porque estou quase a ter o bebé. Mas as notas do segundo período já são também as do terceiro.”</p>	<p>“Estou a fazer o décimo ano.”</p> <p>“ (...) ainda vou fazer este ano que já acaba daqui a pouco tempo...já falta pouco e as notas até nem são más.”</p>

Tabela 24 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (B3), do grupo “grávidas adolescentes”

Depois de uma análise dos dados expostos na tabela anterior percebemos que Paula teve que abandonar a escola no terceiro período do oitavo ano, uma vez que a bebê podia nascer a qualquer altura, mas, segundo ela, este ano ficaria completo uma vez que as notas que lhe foram atribuídas no segundo período seriam igualmente atribuídas no terceiro. O que pensamos ser o desfecho mais provável, sendo que esta afirmação de Paula dever-se-ia basear no constante do regime especial de avaliação (Despacho normativo nº 6/2010 de 19 de Fevereiro).

Inês, durante a gravidez frequentava o décimo ano de escolaridade, o qual pensava acabar antes de ter a bebê, pois já não faltava muito.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(C)– APÓS A GRAVIDEZ (C1) – SENTIMENTOS (que pensa vir a experienciar)	
Paula	Inês
<p>“ Sei lá...contente...”</p> <p>“Sei lá...Não sei...”</p> <p>“ (...) se calhar até vai ser agradável...”</p> <p>“Sei lá...muito trabalho...”</p> <p>“Que é um bocado cansado estar a fazer as coisas ao mesmo tempo.”</p> <p>“Mal...”</p>	<p>“Acho que vou sentir uma alegria muito grande...”</p> <p>“Algumas vezes poderei não saber o que fazer, não sei...se calhar umas vezes poderei sentir-me cansada (...) é assim, também acho que vou ter momentos de muita alegria com a minha bebê.”</p> <p>“Acho que vou sentir alguma frustração, mas o importante para que isso não aconteça é combinar bem as coisas entre mim e o meu namorado e tentar fazer essas coisas, apenas, quando o meu namorado ou a minha mãe tiver disponibilidade para ficar com ela...não sei... As coisas vão ter que ser muito bem combinadas entre nós.”</p>

	<p>“Acho que vou sentir uma ansiedade muito grande...tenho muito medo se isso acontecer, mas caso aconteça vou ter a ajuda da minha mãe que de certeza me vai ajudar com a bebé...e ela também já criou dois filhos por isso já tem experiência nessas coisas...”</p>
--	---

Tabela 25 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (C1), do grupo “grávidas adolescentes”

Após uma análise dos dados referidos na tabela anterior podemos observar que Paula se refere aos sentimentos que pensa vir a experienciar de uma forma um pouco vaga, ou seja, ela responde várias vezes com a expressão “sei lá”, referindo-se apenas que acha que se vai sentir contente quando vir o seu filho pela primeira vez, que durante o primeiro ano do seu filho até poderá ser agradável, que vai sentir cansaço e que se o seu filho ficar doente acha que se vai sentir mal. Inês faz referência a vários sentimentos justificando a razão dos mesmos. Assim, ela considera que quando vir o seu filho pela primeira vez vai sentir uma alegria muito grande, que durante o primeiro ano de vida do seu filho se poderá sentir cansada, que caso tenha algumas coisas para fazer e o seu filho precise da sua atenção poderá levar a que se sinta frustrada e se o seu filho adoecer considera que irá ficar ansiosa e com medo.

ANÁLISE II (grávidas adolescentes)	
(C)– APÓS A GRAVIDEZ (C2) – PERCURSOS DE VIDA (idealizados)	
Paula	Inês
<p>“A nível académico gostava de tirar o curso de estilista...e depois trabalhar nisso... “ (...) ir para ao pé da minha família.”</p>	<p>“A nível académico (...) vou tentar fazer pelo menos até ao décimo segundo ano, depois logo se vê a possibilidade de ir tirar enfermagem. Caso consiga será óptimo</p>

	<p>porque é a profissão que sempre quis ter...depois o emprego virá a seguir (...) a nível familiar espero continuar com o meu namorado, talvez até casar quando a minha filha fizer uma ano.”</p>
--	--

Tabela 26 - Apresentação dos dados, relativos à categoria (C2), do grupo “grávidas adolescentes”

Depois de uma análise dos dados expostos na tabela acima vemos que Paula gostava de, profissionalmente, tirar um curso de estilismo e trabalhar nessa área. Ao nível familiar gostava de ir para ao pé da sua família.

Inês refere que a nível académico gostava de terminar o ensino secundário e tirar o curso de enfermagem para mais tarde arranjar um emprego. Pessoalmente gostaria de viver com o namorado e casar.

Análise III

Contraopondo os resultados da análise I com análise II realizámos a análise III na qual comparamos os dados das mulheres que foram mães adolescentes com os dados das grávidas adolescentes, à luz das categorias estabelecidas.

Assim, no que respeita à infância, esta não foi vivida de igual forma nem pelo grupo “mulheres que foram mães adolescentes” (Joana e Sílvia) nem pelo grupo “grávidas adolescentes” (Paula e Inês). Até mesmo dentro de cada grupo ela foi vivenciada de forma diferente. Situação idêntica ocorreu na fase da adolescência.

Relativamente à educação sexual, observámos que no grupo das “mulheres que foram mães adolescentes” (Joana e Sílvia) esta, quer em casa, quer na escola nunca existiu. Relativamente ao grupo “grávidas adolescentes” (Paula e Inês) estas referiram que na escola já existem disciplinas onde se debate o assunto, enquanto em casa uma participante (Inês) refere não ser um tema tabu, enquanto a outra (Paula) apenas conversava acerca do assunto com as irmãs.

Relativamente aos projectos de vida, todos eles, à excepção de um (Joana, o qual não existia) contemplam a educação (Sílvia, Paula e Inês) e dois contemplam ainda a família e a profissão (Sílvia e Inês).

No que concerne à rede de suporte, relativamente à família, apenas Joana referiu não o ter tido, enquanto relativamente ao companheiro todas referem ter existido. O grupo de pares, no caso das “mulheres que foram mães adolescentes” (Joana e Sílvia) acabou por se afastar, enquanto no caso das “grávidas adolescentes” (Paula e Inês) revelou mais atenção para com elas. Relativamente aos profissionais de saúde o grupo das “mulheres que foram mães adolescentes” (Joana e Sílvia) referiu terem sido bem recebidas, valorizando o apoio dos mesmos, sendo que as “grávidas adolescentes” (Paula e Inês) também consideram ter sido bem recebidas, no entanto referenciam as “lições de moral” dadas pelos mesmos.

A situação escolar é similar no grupo das “mulheres que foram mães adolescentes” (Joana e Sílvia), pois houve abandono, sendo que embora tivessem retomado os estudos, uma fê-lo logo após a gravidez (Sílvia), ao passo que a outra só o fez muito mais tarde (Joana). Já nas “grávidas adolescentes” (Paula e Inês) uma abandonou, pois estava na eminência do parto (Paula), embora tivesse tido aproveitamento esse ano lectivo, uma vez que as notas do segundo período lhe eram atribuídas igualmente no terceiro, e a outra (Inês) não abandonou pois o parto só estava previsto para a época das férias de Verão, no entanto ambas pensam em prosseguir os estudos após o nascimento dos filhos.

Relativamente aos sentimentos experienciados todas referem alegria como o sentimento vivido aquando o nascimento dos seus filhos, isto no caso da Joana e Sílvia, sendo que Paula e Inês referem o mesmo como o sentimento que pensam vir a experienciar nesse momento. O cansaço é também referenciado por todas elas, no que respeita às tarefas relacionadas com a casa e o bebé. O medo e a ansiedade são comuns às quatro participantes no que respeita a uma situação de doença do filho. Joana fala ainda de sentimentos de desilusão e tristeza após o período do nascimento do bebé, enquanto Sílvia relembra a revolta que sentiu nesse período por saber que não poderia acompanhar o grupo de amigas em determinadas actividades, pois tinha que ficar a tratar da sua filha.

O percurso de vida realizado pela Joana acabou por ir ao encontro do projecto que não tinha, isto é, deixar que a vida se encarregasse de ditar o próprio destino, sujeitando-se aos acontecimentos desta, enquanto o percurso de vida da Sílvia acabou por tocar nas três vertentes que ela tinha delineado no seu projecto de vida, a família, os estudos e a profissão, embora não da forma como ela o planeava nem tendo alcançado os objectivos que ela pensava alcançar, os quais passavam por um curso superior e uma profissão relacionada com esse curso. Relativamente às “grávidas adolescentes” (Paula e Inês) os percursos de vida que elas

pensam ter (idealizam) vão ao encontro dos projectos que tinham antes de engravidar, no entanto salvaguardam que a chegada de um novo ser poderá influenciar as escolhas futuras.

3.1 Discussão dos Resultados

Depois da análise, realizada tendo em consideração as categorias, fizemos uma discussão sobre o assunto através de um cruzamento entre a informação que obtivemos dessa análise e a revisão da literatura.

A adolescência não foi vivida da mesma maneira por todas as participantes no estudo, o que vai ao encontro do que nos dizem Reis (2007) e Fabião (2008) quando afirmam que a adolescência é uma fase da vida que não é vivenciada de igual forma por todas as pessoas. Assim, enquanto Joana viveu uma adolescência na qual sofreu maus tratos por parte da mãe, Sílvia e Inês referiram ter vivido uma adolescência feliz, no entanto Sílvia refere que por vezes tinha algumas situações de conflito com os pais que eram provocadas pela rebeldia que a caracterizava na altura. Segundo Fabião (2008) citando Cordeiro (1982) estas situações de conflito podem acontecer, uma vez que a adolescência é uma fase do ciclo vital na qual existe, por parte dos jovens, uma grande necessidade de auto-confirmação perante a sociedade em geral e a família em particular, as quais podem levar a que o adolescente viva revoltado por não se sentir compreendido. Paula refere que esta fase da sua vida foi vivida numa instituição e que ia passar os fins-de-semana com a mãe, momentos em que também havia algum conflito entre elas pelo facto da mãe a impedir de sair quando ela queria e pelo facto de lhe impor regras nessas saídas, as quais ela não gostava de acatar.

Durante esta fase do ciclo vital ocorrem muitas alterações, quer ao nível físico, quer psicológico, quer social. É também uma fase onde acontece o despertar para a sexualidade e consequentemente surgem dúvidas e curiosidades acerca desse tema. Segundo Reis (2007), os pais devem abordar e esclarecer os assuntos que despertem essas curiosidades de forma aberta e o mais natural possível para que desta forma se consigam desmistificar determinados preconceitos existentes, não encarando este tema como um tema tabu. Esta não era a postura dos pais quer de Joana, como de Sílvia, como de Paula, uma vez que, segundo elas, não se falava em casa sobre este assunto. O mesmo já não aconteceu com Inês uma vez que ela refere que a mãe sempre falou sobre isso sem qualquer problema e que esse nunca foi um

tema tabu lá em casa. Na escola, Joana refere não ter tido aulas de educação sexual, enquanto Sílvia disse que em biologia e ciências da natureza “ia-se falando” sobre o tema. Isto vem ao encontro do que refere Saito e Leal (2000, p.44) quando afirmam que “na escola o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos, reforçando a ideia da sexualidade ligada à reprodução (...)”. Já Paula e Inês dizem que tiveram, em algumas disciplinas, nomeadamente formação cívica, aulas nas quais abordavam o assunto da sexualidade. Tanto as mulheres que foram mães adolescentes como as grávidas adolescentes valorizaram a importância dessas aulas (embora Joana e Sílvia não as tenham tido), uma vez que, segundo elas, ajudavam a esclarecer dúvidas sobre a temática. Reis (2007) relembra que a educação sexual que contempla conhecimento, valores e competências de ordem sexual deve ser da responsabilidade dos pais, bem como da escola. Assim, segundo Saito e Leal (2000, p. 46) “a escola deverá tentar envolver as famílias no diálogo sobre sexualidade, usando o espaço da escola, como as reuniões de pais e mestres.”

A informação acerca da contraceção deve fazer parte da educação sexual, no entanto é importante “não basear a orientação sexual no uso de preservativo ou método anticoncepcional, mas no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas acções o que favorece o desenvolvimento da cidadania e o compromisso consigo mesmo e com o outro. Essa proposição não invalida o facto de ter sempre presente a anticoncepção como parte relevante da proposta preventiva (Saito e Leal, 2000, p. 46)”. Embora Inês refira que tinha bastante informação acerca deste assunto, quer por parte da mãe quer por parte de profissionais de saúde, o mesmo não aconteceu com as outras três participantes. Paula, embora tivesse esclarecimentos acerca do uso da pílula por parte de um profissional de saúde, os mesmos não foram bem percebidos e por isso não estavam a ser bem utilizados o que corrobora a afirmação de Reis (2007, p.53) quando refere que “conhecimentos sobre sexualidade, contraceção e reprodução não conduzem, necessariamente, a que os jovens pratiquem sexo seguro”, referindo também que vários estudos efectuados no Brasil demonstram que embora muitos adolescentes até possam ter conhecimento sobre a contraceção, certo é que isso não significa saber usá-los correctamente. Joana refere que a informação que tinha acerca deste assunto lhe foi dada, a primeira vez, pela mãe do namorado, a qual a aconselhou a ir ao médico. Aí, por parte dos técnicos de saúde teve um esclarecimento mais pormenorizado, no entanto a percepção do mesmo também não foi a ideal.

Todas as participantes no nosso estudo engravidaram sem contar, ou seja, tiveram uma gravidez não planeada o que vai ao encontro do que nos diz Pereira (2001) quando refere que, na maior parte dos casos de gravidez na adolescência, esta acontece de forma não planeada, ocorrendo quase sempre fora do casamento e que na sua maioria é levada até ao fim (o que se verificou nestes quatro casos).

Antes de estas gravidezes acontecerem, todas as participantes, à excepção de Joana, tinham planeado, embora de forma geral, o seu futuro. Joana era excepção, uma vez que, segundo ela, o seu único projecto era sair de casa para fugir aos maus tratos que a mãe lhe dava e depois sujeitar-se-ia ao que fosse acontecendo na sua vida. As outras três participantes, de uma forma ou de outra tinham planeado algo para o seu futuro onde, de forma geral, contemplavam a educação, a família e a profissão. Pinto (2002), referenciado por Panicali (2006), menciona serem estes os pontos basilares do projecto de vida de um adolescente. No caso de Sílvia e de Inês, ambas mencionam que o seu projecto de vida contemplava estes três itens; já Paula referiu que o seu projecto de vida, antes de engravidar, contemplava apenas a educação, no entanto, no decorrer da entrevista, referiu-se à profissão que planeava exercer; Joana não tinha qualquer projecto de vida. Segundo a revisão da literatura, Reis (2007) diz-nos que, ou o individuo traça os seus próprios planos e metas de forma a tentar atingir os seus objectivos (caso de Sílvia, Paula e Inês) ou deixa que os acontecimentos se sucedam naturalmente moldando-se aos mesmos e deixando que estes ditem o seu projecto e, conseqüentemente, o seu percurso de vida (caso da Joana). Reis (2007, p. 46), citando Cardoso e Cocco (2003), afirma que “os adolescentes também percebem a escolarização como uma forma de melhorar a qualidade de vida no trabalho e o trabalho como fonte de sobrevivência e forma de ascensão social”. Isto observou-se no caso de Sílvia, Paula e Inês, pois todas elas referenciaram os estudos como um objectivo nos seus projectos de vida.

Relativamente à contracepção, os dados recolhidos não foram coincidentes dentro do grupo “mulheres que foram mães adolescentes”, uma vez que antes da gravidez Joana tomava a pílula, embora naquela altura não a estivesse a tomar por indicação médica pois estava a fazer um tratamento à hepatite, e Sílvia não utilizava nenhum método contraceptivo. Esta última refere que não utilizava, pois tinha medo que em casa descobrissem e por outro lado enfatiza o facto de ter engravidado logo na segunda vez que teve relações. Este facto pode estar relacionado com o que nos diz Reis (2007) quando refere que os jovens, na adolescência, possuem um sentimento de invulnerabilidade, perante determinadas situações, sentimento que

poderá proporcionar comportamentos de risco, como por exemplo o sexo desprotegido. No que tange ao grupo “grávidas adolescentes” ambas tomavam a pílula e por vezes usavam o preservativo, o que nos pode indicar que possuíam alguma informação relativamente ao uso destes métodos contraceptivos.

No que concerne às causas da gravidez, Joana aponta para o facto de estar a fazer o referido tratamento e conseqüentemente não estar a tomar a pílula, no entanto depreendemos que ela, nessa altura, não tinha a noção que poderia engravidar pois ela refere que “estava à espera que lhe baixasse o período”. Relativamente a Sílvia, a causa da gravidez foi o facto de ela não ter tomado qualquer tipo de precaução para o evitar. Paula, embora tomasse a pílula menciona que o fazia de forma errada, inconscientemente, o que levou à ineficácia do método contraceptivo e conseqüentemente à gravidez, ao passo que a Inês refere que a sua gravidez ocorreu pelo facto de ter tomado um medicamento (antibiótico) que ela sabia que poderia interferir com a eficácia da pílula, mas que, na altura, não se lembrou desse pormenor. Embora Joana, Paula e Inês tivessem conhecimento sobre alguns métodos contraceptivos e os utilizassem, tudo nos indica que não teriam toda a informação necessária sobre os mesmos ou não os utilizavam da forma mais correcta, o que vai ao encontro do que nos refere Reis (2007) quando menciona que o facto de os adolescentes possuírem informação sobre os métodos contraceptivos não é sinónimo de que saibam usar e aplicar essa informação da forma mais correcta na utilização dos métodos contraceptivos, ou seja, é necessário que essa informação chegue aos jovens, no entanto essa informação tem que ser percebida (ter significado) para que possa ser correctamente aplicada pelos jovens.

Durante o período em que a gravidez na adolescência decorre é importante que as jovens tenham apoio, ou seja, uma rede de suporte, quer ao nível da família, do companheiro, do grupo de pares/amigos e dos profissionais de saúde, com a qual possam contar. Pereira (2001) diz-nos que o apoio social (o qual engloba os subsistemas acima referidos) é fundamental para que aumente o sucesso da aceitação da sua maternidade, o que gera atitudes e comportamentos maternos mais positivos e uma melhor reacção pós-parto. Neste contexto, podemos constatar que todas as participantes, à excepção de Joana, tiveram apoio da parte da família. O apoio maternal durante e após a gravidez é importante, uma vez que constituiu uma fonte fundamental de aprendizagem e informação útil para a jovem no que respeita aos cuidados a ter com o bebé, permitindo um maior à vontade para lidar com situações de stress

e ansiedade que a jovem possa experienciar nesta altura, proporcionando um maior desenvolvimento da sua auto-estima (Bogat, 1998; citado por Pereira, 2001).

Já no que respeita ao companheiro, todas elas, sem excepção, referiram que estes sempre as apoiaram. Este apoio, segundo Pereira (2001) é um contributo fundamental para o bem-estar geral da grávida adolescente. Relativamente ao grupo de pares/amigos Joana e Sílvia mencionaram que houve um afastamento dos mesmos, enquanto Paula e Inês referiram que sentiram apoio por parte deles e que até achavam que eles andavam mais atenciosos e preocupados com elas. A literatura diz-nos que as relações com os pares acabam por enfraquecer, por dois motivos. Primeiro, porque o conjunto de transformações físicas e psicológicas implícitas no decorrer da gravidez determinam uma não identificação com o grupo e, segundo porque devido a todos os compromissos, responsabilidades e necessidades que o seu bebé requer, implicam uma diminuição da sua disponibilidade para acompanhar o grupo nas diversas actividades que realizam (Pereira, 2001).

Relativamente à situação escolar e, conseqüentemente, ao percurso educativo e profissional Canavarro e Rolim (2000), citados por Pereira (2001) afirmam que a gravidez na adolescência tem vindo a agravar o abandono escolar. Panicali (2006) acrescenta que uma gravidez na adolescência acaba por se transformar num obstáculo à formação académica da jovem, uma vez que esta interrompe ou chega mesmo a abandonar o seu percurso escolar. Neste contexto, e relativamente às participantes no nosso estudo, observámos que Joana abandonou a escola antes de engravidar, por imposição da mãe, no entanto, depois da gravidez não retomou os estudos. Isso veio a acontecer muito mais tarde, já depois de adulta, onde através das novas oportunidades completou o nono ano de escolaridade. Sílvia abandonou na altura em que engravidou, por imposição do seu pai, no entanto retomou a seguir à gravidez, embora com algumas interrupções pelo meio, acabando por concluir o décimo segundo ano. Paula interrompeu no terceiro período, uma vez que o parto iria acontecer nessa altura, no entanto, esse ano lectivo estava concluído pois as notas seriam as mesmas do segundo período. Após o nascimento da sua filha pensa retomar os estudos. Inês não abandonou, uma vez que o seu bebé iria nascer no período das férias de Verão, o que facilitava pois, segundo ela, não perdia nenhum ano, tendo como expectativa continuar os estudos depois do nascimento da sua filha.

No que respeita aos percursos de vida Joana permaneceu na aldeia, era doméstica e continuou sem projectos de vida, permitindo que os acontecimentos desta fossem acontecendo naturalmente. Também a sua filha foi mãe adolescente com 16 anos. Sílvia passou por vários

empregos, terminou o décimo segundo ano até que conseguiu alguma estabilidade profissional, o que fez com que se acomodasse e por isso não concretizou o seu projecto de tirar um curso superior. No que respeita às grávidas adolescentes (Joana e Sílvia) ambas mantêm o seu projecto de vida e idealizam-no como o seu percurso de vida daqui para a frente.

Em jeito de conclusão este estudo permitiu-nos perceber que a gravidez na adolescência implicou algumas mudanças na vida destas mães. Percebemos que cada caso é um caso, cada história de vida é única, no entanto, para além das diferenças, conseguimos encontrar algumas semelhanças nestas quatro histórias de vida.

Percebemos que no caso das “mulheres que foram mães adolescentes” (há mais de vinte anos) a educação sexual, quer em casa, quer na escola, não existia. O tema era considerado tabu e por isso não fazia parte das conversas entre pais e filhos. Actualmente, percebemos que, em algumas famílias (caso de Inês), existe uma abertura maior relativamente a esse assunto e que na escola é já um tema que é tratado com o intuito de informar e educar os jovens para a vivência de uma sexualidade segura e protegida, perspectivando a mesma como parte integrante da formação e desenvolvimento da personalidade do jovem e não perspectivado apenas sob o ponto de vista biológico e reprodutivo.

Este estudo permitiu-nos observar que os projectos de vida que as mulheres que foram mães adolescentes (Joana e Sílvia) tinham, antes de engravidarem, não foram realizados e consequentemente o percurso de vida das mesmas não foi aquele que inicialmente tinham planeado. No que respeita às “grávidas adolescentes” entrevistadas, estas perspectivam que o seu percurso de vida vá ao encontro do seu projecto de vida, embora assumam que o nascimento de um novo ser irá implicar algumas alterações/adaptações nas suas escolhas e consequentemente na sua vida. Ora, assim sendo, inconscientemente, já estão a assumir que a gravidez e a maternidade poderá vir a influenciar o seu percurso de vida daqui para a frente.

Percebemos ainda que as causas que levaram às gravidezes na adolescência foram similares nos dois grupos, destacando a falta de informação ou a não percepção da mesma e, consequentemente, utilização incorrecta dos métodos contraceptivos. Ressalvamos por isso, que possa ter ocorrido uma não assimilação dos conteúdos por parte das mesmas, inferindo até, que isso seja devido à falta de significância atribuída às aprendizagens que lhe foram transmitidas.

Podemos pois referir que, neste caso, os projectos de vida estipulados não coincidiram com os percursos de vida realizados pela Joana e pela Sílvia, sendo que as entrevistadas assumiram que esta gravidez influenciou a sua vida a vários níveis, nomeadamente ao nível académico que não puderam prosseguir com a normatividade esperada (e à qual aparentam dar bastante significância) e que, isso as prejudicou a nível profissional, influenciando os seus percursos e níveis de vida actuais (por exemplo, Joana reporta a determinada altura, sobre este aspecto que, naquele tempo ficou pelo 7ºano escolaridade, sendo que, aqueles que completaram o 8º ou 9º ano na altura, conseguiram empregos com maior remuneração, estabilidade e estatuto social). Já os percursos de vida idealizados das grávidas adolescentes são, segundo a perspectiva delas, ainda susceptíveis de poderem ser alterados, pois a existência de um novo ser irá, certamente, influenciar nas escolhas e opções de vida, daqui para a frente. Parece-nos que, no entanto, (tendo em conta o conhecimento científico sobre as exigências do papel de mãe e o conhecimento científico relativo à adolescência) estas futuras mães, que são também adolescentes, não têm ainda consciência do impacto que tal evento lhes irá exigir, demonstrando alguma dependência dos encarregados de educação e crendo que, após o parto os ajustes e as dificuldades serão algumas, mas partilhadas com outros. Assim, podemos inferir, que o discurso das mesmas subentende uma desvalorização (quicá até mais tarde significativa na forma como irão gerir a realidade) do problema. No entanto, distingue-se um maior nível de consciência e de contacto real com o problema por parte de Inês do que aquilo que ocorre com Paula.

CONCLUSÕES

O nosso estudo permitiu-nos conhecer as histórias de vida de duas mulheres que foram mães adolescentes e as histórias de vida de duas grávidas adolescentes. O envelope temporal que separava estes dois grupos foi de mais de vinte anos. A gravidez ocorrida na adolescência foi o ponto central deste trabalho, uma vez que as nossas questões de investigação procuravam obter resposta no sentido de perceber as causas deste acontecimento na altura em que ocorreu, se essas causas foram semelhantes aos dois grupos e ainda as influências que o mesmo teve, no caso das mulheres que foram mães adolescentes, ou perspectiva ter, no caso das grávidas adolescentes, nos seus projectos e percursos de vida.

Perante isto e após a discussão dos resultados podemos concluir que, no caso destas quatro participantes, em três delas a gravidez ocorreu pela incorrecta aplicação dos conhecimentos relativos à contracepção e num deles pelo não uso desses métodos contraceptivos. Curioso é o facto de as causas serem semelhantes relativamente aos dois grupos, pois as mulheres que foram mães adolescentes não tiveram acesso a uma educação sexual, quer em casa, quer na escola, ao longo da sua vida. Pelo contrário, as grávidas adolescentes, pelo menos na escola, tiveram contacto com essa realidade (aulas de educação sexual).

Não encontramos nenhuma investigação sobre este aspecto. Consideramos que seria uma mais-valia neste campo de estudo que se procurasse uma resposta generalizável sobre isto tendo em conta que, caso se venha a comprovar de forma generalizável, que as causas são semelhantes em todos ou na maioria dos casos, então poder-se-ia deduzir (entre outras coisas) que ainda se está longe do melhor caminho e das melhores boas-práticas para intervir nesta problemática. E mais, podemos até estar perante a possível justificativa para os números de prevalência, que embora tenham decrescido, não atingiram ainda uma prevalência significativa que apontasse o efectivo caminho para a realização do problema.

Tendo em conta alguns dados e conhecimentos, na Europa, os países nórdicos apresentam uma taxa de prevalência significativamente mais baixa que a nossa (Portugal) e que a da generalidade dos restantes países Europeus. Seria também, do nosso ponto de vista, de toda a pertinência que se realizassem investigações comparativas e sistémicas que tivesse como objectivo verificar diferenças e similitudes nas práticas sobre a educação sexual e especificamente na intervenção e prevenção da gravidez na adolescência. Sendo que, tais estudos nos poderiam trazer boas práticas e novas perspectivas de estudo e intervenção.

Através da revisão bibliográfica que realizámos, percebemos que a gravidez na adolescência produz influências nos projectos e percursos de vida das grávidas adolescentes. Essas influências repercutem-se na sua maioria no abandono escolar, o que se vai reflectir mais tarde a nível profissional. Baixas habilitações literárias conduzem a empregos precários ou com baixos salários, o que poderá implicar um reduzido poder de compra ou aquisição de bens e, conseqüentemente, influenciar na qualidade de vida. No nosso estudo verificámos, também que, no caso das mulheres que foram mães adolescentes, a gravidez, efectivamente, teve influências no seu projecto de vida há altura e conseqüentemente no percurso de vida que seguiram. Essas influências repercutiram-se, essencialmente, ao nível da educação, do emprego e da família (três pontos basilares do projecto de vida de um adolescente, segundo Panicali (2006)). No que respeita aos casos estudados nesta investigação concluímos que o percurso de vida das mulheres que foram mães adolescentes acabou por não ser coincidente com o projecto de vida que as mesmas tinham traçado antes de engravidarem o que pode demonstrar que este acontecimento (gravidez na adolescência) marcou as suas vidas e redireccionou-as para outros caminhos que não aqueles planeados anteriormente. No que respeita às grávidas adolescentes concluímos que, para já, elas consideram que o seu percurso de vida irá ao encontro das suas expectativas e dos seus projectos de vida delineados antes de engravidarem, no entanto, salvaguardam que depois do nascimento do bebé as suas escolhas e opções de vida serão tomadas tendo em consideração o filho. Daí concluímos que embora elas queiram que os seus projectos de vida se realizem, também percebem e têm noção que os mesmos poderão sofrer alterações. De qualquer forma o abandono escolar não se verificou neste grupo, até à altura.

A constituição da família (casamento) foi outro ponto que sofreu influências pela ocorrência desta gravidez, no caso das “mulheres que foram mães adolescentes”, uma vez que no projecto de vida de Sílvia a constituição da mesma apenas estava prevista para depois dos outros objectivos de vida (educação e emprego) estarem conseguidos. Esta participante reporta-se a este aspecto dizendo que se não tivesse engravidado o casamento não tinha ocorrido tão cedo, pois a sua ideia seria estudar, tirar o curso e só depois pensar em casar. Joana não tinha projecto de vida antes de engravidar. Fugiu de casa e juntou-se com o companheiro, no entanto quando engravidou optou por casar com ele ainda antes do bebé nascer, o que pressupõe que a gravidez acabou por influenciar a decisão do casamento. No que se refere às “grávidas adolescentes” a constituição da família (casamento) não é para já

um projecto a curto prazo, o que curiosamente não se verificou com as mulheres que foram mães adolescentes, que casaram ainda grávidas. Esta situação vai ao encontro do que refere Pereira (2001) quando menciona que devido à pressão social e familiar as jovens casam o mais rápido possível, mesmo antes do bebé nascer, no entanto isto apenas se verificou no grupo das mulheres que foram mães adolescentes. Daqui podemos inferir que, possivelmente, na altura (época) em que a gravidez das mulheres que foram mães adolescentes ocorreu o facto de se ser mãe solteira tinha uma conotação negativa e pesada perante a sociedade e que, por isso, o casamento acontecia o mais rápido possível. Actualmente parece-nos que isso já não acontece podendo tal facto ser explicado por uma possível mudança de comportamentos sociais, bem como a consequente alteração do conceito de família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Nuclear

Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy D. e Saint – Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. 1.^a Edição. Lisboa: Gradiva – Publicações, L.^{da}

Amado, J. (2009). *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação*. Relatório de Disciplina Apresentado nas Provas de Agregação. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.

Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Bueno, C. (n.d.). *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência*. <http://www.virtualpsy.org/infantil/gravidez3.html> [acedido a 10 de Janeiro de 2011].

Canavarro, M. (2001). *Gravidez e maternidade – representações e tarefas de desenvolvimento*. In M.C. Canavarro (Ed.). *Psicologia da Gravidez e Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.

Eisenstein, E. (2005). *Adolescência: definições, conceitos e critérios*. *Adolesc. Saude*. 2005;2(2):6-7. http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167 [acedido a 14 de Julho de 2011].

Fabião, J. (2008). *Mães Adolescentes: Percursos de Vida*. Dissertação de Doutoramento em Ciências de Enfermagem submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto. <http://repositorio->

aberto.up.pt/bitstream/10216/49050/2/Tese%20Doutoramento%20FINAL%20nov.pdf
[acedido a 15 de Janeiro de 2011].

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncípia Editora, LDA.

Lourenço, M. (1998). *Textos e contextos da Gravidez na Adolescência*. Lisboa: Fim de Século Edições LDA.

Manzini, E. (n.d.). *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. Departamento de Educação Especial. Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp. <http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf> [acedido a 10 de Janeiro de 2011].

Panicali, M. (2006). *Gravidez na Adolescência e Projecto de Vida*. Relatório de pesquisa apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II à Universidade do Sul de Santa Catarina. <http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2008/07/MariadaPenhaPanicali.pdf> [acedido a 10 de Janeiro de 2011].

Pereira, A. (2001). Gravidez e maternidade na adolescência: perspectivas teóricas. In M.C. Canavarro (Ed.). *Psicologia da Gravidez e Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora

Reis, L. (2007). *Gravidez e maternidade na adolescência: um estudo no Município de UBERABA Estado de Minas Gerais-Brasil*. Dissertação de Mestrado em Comunicação em Saúde apresentado à Universidade Aberta. <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/720/1/LC374.pdf> [acedido a 8 de Janeiro de 2011].

Saito, M., Leal, M. (2000). *Educação sexual na escola*. <http://www.pediatriaopaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf> [acedido a 18 de Maio de 2011].

Triviños, A. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Venturini, A. (2010). *Paternidade adolescente e os projectos de vida na gestação do primeiro filho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27837/000766538.pdf?sequence=1> [acedido a 16 de Maio de 2011].

Watarai, F., Romanelli, G. (2005). *Trabalho e identidade de adolescentes do sexo masculino de camadas populares*. Consultado em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc0000000082005000200089&script=sci_arttext [acedido a 4 de Março de 2011].

Welford, H., (2004). *Guia de Gravidez*. Sintra: Impala Editores, S.A.

Bibliografia Acessória

Anastácio, Z. (2010). *Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos*. http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10567/1/Texto_INFAD2010_ZeliaAnastacio.pdf [acedido a 8 de Janeiro de 2011].

Anastácio, Z., Carvalho, G. (2006). *Saúde na Adolescência: satisfação com a imagem corporal e a auto-estima*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5770/1/Saude%20na%20adolescencia.pdf> [acedido em 8 de Janeiro de 2011].

Azêdo, D. (2010). *O suporte social e a percepção do estado de saúde na maternidade na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada à Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/1517> [acedido a 4 de Março de 2011].

Carlos, A., Pires, A., Cabrita, T., et al. (2007) *Comportamento parental de mães adolescentes*. *Análise Psicológica*. Vol. 25, nº.2. http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000200002&lng=pt&nrm=iso [acedido a 8 de Junho de 2011].

Cavaco, N. (2010). *Atitudes educativas parentais e resiliência no adolescente*. http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0551 [acedido a 16 de Junho de 2011].

Chizzotti, A. (2003). *A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios*. <http://sousafranco.homeip.net/franco/aulas/esmo/metodologias/Investiga%C3%A7%C3%A3o%20qualitativa.pdf> [acedido a 10 de Janeiro de 2011].

Deus, I. (2009). *A maternidade na adolescência: o efeito bairro para a socialização na gravidez precoce*. Tese de Mestrado em Serviço Social apresentada à Universidade Católica Portuguesa. <http://www.cpihts.com/PDF05/Isabel%20Alexandra%20Deus.pdf> [acedido a 8 de Janeiro de 2011].

Fernandes, L. (2006). *A parentalidade na adolescência*. <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/264.pdf> [acedido a 21 de Janeiro de 2011].

Figueiredo, B. (2000). *Maternidade na adolescência: Consequências e Trajectórias desenvolvimentais*. <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v18n4/v18n4a05.pdf> [acedido a 10 de Janeiro de 2011]

Figueiredo, B. (2001). *Maternidade na adolescência: Do risco à prevenção*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4220/1/Maternidade%20na%20adolesc%C3%Aancia%20%282001%29.pdf> [acedido a 4 de Março de 2011].

Figueiredo, B., Pacheco, A., Magarinhoa, R. (2005). *Grávidas Adolescentes e grávidas adultas: Diferentes circunstâncias de risco?* <http://www.actamedicaportuguesa.com/pdf/2005-18/2/097-105.pdf> [acedido a 6 de Janeiro de 2011].

Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Magarinhoa, R. (2006). *Gravidez na adolescência: das circunstâncias de risco às circunstâncias que favorecem a adaptação à grávida.* <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4722> [acedido a 8 de Janeiro de 2011].

Frota, L. (2003). *Mães antes do tempo. A construção da maternidade em adolescentes de classe média.* Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. http://teses.ufrj.br/IP_M/LysianneMdeFrota.pdf [acedido a 15 de Janeiro de 2011].

Gontijo, D., Medeiros, M. (2004). *Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações.* Revista Electrónica de Enfermagem, V.06, n.03, 2004. Consultado em <http://www.fen.ufg.br/> [acedido a 10 de Janeiro de 2011].

Justo, J. (2000). *Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: causas consequências, intervenção preventiva e não só.* <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/287/28720210.pdf> [consultado a 10 de Março de 2011].

Leal, I. (1992). *Psicologia da maternidade: alguns aspectos da teoria e prática de intervenção.* http://www.isabel-leal.com/portals/1/pdfs/1992_2_229.pdf [acedido a 11 de Junho de 2011].

Lopes, M. (2011, 21 de Janeiro). *Uma média de 12 adolescentes dão à luz todos os dias em Portugal.* Jornal Público. <http://www.publico.pt/Sociedade/uma-media-de-12-adolescentes-dao-a-luz-todos-os-dias-em-portugal-1476391> [acedido a 21 Janeiro de 2011].

Navarro, J. (1998). *Programa de Formação Maternidade e Puericultura*. Lisboa: Oceano – Liartes Editores, S.A.

Neto, A. (2004). *Gravidez na adolescência*. http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0178 [acedido a 10 de Janeiro de 2011].

Oliveira, D. (2011). *A experiência da oficina sobre adolescência e sexualidade na formação de professores rurais na escola família agrícola Bontempo em Minas Gerais*. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0574.pdf> [acedido a 18 de Maio de 2011].

Oliveira, N. (1999). *Perfis de grávidas de mães adolescentes*. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-24052004-152547/pt-br.php> [acedido a 17 de Maio de 2011].

Rodrigues, N. (n.d.). *Sociabilidades, estratégias e projectos de vida de menores em instituições tutelares. IV Congresso Português de Sociologia*. http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e0382c83a6_1.PDF [acedido a 18 de Maio de 2011].

Rodrigues, V., Carvalho, A., Gonçalves, A. & Carvalho, G. (n.d.). *Situações de risco para a saúde de jovens adolescentes*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6651/1/Situacoes%20de%20risco.pdf> [acedido a 4 de Junho de 2011].

Silva, L., Tonete, V. (2006). *A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projectos de vida e cuidado*. <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a08.pdf> [acedido a 3 de Março de 2011].

Silva, V. (2008). *Adolescência: um bicho de sete cabeças?* <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0449.pdf> [acedido a 8 de Janeiro de 2011].

Sousa, J. (2006). *As famílias como projectos de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade*. <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/10/SeE11juliosousa.pdf?sequence=1> [acedido a 4 de Março de 2011].

Taquette, S. (2005). *Sobre a gravidez na adolescência*". http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=56 [acedido a 17 de Maio de 2011].

Torres, T., Moreira, F. (2005). *Gravidez na adolescência e processos educativos: sexualidade, sentimentos e projectos de vida*. http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200087&script=sci_arttext [acedido a 17 de Maio de 2011].

ANEXOS

ANEXO (A)

CONSENTIMENTO INFORMADO

Maria do Carmo Varela de Sousa, aluna do segundo ano do mestrado em Educação Social na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, encontra-se a realizar, no âmbito do plano Curricular do referido mestrado, um trabalho de investigação cujo tema é *“Gravidez na Adolescência: Projectos Idealizados... Percursos Realizados...”*

Através deste trabalho pretende-se compreender, com recurso à metodologia de histórias de vida, se e de que forma é que a gravidez e a maternidade na adolescência influenciam ou influenciaram os projectos e percursos de vida dessas mesmas adolescentes. Assim sendo, são objectivos desta investigação: conhecer as influências de uma gravidez/maternidade na adolescência nos projectos de vida das mães adolescentes, conhecer as influências de uma gravidez/maternidade na adolescência nos percursos de vida das mães adolescentes e comparar projectos de vida e percursos de vida de mães adolescentes.

Para a concretização deste estudo é necessária a realização de quatro entrevistas, duas a mulheres que foram mães adolescentes e outras duas a grávidas adolescentes, onde se pretende que a entrevistada responda a determinadas questões sobre o seu projecto e percurso de vida.

As entrevistas não têm uma duração temporal fixa, sendo que a mesma depende de cada situação e do tempo necessário para a sua realização.

Informa-se ainda que a confidencialidade e a privacidade serão asseguradas pelo anonimato das entrevistadas e que os dados obtidos apenas serão utilizados no âmbito desta investigação.

DECLARAÇÃO

Eu, _____ declaro para os devidos efeitos que fui devidamente esclarecida por Maria do Carmo Varela de Sousa e aceito, voluntariamente, participar neste estudo.

ANEXO (B)



GUIÃO DE ENTREVISTA (1)

Estrutura da Entrevista – Semi-Estruturada, de perguntas abertas, permitindo a livre expressão do(a) entrevistado(a).

Entrevistadas: Duas (2) grávidas adolescentes.

Tema: Gravidez e Maternidade na Adolescência: Projectos idealizados... Percursos realizados...

Objectivo Geral: Perceber em que medida é que a gravidez e/ou maternidade na adolescência influência ou vai influenciar os projectos e percursos de vida das adolescentes em questão.

Bloco	Objectivos Específicos	Acções
Bloco I Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none">- Relatar a sua história de vida;- Conhecer que projectos de vida tinham antes de engravidar;- Compreender que expectativas têm para o seu percurso de vida;- Perceber até que ponto o projecto de vida inicial poderá sofrer alterações/impactos após ser mãe.	<ul style="list-style-type: none">- Tentar perceber se o projecto de vida foi ou será influenciado pela gravidez na adolescência e em que medida irá influenciar o seu percurso de vida;- Perceber a ou as causas que levaram à ocorrência dessa gravidez;

Formulário de perguntas:

II. Desenvolvimento

➤ Caracterização:

1. Idade?
2. Data de nascimento?
3. Onde nasceu?
4. Onde vive actualmente?
5. Escolaridade
 - 5.1. Estudava quando engravidou?
 - 5.2. Qual o ano que frequentava na altura?
 - 5.3. Abandonou a escola? Qual foi o motivo?
 - 5.4. O que sentiu quando tomou a decisão de abandonar a escola?
 - 5.5. Que escolaridade possui actualmente?
 - 5.6. Esta gravidez teve alguma influência directa no seu percurso escolar?
 - 5.7. Gostava de estudar? Fale um pouco sobre o seu percurso escolar.
6. Estado civil
 - 6.1. Qual era o seu estado civil na altura em que engravidou?
 - 6.2. Qual é o seu estado civil actualmente?
 - 6.3. Tem irmãos? Quantos? Qual a idade e o sexo de cada um?

➤ Antes da Gravidez:

7. Descreva com quem viveu/morou ao longo da sua vida?
8. Com quem vive/mora actualmente e há quanto tempo?
9. Que idade tinha o pai do seu filho quando ficou grávida?
10. Quando ficou grávida trabalhava ou estudava? E o pai do seu filho?
11. Com que idade começou a trabalhar?
12. Qual era a profissão que sempre desejou ter?
13. Em que é que trabalhou ao longo da sua vida?
14. Qual a sua situação de emprego actual?
15. Algum dos seus (suas) irmãos (as) (se os não tiver, se tem alguém/familiar que) teve um filho antes dos dezanove anos? Se sim, com que idade?
16. Que idade tinha a sua mãe quando lhe nasceu o(a) primeiro(a) filho(a)?
17. Que idade tinha a sua mãe quando você nasceu? E o seu pai?

18. Qual é a profissão da sua mãe? Trabalha actualmente em quê?
19. Qual é a profissão do sua pai? Trabalha actualmente em quê?
20. Como era a sua relação com os seus pais durante a infância?
21. Quando entrou na adolescência a sua relação com os seus pais alterou-se de alguma forma?
22. Quando entrou na adolescência, os temas namoro e/ou sexualidade eram falados em casa com naturalidade ou era um tema tabu?
23. Os seus pais, nomeadamente a sua mãe, alguma vez a alertaram para os riscos de uma relação sexual desprotegida?
24. Tinha muitos amigos na infância?
25. Durante a adolescência as amizades da infância continuavam a ser a s mesmas ou fez novas amizades?
26. Tinha mais amigos do sexo masculino ou do sexo feminino?
27. Costumava sair com os seus amigos (as) para se divertir em festas, bares ou discotecas? Com que frequência?
28. Nessas saídas os seus pais impunham-lhe horários?
29. Como era a sua relação com os professores da escola?
30. Na escola alguma vez teve aulas de educação sexual, ou alguma disciplina onde abordassem esse assunto?
31. Considera importante a existência dessas aulas? Em que medida?
32. Com que idade teve a sua primeira menstruação?
33. Com que idade teve a sua primeira relação sexual?
34. Conhecia alguma forma de evitar a gravidez?
35. Antes de engravidar alguém lhe falou acerca de métodos contraceptivos?
36. Nessa altura tinha consciência que poderia engravidar?
37. Alguma vez utilizou algum método contraceptivo? Qual?
38. Quem a aconselhou a usá-lo?
39. Onde e como o adquiriu?
40. Quem era o(a) seu (sua) melhor amigo(a) quando engravidou?
41. A nível pessoal e profissional que planos tinha para a sua vida futura antes de engravidar?

➤ **Durante a gravidez**

42. Qual foi a sua primeira reacção quando descobriu que estava grávida? O que sentiu?
43. A quem contou pela primeira vez?
44. Porque escolheu essa pessoa e não outra?
45. No primeiro momento em que soube da sua gravidez, quem lhe deu apoio?
46. Ponderou a hipótese de fazer a interrupção da gravidez?
47. Qual foi a reacção do seu companheiro quando soube?
48. Que tipo de apoio teve do pai do(a) seu (sua) filho(a) durante a gravidez?
49. Qual foi a reacção dos seus pais quando souberam?
50. Que tipo de apoio teve dos seus pais durante a gravidez?
51. E o seu grupo de amigos, como reagiu? Notou alguma mudança de comportamento deles para consigo?
52. Fez o acompanhamento pré-natal a partir de que altura da gravidez?
53. Como foi recebida pelos profissionais de saúde?
54. Considera que esse acompanhamento foi importante no decorrer da sua gravidez?
55. Como tem passado/passou os meses de gravidez ao nível da saúde física? E emocionalmente?
- ▼ **Após a gravidez**
56. Onde está previsto nascer o(a) seu (sua) filho(a)?
57. Que tipo de parto gostaria que fosse?
58. Quem gostaria que a acompanhasse nesse momento?
59. Gostaria de ter alguém consigo no hospital/maternidade?
60. O que acha que vai sentir quando vir o(a) seu (sua) filho(a) pela primeira vez?
61. Considera que o comportamento dos seus pais poder-se-á alterar, de alguma forma, após o nascimento do seu filho(a)?
62. Considera que o comportamento do pai do(a) seu (sua) filho(a) poder-se-á alterar, de alguma forma, após o seu nascimento?
63. Após o nascimento do(a) seu (sua) filho (a) para onde e com quem vai viver?
64. Quem a vai apoiar directamente no primeiro ano de vida do seu filho?
65. Quem a irá acompanhar às consultas do seu filho durante o seu 1º ano de vida?
66. Depois do(a) seu (sua) filho(a) nascer, vai retomar a escola ou vai trabalhar?

67. Com quem ficará o seu filho(a) enquanto você estiver na escola/trabalho?
68. Durante o 1º ano do seu filho pensa em sair com os seus amigos (as) para se divertir? Com quem irá deixar o(a) seu (sua) filho(a)?
69. De forma global, como considera que irá ser a sua vida no primeiro ano de vida do(a) seu (sua) filho(a)?
70. Que sentimentos acha que vai experimentar durante esse tempo?
71. Durante o primeiro ano de vida do (a) seu (sua) filho (a) considera que poderá sentir-se desamparada?
72. Fale-me um pouco dos seus projectos para este primeiro ano de vida do(a) seu (sua) filho(a).
73. Após o nascimento do seu filho, quando tiver alguma coisa para fazer (lides da casa, compras etc.) e não tenha com quem o deixar ou por qualquer motivo ele necessitar de atenção, o que acha que vai sentir? Em que irá pensar?
74. O que acha que vai sentir se o seu filho ficar doente?
75. Se ele lhe der noites mal dormidas, como acha que vai reagir?
76. Qual é o seu projecto de vida, daqui para a frente, a nível académico, profissional e familiar?
77. Tinha planeado alguma coisa para o seu futuro, que considere impossível de realizar devido à existência desta gravidez e consequentemente ao nascimento do seu filho?
78. O que considera que poderia ser diferente, na realidade, se não tivesse tido esta gravidez na fase da sua adolescência?
79. Pondera vir a ter mais filhos? Se não, qual o motivo?
80. Como mãe e educadora, qual acha que vai ser a sua postura, durante a adolescência do(a) seu (sua) filho (a), relativamente aos temas namoro e/ou sexualidade?
81. Se a sua filha for mãe adolescente, como acha que vai reagir?

GUIÃO DE ENTREVISTA (2)

Estrutura da Entrevista – Semi-Estruturada, de perguntas abertas, permitindo a livre expressão do(a) entrevistado(a).

Entrevistadas: Duas (2) mulheres que foram mães adolescentes.

Tema: Gravidez e Maternidade na Adolescência: Projectos idealizados... Percursos realizados...

Objectivo Geral: Perceber em que medida é que a gravidez e/ou maternidade na adolescência influenciou ou influenciou os projectos e percursos de vida das mulheres em questão.

Bloco	Objectivos Específicos	Ações
Bloco I Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Relatar a sua história de vida; - Conhecer que projectos de vida tinham antes de engravidar; - Compreender o seu percurso de vida; - Perceber até que ponto o projecto de vida inicial sofreu alterações/impactos durante e após a gravidez. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentar perceber se o projecto de vida foi influenciado pela gravidez na adolescência e em que medida influenciou o seu percurso de vida; - Perceber a ou as causas que levaram à ocorrência dessa gravidez;

Formulário de perguntas:

II. Desenvolvimento

➤ Caracterização

1. Idade?
2. Data de Nascimento?
3. Onde nasceu?
4. Onde vive actualmente?
5. Escolaridade
 - 5.1 Estudava quando engravidou?
 - 5.2 Qual o ano que frequentava na altura?
 - 5.3 Abandonou a escola? Qual foi o motivo?
 - 5.4 O que sentiu quando tomou a decisão de abandonar a escola?
 - 5.5 Que escolaridade possui actualmente?
 - 5.6 Esta gravidez teve alguma influência directa no seu percurso escolar?
 - 5.7 Gostava de estudar? Fale um pouco sobre o seu percurso escolar.

6. Estado civil

- 6.1 Qual era o seu estado civil na altura em que engravidou?
- 6.2 Qual é o seu estado civil actualmente?
- 6.3 Tem irmãos? Quantos? Qual a idade e o sexo de cada um?

➤ Antes da gravidez

7. Descreva com quem viveu/morou ao longo da sua vida.
8. Com quem vive e mora actualmente e há quanto tempo?
9. Que idade tinha o pai do seu filho quando ficou grávida?
10. Quando ficou grávida trabalhava ou estudava? E o pai do seu filho?
11. Com que idade começou a trabalhar?
12. Qual era a profissão que sempre desejou ter?
13. Em que é que trabalhou ao longo da sua vida?
14. Qual a sua situação de emprego actual?
15. Algum dos (as) seus (suas) irmãos (as) (se os não tiver, se tem alguém familiar que) teve um filho antes dos dezanove anos? Se sim, com que idade?
16. Que idade tinha a sua mãe quando lhe nasceu o (a) primeiro(a) filho(a)?

17. Que idade tinha a sua mãe quando você nasceu? E o seu pai?
18. Qual é a profissão da sua mãe? Trabalha actualmente em quê?
19. Qual é a profissão do sua pai? Trabalha actualmente em quê?
20. Como era a sua relação com os seus pais durante a infância?
21. Quando entrou na adolescência a sua relação com os seus pais alterou-se de alguma forma?
22. Quando entrou na adolescência, os temas namoro e/ou sexualidade eram falados em casa com naturalidade ou era um tema tabu?
23. Os seus pais, nomeadamente a sua mãe, alguma vez a alertaram para os riscos de uma relação sexual desprotegida?
24. Tinha muitos amigos na infância?
25. Durante a adolescência as amizades da infância continuavam a ser as mesmas ou fez novas amizades?
26. Tinha mais amigos do sexo masculino ou do sexo feminino?
27. Costumava sair com os seu amigos(as) para ir a festas, bares ou discotecas?
28. Nestas saídas, os seus pais impunham-lhe horários?
29. Como era a sua relação com os professores da escola?
30. Na escola alguma vez teve aulas de educação sexual, ou alguma disciplina onde abordassem esse assunto?
31. Considera importante a existência dessas aulas? Em que medida?
32. Com que idade teve a sua primeira menstruação?
33. Com que idade teve a sua primeira relação sexual?
34. Conhecia alguma forma de evitar a gravidez?
35. Antes de engravidar alguém lhe falou acerca de métodos contraceptivos?
36. Nessa altura tinha consciência que poderia engravidar?
37. Alguma vez utilizou algum método contraceptivo? Qual?
38. Quem a aconselhou a usá-lo?
39. Onde e como o adquiriu?
40. Quem era o(a) seu (sua) melhor amigo(a) quando engravidou?
41. Que planos tinha para a sua vida futura antes de engravidar?

➤ **Durante a gravidez**

42. Qual foi a sua primeira reacção quando descobriu que estava grávida? O que sentiu?
43. A quem contou pela primeira vez?
44. Porque escolheu essa pessoa e não outra?
45. No primeiro momento em que soube da sua gravidez, quem lhe deu apoio?
46. Ponderou a hipótese de fazer a interrupção da gravidez?
47. Qual foi a reacção do seu companheiro quando soube?
48. Que tipo de apoio teve do pai do(a) seu (sua) filho(a) durante a gravidez?
49. Qual foi a reacção dos seus pais quando souberam?
50. Que tipo de apoio teve dos seus pais durante a gravidez?
51. E o seu grupo de amigos, como reagiu? Notou alguma mudança de comportamento deles para consigo?
52. Fez o acompanhamento pré-natal a partir de que altura da gravidez?
53. Como foi recebida pelos profissionais de saúde?
54. Considera que esse acompanhamento foi importante no decorrer da sua gravidez?
55. Como passou os nove meses de gravidez ao nível da saúde física? E emocionalmente?
- ▼ **Após a gravidez**
56. Onde nasceu o(a) seu (sua) filho(a)?
57. Que tipo de parto foi?
58. Quem a acompanhou nesse momento?
59. Tinha alguém consigo no hospital/maternidade?
60. O que sentiu quando viu o(a) seu (sua) filho(a) pela primeira vez?
61. O comportamento dos seus pais alterou-se de alguma forma após o nascimento do seu filho(a)?
62. O comportamento do pai do(a) seu (sua) filho(a) alterou-se de alguma forma após o seu nascimento?
63. Após o nascimento do(a) seu (sua) filho (a) para onde e com quem foi viver?
64. Quem a apoiou directamente no primeiro ano de vida do seu filho?
65. Quem a acompanhava às consultas do seu filho durante o seu 1º ano de vida?
66. Depois do(a) seu (sua) filho(a) ter nascido retomou a escola ou foi trabalhar?
67. Com quem ficava o seu filho(a) enquanto você estava na escola/trabalho?

68. Durante o 1º ano do seu filho saía com os seus amigos (as) para se divertir?
Com quem deixava o(a) seu (sua) filho(a)?
69. De forma global, como descreve a sua vida no primeiro ano de vida do(a) seu (sua) filho(a)?
70. Que sentimentos experienciou durante esse tempo?
71. Durante o primeiro ano de vida do (a) seu (sua) filho (a) alguma vez se sentiu desamparada?
72. Fale-me um pouco da sua vida até então.
73. Após o nascimento do seu filho, quando tinha alguma coisa para fazer (lides da casa, etc.) e não tinha com quem o deixar ou por qualquer motivo ele necessitava de atenção, o que sentia? Em que pensava?
74. O que sentia quando o seu filho ficava doente?
75. Quando ele lhe dava noites mal dormidas, como reagia?
76. Qual era o seu projecto de vida a nível académico, profissional e familiar?
77. Tinha planeado alguma coisa para o seu futuro, que se tornou impossível de realizar devido à existência desta gravidez e consequentemente ao nascimento do seu filho?
78. O que considera que poderia ter sido diferente, na realidade, se não tivesse tido esta gravidez na fase da sua adolescência?
79. Teve mais filhos (as), além deste(a)? Se não, qual o motivo?
80. Como mãe e educadora, qual foi a sua postura, durante a adolescência do(a) seu (sua) filho (a), relativamente aos temas namoro e/ou sexualidade?
81. Alguma das suas filhas foi mãe adolescente? Se sim, como reagiu

ANEXO (D)

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS (Joana e Sílvia)

QUESTÕES DO GUIÃO	ENTREVISTA – Joana	ENTREVISTA – Sílvia
1	Quarenta anos.	Quarenta e dois anos.
2	Dez do um de mil novecentos e setenta e um.	Dois dos seis de sessenta e oito.
3	Nasci em Paris. Os meus pais eram emigrantes lá.	Em Castelões
4	Aqui, em Sonim.	Em Castro de cima.
5	Tinham... Ora se eu tenho quarenta a minha mãe tem setenta e dois, o meu pai setenta e... Tinham trinta e tal... Tinha mais irmãos? Tenho uma irmã mais velha. Também nasceu lá? Não, nasceu aqui em Sonim. E depois é que foi para lá? Não, ela ficou sempre cá. Eu é que nasci lá mas depois vim para aqui, vim para ao pé da minha avó. Então não foi criada com os seus pais? Não, só depois quando eles vieram para cá é que eu fui criada com eles, já andava na escola primária.	A minha mãe tinha dezoito e o meu pai vinte e três.
6		
6.1	Não, é assim eu estava a estudar, só que depois a minha mãe soube que eu tinha aquele namorado e,	Sim.

	<p>entretanto, tirou-me da escola. E estava em que ano?</p> <p>No oitavo. Abandonou, então porque a sua mãe a tirou? Porque a minha mãe me tirou, sim exactamente.</p> <p>E o motivo era? O motivo era porque ela soube que eu andava a namoriscar com aquele rapaz, pronto era aquele namorico de adolescentes, não é... E pô-la em casa mas deu-lhe algum trabalho para fazer, alguma coisa? Deu, ajudava-a a ela na lide de casa.</p> <p>Então eles já cá estavam. Já cá estavam, exactamente.</p> <p>Então quando eles vieram da França que idade você tinha? Tinha oito anos, andava na escola primária, quando eles vieram. Então não foi você que tomou a decisão de abandonar a escola? Não, foi a minha mãe que me disse pronto já que eu vinha para a escola só para namorar, então aí que não me deixava estudar mais, pronto foi assim. E o que é que você sentiu, por lhe tirarem a escola? É assim, claro que fiquei um bocado triste, porque as outras minhas colegas também tinham aqueles namoricos de adolescentes, não é? E eu achava que se elas tinham eu também podia ter. Só que lá está, os pais delas agiram de outra maneira que a minha não [agiu]. Mas gostava de andar na escola?</p>	
--	---	--

	Gostava, eu até era boa aluna. Então não terminou o oitavo ano? Não. E agora ficou sempre com essa escolaridade? Não, eu depois, agora já fiz o nono ano pelas novas oportunidades. Ainda não fiz o décimo segundo, pronto mas por causa de minha neta e assim ainda não houve oportunidade.	
6.2		Na altura frequentava o nono ano.
6.3		Esse ano, sim. No que engravidei depois cheguei à Páscoa e desisti, não fui até ao final do ano. No fundo foi a gravidez, portanto casei nesse mesmo ano e só no ano seguinte é que retomei os estudos.
6.4		Bem, é assim, no fundo a decisão não foi minha, a decisão foi mais do meu pai, na altura ficou zangado e por imposição dele, porque se não eu tinha ido até ao final do ano, aliás eu tinha umas boas notas nesse ano e tinha ido... O meu pai na altura, nas férias da Páscoa, depois não me deixou ir mais.
6.5		Actualmente tenho o décimo segundo ano.
6.6	Não, porque isto é assim, a minha mãe tirou-me porque eu namorava, porque nessa altura eu não estava grávida, só engravidei mais tarde quando já estava junta com ele, depois o meu namorado continuava-me a escrever cartas sem ela saber, percebe. Então aí como	É assim, ter teve porque, depois não fiz logo, no ano a seguir fiz...completei o nono ano, porque reprovei por faltas, não é, fiz o nono, depois entretanto matriculei-me no décimo ano, mas não acabei...cheguei ao Natal e não fui mais, no ano seguinte, aí sim fiz o décimo ano. Depois fiz o décimo primeiro, portanto

	<p>ela me proibiu totalmente de o ver e de tudo, ele continuou-me a escrever e aí pensámos em nos juntar. E então juntámo-nos sem que os meus pais o soubessem. E que idade tinha? Tinha dezasseis anos. E iam-se juntar e iam viver onde? Em Vilar do Chão, na aldeia dele. Foi onde comecei a morar com ele.</p>	<p>comecei a trabalhar e à noite não havia décimo segundo ano e depois fiz à noite, nono, décimo e décimo primeiro fiz à noite, como não havia décimo segundo nocturno, parei três ou quatro anos, entretanto fiquei sem emprego na altura e fui fazer o décimo segundo ano de dia e ainda pensei entrar no ensino superior, mas depois desisti. Então quando parou de estudar de dia, depois quando retomou foi estudar à noite? Foi, foi à noite.</p>
6.7	<p>Tinha, tinha, até porque a inglês quando comecei no sétimo ano era sempre a melhor da turma, a inglês e a português e assim...Tinha boas notas... quando eu andava na escola primária, a professora da escola primária chamou lá uma vez a minha mãe e a avó de um primo meu a dizer-lhe que nós que era pena se não continuávamos a estudar porque tínhamos capacidades. Então você sempre foi boa aluna desde o início? Exactamente, sempre fui boa aluna, só que lá está, a minha mãe entendeu que tinha que ser assim, tirar-me da escola e acabou ali o estudo.</p>	<p>Gostava, era um bocadinho preguiçosa, não é, mas gostava de estudar. Fale um pouco sobre o seu percurso escolar. Fiquei, reprovei na quarta classe, na altura, por motivo de doença, por faltei muito durante o ano e a professora e a minha mãe acharam que devia repetir, entretanto fiz sempre e só depois no nono ano, quando engravidei... Mas gostava quando andava lá? Gostava, gostava...E tinha boas notas? Tinha notas razoáveis, não eram boas notas porque eu também era preguiçosa para estudar, era uma aluna média, porque estudava só o essencial para passar.</p>
7		
7.1	<p>Solteira, mas estava viver com o pai da minha filha.</p>	<p>Solteira.</p>

Mas então quando saiu de casa não contou aos seus pais que ia sair? Claro, se não, não me deixavam ir, não é? **E depois quando é que eles souberam?**

Eles souberam depois que eu liguei-lhe a dizer que pronto...me tinha vindo embora. **E qual foi a reacção deles?** Foi má. **Não a quiseram lá mais em casa?**

Não, eles queriam que eu voltasse para casa, mas eu que não quis ir porque é assim para além de me tirarem da escola, a minha mãe batia-me muito. É assim, eu no fundo era mal tratada. **E qual foi a reacção da sua avó**

[que a criou até aos oito anos]? A minha avó nessa altura já sofria de Alzheimer, já não estava bem. **E depois na aldeia de Vilar do Chão foi apoiada pela família do pai da sua filha?**

Fui apoiada pela mãe dele, principalmente. **E depois engravidou logo?** Foi logo porque é assim, eu quando me juntei com ele

comecei a tomar a pílula, até foi a minha... a mãe dele que me disse: ah, tens de ir à médica. Por que eu não sabia nada, não é? Não era como agora. Nunca

ninguém me tinha explicado nada dessas coisas. E ela disse: tens que ir à minha médica para ela te receitar alguma coisa, porque tu podes engravidar. **Então os**

	<p>seus pais nunca lhe falaram disso? Não. E a sua avó também não? Não. Então você desconhecia totalmente?</p> <p>Claro. E ouvia as suas colegas a falarem disso? Não se ouvia [falar] como agora, era totalmente diferente, não tinha nada a ver. Eu nem tinha a noção que podia engravidar. Era diferente, é assim eu ia... eu fui um bocado às cegas, percebe. E depois, então fui à médica e ela receitou-me aqueles comprimidos para eu tomar, só que depois não sei se foi disso ou de quê tive hepatite, logo a seguir. E então tive que deixar de tomar e estive três meses a fazer o tratamento para a hepatite, [depois] já estava boa da hepatite e estava à espera que o período descesse para voltar a tomar a pílula e então aí já não desceu, já fiquei grávida. Então não foi uma gravidez planeada? Não.</p>	
7.2	Casada, pela segunda vez.	Casada.
7.3	Uma irmã com cinquenta e três anos.	Sim. Quantos? Dois. Qual a idade e o sexo de cada um? Uma irmã com trinta e seis e um irmão com trinta e quatro.
8	Nasci na França e vim para cá com um mês de idade e fiquei a viver na aldeia de Lugar dos Loios com a minha avó. Nas férias escolares às vezes ia para França	Na infância e na adolescência com os pais e com os irmãos, entretanto casei e ainda estive cinco anos em casa dos pais com o marido e a filha e depois é que fomos viver só os três.

	<p>para ao pé dos meus pais. Durante o período de aulas tinha que estar aqui com a minha avó, com a mãe do meu pai. Quando eu tinha oito anos os meus pais regressaram da França e fui morar com eles, lá na aldeia. Qual foi o seu sentimento perante essa mudança?</p> <p>É assim eu sentia que a minha avó era e é... continua a ser, embora ela já tenha falecido, mas na minha... é a minha mãe é a mãe que eu tive e que ela tinha carinho por mim, não é. A minha mãe é a minha mãe biológica mas não há aquele afecto de ...aquele amor verdadeiro.</p>	
9	<p>Actualmente moro com o meu segundo marido e com a minha neta. A minha neta está comigo desde os seis meses de idade, há mais ou menos cinco anos e meio e com o meu segundo marido há nove meses quando casei, pela segunda vez.</p>	<p>Com o marido e com a filha há vinte e um anos.</p>
10	<p>Tinha vinte e três anos.</p>	<p>Tinha vinte e três.</p>
11	<p>Não, nem uma coisa nem outra. Ajudava a minha sogra lá em casa. O pai da minha filha trabalhava às vezes, fazia algumas jeiras. Depois quando nasceu a minha</p>	<p>Quando fiquei grávida estudava. E o pai do (a) seu (sua) filho(a)? Trabalhava.</p>

	filha fomos morar, só os três para outra casa lá em Vilar do Chão.	
12	É assim, eu a trabalhar eu nunca trabalhei fora. Eu trabalhava lá na aldeia na lide da casa e na nossa agricultura. Ainda cheguei a fazer umas horas lá para uma senhora, mas pouca coisa. Mas então não trabalhava porque não queria ou porque não tinha essa necessidade? Não, necessidade havia, só que não havia era trabalho. As pessoas não tinham condições também para paga...porque é assim mesmo que agora as coisas estão mal, estão melhores do que estavam naquele tempo. Porque parecendo que não [isto foi] há vinte e três anos e faz muita diferença isto.	Com vinte, para aí...
13	É assim, eu acho que nunca tive... nunca pensei nisso, acredita? Porque eu tive assim... fui criada de uma maneira assim um bocado...Porque é assim, estive com a minha avó, depois estive com os meu pais e a minha mãe era mais ajudá-la... ela dizia-me: ah tens de ajudar a fazer isto, a fazer aquilo e não sei quê e pronto, nunca... não é como agora que os pais dizem logo aos filhos: então o que é que queres ser quando fores grande e não sei quê, não era assim, não havia essas	É assim, desejar eu sempre...a minha ideia seria tirar um curso superior... Mas sabia em que área, tinha algum gosto... Gostava muito da área do ensino, da educação.

	conversas.	
14	Primeiro na aldeia era doméstica e agora desde que vim para Sonim limpo as casas de outras pessoas.	Trabalhei como administrativa, nos serviços administrativos e fui auxiliar da acção educativa quando entrei para os quadros do Estado. O primeiro emprego foi auxiliar? Não, no primeiro emprego trabalhei numa companhia de seguros e serviço administrativo, relações de bens, essas coisas, prestação de serviços aos contribuintes, não é?
15	Faço horas em casa particulares.	Neste momento sou assistente técnica do ministério da Educação.
16	A minha irmã não. A minha mãe tinha para aí uns dezanove anos quando a minha irmã nasceu. Porque a minha mãe tirou-me da escola a mim porque eu comecei a namorar e ela casou quando tinha dezassete anos. Mas ela já casou grávida? Não, ela não casou grávida, mas engravidou logo. É assim, é um bocado mau de entender o porquê de ela reagir assim comigo quando ela casou tão nova, também. Depois a minha filha tinha dezassete [quando engravidou].	Irmãos não, só a minha mãe. Se sim, com que idade? A minha mãe tinha dezoito anos.
17	Dezanove. A minha irmã tem cinquenta e três anos, eles há cinquenta e quatro que estão casados, portanto nem um ano demorou para nascer a minha irmã.	Dezoito, sou eu a mais velha.
18	Tinham por volta dos trinta e dois anos.	Dezoito. E o seu pai? Vinte e três.

19	Quando estive na França fazia limpeza, quando veio para Portugal era doméstica e agora está reformada.	Doméstica. Trabalha actualmente em quê? Ainda não está reformada, está em casa.
20	O meu pai lá na França trabalhava nas obras e agora está reformado.	O meu pai é industrial. Trabalha actualmente em quê? Está reformado.
21	Não havia uma relação muito chegada porque eles estavam lá e eu cá. Nas férias, é assim, o meu pai... havia mais afecto entre mim e o meu pai do que entre mim e a minha mãe. Havia algum choque entre si e a sua mãe? Não sei a minha mãe não tinha assim jeito para as crianças, mesmo para os filhos. Mesmo para a sua irmã era igual? Era igual. Eu nunca me lembro de a minha mãe me dar um beijo, por exemplo, a não ser quando agora vou lá que a cumprimento ao chegar ou que me despeço ao vir embora. Quando eu era pequena, não é, há sempre aquela coisa de a mãe dar um beijo à filha ou por isto, ou por... pronto por qualquer coisa, não é, eu nunca me lembro da minha mãe me dar um beijo.	Uma relação boa.
22	Na adolescência a relação com os meu pais continuou má e quando a minha mãe descobriu que eu namorava teve uma atitude muito brusca, embora a nossa relação	Alterar, alterações de fundo não, só que eu era uma adolescente rebelde, e pronto havia aqueles conflitos de adolescentes e...

	nunca fosse das melhores. É assim eu acho que nem era uma atitude normal aquela, é mesmo de quem não tem paciência e não tem compreensão nenhuma. Não se compromete o percurso escolar de uma filha apenas por ela ter um namorado.	
23	Não, em casa ninguém falava nisso.	Era um tema tabu, nessa altura era... em casa não se falava sobre isso.
24	Não.	Não, não, nessa altura nem pensavam em, aliás também em relação à minha idade, engravidei com dezassete anos, se calhar também nunca pensaram que eu tivesse, que eu fosse tão precoce, nessa altura e não, mas não havia assim conversas...
25	Tinha muitos.	Tinha.
26	Sim, as mesmas e mais, não é. Depois da escola primária, ao vir estudar para Sonim conheci muita mais gente.	Algumas continuaram as mesmas, mas como mudei de localidade, portanto eu vivi em Oliveira do Monte até aos catorze anos e depois é que vim para Castro de Cima e mudaram as amizades nessa altura, embora tenho, ainda hoje, tenho amizades mesmo de infância, de escola primária e essas coisas, mas depois as minhas amizades são mais de adolescência e fase adulta. De infância, então, viveu em Oliveira do Monte e já na adolescência veio para Castro de Cima? Sim. E aí fez novas

		amizades pelo facto de ter vindo para cá? Exacto.
27	É assim, acho que tinha meninos e meninas, não sei se era exactamente o mesmo número, mas... Então e quando é que conheceu o pai da sua filha? Conheci-o quando andava a estudar. Então ele também andava a estudar? Não ele não andava a estudar, só que ele, pronto vinha para ao pé do liceu para ver as raparigas passarem e conheci-o por acaso, foi assim.	Era igual.
28	Não. Os meus pais nunca me deixavam ir a uma festa e com esta idade que tenho hoje nunca entrei numa discoteca ou num bar.	Festas sim, bares ou discotecas na altura não...nem havia...íamos durante o dia à tarde ou nas férias, mas à noite era impensável sair de casa. Mesmo para as festas? Sim, acompanhada sempre dos pais.
29	Nunca saía para ir a lado nenhum, ao estar lá na aldeia eu tinha que estar sempre a acompanhar a minha mãe, mesmo de manhã se ela se levantasse às seis da manhã para ir para o campo eu também tinha que ir com ela às seis da manhã.	Sim.
30	Era boa.	Era boa, tive sempre boa relação com os professores, a maior parte...
31	Não, nesse tempo ainda não existia nada, nem aulas de educação sexual, nem qualquer disciplina onde falassem sobre esses temas.	Não, nunca tive e na altura essas aulas nem existiam. Ia-se falando nas aulas de ciências da natureza na altura e na biologia...

32	<p>É assim, considero [importante] desde que não seja com exagero, porque acho que às vezes também se fala um bocado em exagero. É assim, falar um bocado para que as pessoas tenham um bocado de precaução, mas também o que é de mais acho que... mas não sei, quem sou eu para falar, não é?</p>	<p>Sim, muito, muito importantes... Em que medida? Principalmente por isso mesmo, quando em casa não há abertura por parte dos pais a esses temas, isso é muito importante porque permite aos jovens algum conhecimento...</p>
33	<p>Tinha doze anos. E a sua mãe explicou-lhe o que ia acontecer?</p> <p>Não, a minha mãe nunca me tinha falado no período. É assim, eu quando, portanto, fui à casa de banho vi sangue e comecei a chorar e eu estava com a minha irmã e ela depois é que me explicou. E à sua irmã, alguém lhe explicou?</p> <p>Não sei por acaso nunca falámos disso, porque é assim como não fomos criadas juntas, eu não sei bem... Como ela foi criada em Valados com uns tios meus, não sei.</p>	<p>Talvez treze, catorze anos, mais ou menos. Antes de isso acontecer a sua mãe já lhe tinha falado acerca desse assunto?</p> <p>Já, sim ela explicou-me tudo...antes de eu ter sido menstruada eu já sabia como é que isso ia ser.</p>
34	Tinha dezasseis anos.	Dezassete. Aliás com dezasseis.
35	<p>É assim, eu sou sincera, eu na altura não conhecia nada, nenhuma maneira de evitar a gravidez. Até porque eu quando tive relações com o pai da minha filha, foi exactamente o dia em que saí de casa dos</p>	<p>Conhecia. Aquilo foi um bocado por teimosia minha... E não usou nenhum contraceptivo na altura? Não, nada. Porquê?</p> <p>Huummmm, o que é que hei-de dizer...aquelas coisas de adolescente, ingenuidade, sei lá...o medo que em casa me vissem</p>

	meus pais para ir viver com ele. Eu antes ainda não tinha tido nunca relações. Eu não sabia, mesmo na altura as amigas, umas com as outras, não se falava muito disso. Porque nós, não é como é agora. Porque a minha neta se calhar agora sabe mais do que sabia eu na altura. Então na altura em que teve essa relação não tinha consciência que daí poderia surgir uma gravidez? É assim, sabia que se engravidava, não é, mas não sabia que seria tão facilmente, não sei... Eu nem sabia que havia período fértil. Uma pessoa não sabe essas coisas, ninguém lhe explicou, também não sabe.	as coisas... e depois também não foi preciso muito, porque eu engravidei há segunda vez que tive relações, portanto não tive grande hipótese... Então ainda engravidou aos dezasseis? Sim, engravidei aos dezasseis e fui mãe aos dezassete.
36	Não.	Não, o único conhecimento que tínhamos acerca disso era porque já começava a haver alguma publicidade e conversávamos entre as amigas, o grupo de amigas.
37		Sim, tinha.
38	Sim, a pílula.	Antes de engravidar, não. Depois sim, usei. Qual? A pílula.
39	A minha sogra falou-me disso e depois fui à médica.	O ginecologista.
40	No centro de saúde numa consulta com a médica.	No centro de Saúde, através da consulta de planeamento familiar.
41	Eu naquela altura ainda não tinha muitos laços de amizade lá porque estava lá há pouco tempo. Então se	Era uma colega de escola.

	<p>calhar com quem eu falava mais sobre isso era mesmo com a minha sogra. E sei que chorei muito quando vim ao centro fazer a análise a ver se estava grávida ou não e quando me disseram que sim chorei muito, muito, pronto fiquei...entrei assim em pânico. Aquilo parece uma coisa que me caiu assim em cima, foi assim...pronto.</p>	
42	<p>Não foi nada planeado, eu não tinha projectos nenhuns. Eu apenas saí de casa para não estar a levar porrada todos os dias. O projecto foi esse. E depois à partida ia-me sujeitando aquilo que acontecia, porque o que eu queria mesmo era sair de casa, percebe, porque não dava para aguentar.</p>	<p>Acabar os estudos e tirar o meu curso, na altura, mesmo desde criança, o que eu gostava de ser era educadora de infância, era isso que eu gostava de ser e acabar o curso e começar a trabalhar...Sempre gostei muito de crianças, só que entretanto o ter que me deslocar para fora, a minha filha pequena, eu a trabalhar e um bocadinho de preguiça pronto se tenho um bocadinho mais de força de vontade, porque tive muitos incentivos da parte dos pais e do marido, toda a gente queria que eu continuasse a estudar, só que entretanto, depois comecei a trabalhar, uma pessoa começasse a acomodar, sabe bem chegar ao fim do mês e receber o nosso dinheirinho e a casa e pronto...acabei por não ir. Como é que conheceu o seu marido? Ele era empregado do meu pai.</p>
43	<p>Chorei muito, muito, muito... fiquei desesperada,</p>	<p>Fiquei aterrorizada, cheia de medo... não sabia o que havia de</p>

	parece que me caiu tudo aos pés. E nunca pensou em ligar à sua mãe. Não até porque eu ainda sentia medo da minha mãe na altura. Mesmo já estando fora de casa sentia medo.	fazer, a quem havia de contar, pronto e contei logo ao meu marido... Fez o teste sozinha? Aliás eu nunca cheguei a fazer o teste, faltou-me a menstruação o primeiro mês, o segundo mês, o terceiro mês, até que disse: isto é gravidez! E depois estava grávida de cinco meses quando fui pela primeira vez ao médico. E quando se apercebeu que estava grávida estava de quanto tempo? Pronto comecei a ficar assustada logo ao primeiro mês e como eu era sempre muito certinha... o segundo mês...até que ao terceiro mês claro depois a minha mãe descobriu, não é?...Eu não precisei de lho dizer, porque em casa deixei de usar os pensos, deixei de ir buscar os pensos e ela depois aí confrontou-me e eu disse-lhe a verdade.
44	À minha sogra.	Foi ao meu marido e depois à minha mãe, aliás [a ela] não lhe contei foi em conversa que ela confrontou-me e eu nem lhe disse que sim nem que não...Com dezasseis anos uma pessoa fica assim...
45	Na altura ainda estava a morar com ela e era em quem tinha confiança.	Porque aconteceu e foi a primeira pessoa a quem lhe disse porque era a pessoa em que mais confiava e era parte do problema, não é, na altura era um problema...
46	A minha sogra e o pai da minha filha.	Foi ele.
47	Não.	Falou-se nisso, mas eu nunca pus essa hipótese. Quem falou?

		Conversámos os dois e ele disse, pronto se eu não queria ir para a frente com a gravidez, se queria fazer um aborto que ele que me apoiava, que ia comigo, inclusive fosse onde fosse, mas eu, essa hipótese, pus completamente de parte.
48	É assim, também ficou um bocado surpreendido, mas pronto, ela até reagiu melhor que eu, talvez porque era mais velho.	Acho que ele aceitou melhor do que eu...não ficou tão assustado como eu, também a maturidade já era outra...
49	Apoiou-me sempre em tudo.	Todo o apoio, sempre. Mesmo porque nos casámos antes da minha filha nascer. Desde a altura em que soube da gravidez até ao casamento quanto tempo passou? Mais ou menos quatro meses.
50	Não sei. Eu nem sei como é que eles souberam, porque eu estive um ano e tal sem ir a casa deles. Só comecei a ir lá só passado quase dois anos de ter saído. E qual foi a reacção deles? Foram eles que a chamaram lá? Eles não me chamaram, foi uma tia minha que me disse para ir lá e falou com ela e disse então agora não ides perdoar à vossa filha e não sei quê. Pronto e depois eles começaram a aceitar-me outra vez. Fui um bocado a medo a primeira vez.	É assim, ficaram na altura...não ficaram chateados, ficaram perplexos, ficaram...sei lá, não contavam, a reacção deles foi de espanto, no fundo porque não contavam... Qual teve a reacção pior? Eu acho que nenhum deles...a minha mãe apoiou-me logo do momento que me confrontou e o meu pai também. A única coisa que...que no fundo que me impôs, impôs-me entre aspas, não é?...Conversou comigo e fizeram-me ver as coisas e disseram-me as coisas e se queria casar, se não queria. A partir do momento que eu disse que sim, que queria casar, foi tratar do casamento e essas coisas...não houve assim...prontos eu

		<p>recordo-me uma frase muito engraçada do meu pai que disse assim: - bolas, podia ser depressa mas nem tanto... Porque o meu pai, aliás já lá vão tantos anos que uma pessoa às vezes falha um bocadinho...o meu pai só soube que eu estava grávida já depois de eu estar casada. A minha mãe é que não...</p>
51	<p>Durante a minha gravidez os meu pais não me apoiaram de forma nenhuma.</p>	<p>Da minha mãe e do meu pai, pois, todo...A nível emocional, monetário?....Sim, sim, tudo.</p>
52	<p>Como mudei de aldeia não tive mais contacto com o meu grupo de amigos. Eles provavelmente souberam que eu estava grávida, mas não faço ideia dos comentários que faziam.</p> <p>E na aldeia do seu namorado não fez novas amizades?</p> <p>Não, lá não conhecia ninguém, passava o tempo com a minha sogra e o meu namorado, por isso não fiz novas amizades.</p>	<p>O meu grupo de amigos, na altura, acabei por me afastar...pronto, porque depois é assim, embora eu quisesse a gravidez e quisesse casar, mas no fundo também andei ali uma altura que para mim foi um bocado problemático, porque, por um lado eu queria, engravidei e assumi, mas por outro, a minha parte infantil, no fundo, não é... de mais adolescência, levou-me a pensar que ia perder muitas coisas que eu gostava de ter tido, não é?...que as minhas amigas iam ter e eu não ia ter...e andei ali assim uma altura um bocadinho...sei lá ...desorientada, não era bem desorientada, mas sem saber muito bem se era aquilo que queria ou não...querer queria, mas no fundo queria as duas coisas... Notou alguma mudança de comportamento deles para consigo? Não notei, fui eu que me afastei, aliás fui eu que me afastei, [as amigas] iam lá a casa ter comigo, eu recebia-as, só</p>

		que como eu deixei de estudar, elas tinham que ir às aulas e a convivência já não era tanta, depois quando retomei os estudos, houve amigas que na altura também foram estudar para a noite, por outros motivos, ou por arranjar emprego, ou porque durante o dia não conseguiam...na altura, o ensino à noite era um bocadinho mais facilitado e retomaram-se algumas [amizades], outras acabaram por se perder... Tive amizades que acabaram...pronto a gente encontra-se, mas já não são aquelas amizades, acabaram por se perder...
53	Sim.	Quatro, cinco meses...
54	Fui bem recebida. Eu acho que no fundo até me tratavam bem porque, até se calhar por eu ser tão nova, sei lá. E com certeza até, sei lá, acharam o que eu acho hoje se vir uma pessoa grávida dessa idade nós ficamos até com pena, parece que não mas já estraga um bocado a sua vida, ao acontecer isso.	Fui recebida muito bem...
55	Sim é sempre importante ainda para mais quando as pessoas sabem pouco.	Sim, sim...É importante quando nessa altura somos apoiados por eles e nos explicam o que temos que fazer.
56	Passei bem, só tinha bastante azia. A nível emocional sabe que as pessoas quando são novas não pensam...sei lá encaram melhor as coisas, acham que	Saúde física, graças a Deus, muito bem...não tive, a não ser no primeiro mês...também com aquela coisa quando a minha mãe soube e o meu dilema se havia de contar e a quem havia de

	as coisas se vão resolvendo...a gente vê tudo muito mais cor-de-rosa do que quando tem uma certa idade, não é, vê mais os problemas, as consequências das coisas.	contar andei assim ansiosa, uns enjoos, vomitei duas ou três vezes, mas de resto... A nível emocional era aquela coisa, queria e não queria, pronto...queria ter as duas coisas...levou-me a pensar, pronto uma adolescente de dezasseis anos, dezassete na altura, engravidar, fica balanceada com as coisas, não é?...porque sabia que ia assumir uma responsabilidade, porque ter um filho ia ser uma responsabilidade muito grande e ia ter um compromisso com o meu companheiro, não é?...porque já não podia sair à hora que queria, ou ir com as minhas amigas...tinha que ser uma vida a dois...
57	Nasceu no hospital de Valados.	Nasceu em Oliveira do Monte.
58	Parto normal.	Normal... Foi até ao final da gravidez, mesmo às quarenta semanas? Fui, fui, passou, porque pronto, na altura lá está, mais ou menos pelas contas que o médico depois fez, porque não tinha a certeza...estava previsto o parto entre o dia dez e o dia vinte e acabou por nascer no dia vinte e cinco...pronto mas foi até ao fim...
59	Foi a minha irmã.	O marido, o pai e a mãe. Quase a família toda...só não foram os irmãos porque não os deixaram, que eram pequenos...
60	Sim, a minha irmã.	Sim, a minha mãe e a minha tia...Uma tia que trabalhava mesmo lá na maternidade, estiveram sempre as duas, elas viram nascer a minha filha...

61	É assim, senti... quando a vi gostei logo dela, não é, pronto o instinto maternal, acho eu, não sei. Mas sentia que tinha capacidade para cuidar dela? Sim, isso sentia, eu achava que era capaz de tratar dela.	Como é que hei-de explicar...Senti, para já, um alívio do parto, não é?...E depois a única coisa que eu perguntei à minha mãe, porque na altura, não se sabia se era menino ou menina, o que é que era, e se era perfeito, fosse o que fosse...só queria saber se estava tudo bem com o bebé. E quando a viu, sentiu logo assim aquele amor incondicional? Sim, sim, quis logo pegar nela, estar sempre ao lado dela...
62	É assim, eu não sei porque como lhe digo eu estava noutra aldeia...Eu até acho que a minha mãe nem queria que eu voltasse a casa na altura, não sei ...	Não, continuaram a apoiar-me...
63	Não. É assim, não ajudava muito porque, pronto também não sabia, não é, mas apoiava sempre.	Não, alterou-se mas para o bom sentido, ainda mais afecto, mais proximidade.
64		Com os meus pais, o meu marido e os meus irmãos.
65	O pai da minha filha e a minha sogra.	A minha mãe.
66	Ninguém, ia eu sozinha. E tinha que vir a pé de Vilar do Chão para apanhar o autocarro para vir às consultas com ela ao colo, porque na altura nem sequer carrinho tinha nem nada era mesmo ao colo.	Algumas vezes ia sozinha, outras ia a minha mãe comigo, porque o pai [da minha filha] trabalhava.
67	Não retomei a escola, fiquei na aldeia e fazia o que era preciso em casa.	Retomei a escola e trabalhei. Portanto, o primeiro ano só fui estudar à noite, entretanto comecei a trabalhar, trabalhava de dia e ia estudar à noite...

68	Com a minha sogra.	Com o pai e com os avós.
69	Não.	Raramente... Com quem deixava o(a) seu (sua) filho(a)? Pontualmente, com os avós, com os meus pais.
70	Foi. Era tudo difícil. Porque é assim, para além de ser uma mudança na minha vida, não é, não sei, eu tratei sempre bem dela, porque pronto já é de mim, não é, mas é sempre complicado. Até porque eu não tinha experiência, não é, nem de ouvir a outras pessoas e às vezes tinha medo de não conseguir responder às necessidades da minha filha.	Não foi muito cansativo, porque a minha filha não foi uma criança de muitas birras, nem de chorar muito, nem de ficar muitas noites sem dormir...uma ou outra noite, mas não foi uma criança que disséssemos assim: chorava noites e noites seguidas, não. Eu só me lembro de uma vez andarmos os dois uma noite inteira com ela ao colo... Quando acontecia uma situação dessas e depois no dia a seguir tinha de ir estudar ou trabalhar, possivelmente sentiria algum cansaço, esse cansaço levava a algum desespero? Não, porque no primeiro ano de vida da minha filha só estudava à noite, portanto estava sempre em casa durante o dia com ela, não é?...e tinha tempo para descansar e por isso não tinha problemas...
71	Às vezes sentia-me um bocado triste e desiludida. Alguma vez se arrependeu de ter saído de casa dos seus pais? É assim, de ter saído e casa não [me arrependi], porque eu era muito mal tratada e havia às vezes pessoas na aldeia que diziam era denunciá-la à segurança social à minha mãe por me mal tratar assim, porque eu acho que não se trata ninguém assim. Pronto	Sim, no fundo acho que sim, senti um pouco de revolta, porque...embora, pronto...foi aquilo que eu quis, ninguém me impôs, foi uma escolha minha, mas, por isso mesmo, pela idade que tinha, não é?...muitas vezes sabia que as minhas amigas estavam aqui ou além ou iam para aqui ou para ali e eu tinha que estar em casa, não é?...Saia com o meu marido, o facto de ter a minha filha nunca me impediu de deixar de ir para lado nenhum,

	<p>já passou e eu faço-lhe tudo o que puder, mas de qualquer maneira são coisas que nunca se vão esquecer, não é? E durante esse tempo que às vezes estava sozinha com a sua filha e ela chorava, havia momentos de desespero? Havia, claro que havia e momentos que faltavam coisas, não é não havia... e eu pronto não sabia como é que havia de arranjar isto ou aquilo que fazia falta. É assim, foi um bocado complicado. E foi mais difícil o primeiro ano ou continuou nos seguintes? Não, não, continuou durante quatro ou cinco anos ou mais.</p>	<p>fosse para onde fosse, porque tinha um apoio muito grande dos meus pais, tive sempre os meus pais ao meu lado e lá está saia eu e o meu marido, íamos ter com um grupo de amigos...não era sistematicamente, até porque ele trabalhava durante o dia e muitas vezes à noite estava cansado e não podia sair...a minha revolta mais era porque às vezes vinha ou às compras ou mesmo às vezes vinha tomar um café e aquelas brincadeiras de adolescente entre os meus colegas e os meus amigos, que no fundo, eu participava mas já não era a mesma coisa do que se não tivesse um filho, não é?...</p>
72	<p>É assim eu sabia que estava ali a minha sogra para me apoiar, não é, mas...Mas sentia a falta do apoio de uma mãe? Sentia, mas é assim, sentia só que eu nunca fui uma pessoa muito protegida, sabe e se calhar como nunca fui muito protegida, mesmo de pequena, se calhar não sentia tanto porque como nunca tive aquele amor não sei sentir a falta do que não tive...</p>	<p>Não, nunca.</p>
73	<p>Foi uma vida muito difícil na infância, de muitos maus tratos e depois saí de uma situação difícil em casa dos meus pais e surgiu a gravidez...</p>	<p>Para já tive uma infância muito feliz, fui uma criança, pronto...tinha na altura aquilo que os meus pais me podiam dar, mas tive sempre muito apoio, muito afecto em casa, os meus pais, os meus avós eram muito presentes, os avós maternos eram</p>

		<p>duas pessoas muito, muito presentes, eles estavam na aldeia, só que eu nasci na aldeia e fui para Oliveira do Monte com dois anos, portanto no fundo, quem me criou até aos dois anos e aliás acho que foi a minha parteira, foi a minha avó e eu tinha uma ligação muito, muito, muito forte com a minha avó e até à entrada de ir para a escola eu passava mais tempo na aldeia com a minha avó do que quase com os meus pais, em Oliveira do Monte. Depois entrei para a escola, mas todas as minhas férias, no último dia de aulas, mochilinha às costas e vinha para a aldeia, para ao pé dos meus avós e de resto, portanto, da minha família, primos que tinha primos da minha idade e eu sentia-me...porque em Oliveira do Monte eu tinha de estar sempre fechada em casa, não é?...não vínhamos para a rua...e ali eu sentia-me liberta...gostava de andar no campo com os meus avós...gostava das tarefas do campo e depois tínhamos o divertimento com os amigos na aldeia que podia andar à vontade, não é?...a não ser...tínhamos aquela hora, quando antigamente tocavam...diziam tocar às Trindades...ao começar a anoitecer é que eu tinha que ir para casa, tipo o recolher. Mas fui muito feliz... E na adolescência também. Pronto, eu tinha era uma coisa, às vezes entrava em choque com os meus pais, em certas coisas, porque eu era muito rebelde...A mim se me dissessem</p>
--	--	--

		<p>para ir para a esquerda eu ia para a direita, fazia sempre tudo ao contrário do que me diziam...De resto não...e pronto... os meus pais eram um bocadinho... em relação a mim e se calhar por causa desse meu comportamento rebelde, nessa altura eram capaz de eu ir a uma festa ou...e só ia se fosse acompanhada por eles ou mesmo os antigos bailes que se faziam nas aldeias, só se a minha avó fosse comigo, ou tinha dois primos que eram os únicos que me podiam ir buscar a casa. Então havia um certo controlo dos seus pais?...Exacto, embora houvesse um bom relacionamento e tudo eu era um bocadinho...se calhar a minha rebeldia e um bocadinho do meu comportamento, também um bocado de controlo a mais que eu achava que era a mais, não é?...Se calhar não porque devido ao meu comportamento tinham que me pôr travão...Mas de resto, não...tive uma infância...só que lá está, não vivi a minha adolescência na plenitude, não é?...Porque cheguei aos dezassete anos e tive que tomar...assumir uma responsabilidade que se calhar eu na altura pensaria só de assumir aos trinta ou...Era esse o seu projecto de vida na altura, era ter um filho só aos trinta? Sim, não digo aos trinta mesmo, mas muito perto, mais tarde, muito perto dos trinta. Tirar o meu curso, era o meu sonho, era tirara um curso, começar a trabalhar e ser independente...eu sozinha...um tempo</p>
--	--	---

		<p>só viver eu só, pronto...Não deu, mas é assim...se calhar na altura um bocado de revolta e depois um casamento no início tem sempre as suas coisas...até porque éramos muito novos e eu principalmente...Há quanto tempo vocês namoravam? Namorámos meio ano...foi pouco tempo...Então vocês acabaram por se conhecer mesmo depois do casamento? Exacto, exacto... o namoro não foi suficiente para um conhecimento profundo e os primeiros anos como digo não foram um mar de rosas. É evidente que não, embora como costume dizer ao meu marido, [ele] foi sempre uma pessoa muito pacífica e muito calma, porque se calhar se tivesse o meu temperamento, o casamento ao fim de um ano ou dois tinha acabado. Devido ao meu comportamento, é assim não era um comportamento...eu é que era, lá está a minha rebeldia, depois deixou de ser com os meus pais e se calhar passou a ser um bocadinho a descarregar com ele, de me afirmar, ainda hoje tenho essa mania e eu sou eu e se eu disser é porque está bem feito e eu tenho a razão sempre e nem sempre é assim, não é?...Pronto e claro que uma pessoa que tenha um feitio um bocadinho mais vincado que diga assim: é assim, é assim, acaba por sofrer um bocadinho mais, não é?...do que quem é mais flexível, embora as pessoas depois ao longo dos anos mudam, eu</p>
--	--	--

		mudei muito, mas eu tinha um feitio...era muito teimosa e se teimasse tinha que teimar, pronto era como quando era com os meus pais, eu sabia que ia levar, mas fazia-o e com o meu marido é o que eu costumo dizer ele era uma pessoa muito ...foi uma pessoa muito calma e muito pacata, porque nessa altura aturou-me muito em relação ao meu feitio de teimosia...até querer ir, mas não vou só por teimosia ou não faço só por teimosia, pronto...é mais por aí...
74	É assim, eu nunca passei por isso porque a minha sogra estava sempre disponível e eu dizia-lhe: olhe eu vou precisar que me fique com a menina e assim ela estava sempre... é assim, no fundo a miúda também foi um bocado criada com a avó e ela estava sempre com vontade que a miúda estivesse lá ao pé dela, porque também gostava dela.	Eu acho que nunca me aconteceu uma situação dessas...porque como a minha mãe, embora na altura, o negócio do meu pai era no rés-do-chão, nos baixos da casa, a minha mãe mesmo que às vezes estivesse ao balcão era só descer as escadas, deixar ali a menina no carrinho ou isso, se precisasse de ir fazer alguma coisa, por isso nunca senti essa falta de apoio...
75	É assim, às vezes sentia um bocado de medo, porque via que se calhar não estava a fazer aquilo que era preciso, pronto aquelas coisa que a gente não sabe...	Ui...quando ela ficava doente sentia-me aterrorizada, porque ainda hoje prefiro estar doente eu do que ver a minha filha queixar-se de um dedo...Isso para mim era...se calhar das únicas coisas que me tiravam o sono...se ela ficasse doente...
76	É assim, nunca reagi mal com ela, ficava, pronto... cansada e tudo mas tinha sempre...tentava recuperar.	Foram muito raras as vezes e quando isso acontecia...se ela ficava doente ou assim dividíamos os dois...
77	Nunca pensei em grandes coisas porque, é assim, no	Pensava acabar um curso, arranjar emprego e só depois a partir

	<p>fundo, cortaram-me logo...tirou-me da escola é assim nada garante...nada dizia se eu ia casar ou não, podia aquilo ser um namoro de adolescente e acabar e continuar a escola. Mas casou logo ou só casou depois de ela nascer? Casei [quando] andava grávida de cinco meses, quando casei. Casei no civil e na igreja, os meus pais apenas foram ao civil porque tinham que me dar autorização, porque eu era menor. A minha mãe lá no registo civil ainda me tratou mal só que eu nem abri a boca... até me sentia envergonhada...</p>	<p>daí assumir uma família, uma responsabilidade...casamento, filhos...</p>
78	<p>É assim, a gravidez alterou porque se calhar, se eu não ficasse grávida, não é, logo que casei se calhar dali a dois ou três anos podia ter pensado em arranjar um trabalho. E é assim ao engravidar com essa idade, à partida, já corta um bocado a nossa liberdade, não é? E pronto se calhar essa gravidez foi um bocado um entrave... e é mesmo assim. E depois de eu não ter muitos apoios para a poder deixar aqui e ali e além... como digo a minha sogra ficava com ela sempre que era preciso mas não era todos os dias, o dia inteiro, não havia ali infantário, não havia nada, era diferente...</p>	<p>Não, porque aquilo que eu deixei de fazer nunca foi por ter engravidado ou por ter nascido a minha filha, foi mesmo por desistência minha, foi mesmo sempre por vontade minha. Porque sempre tive o apoio da família, só que depois comecei a trabalhar e a gostar de trabalhar e no fundo, é assim não fui estudar por causa de ter tido a filha, não, ou porque o marido me impôs ou não queria que eu fosse, não. Pelo contrário, tive sempre muito apoio e houve lá em casa ...o meu pai na altura, quando eu fiz o décimo segundo estive quinze dias sem falar comigo porque eu não fui fazer a prova geral de acesso, na altura para entrar no ensino superior, porque eu ainda estava lá em casa com eles e é o que ele dizia tinha todas as condições e mais algumas para</p>

		<p>continuar a estudar e não aproveitei e ele sempre dizia: mais tarde vais encontrar o erro e é verdade, porque se fosse hoje isso tinha mudado de certeza absoluta... Se calhar não é que estivesse melhor, se calhar até estava pior, se tenho tirado um curso...sei lá o que é que teria sido a minha vida, tanto familiar como profissional, depois a profissional também iria ter implicações na pessoal...mas sempre, se calhar acomodei-me um bocadinho sempre eu, eu própria me acomodei um bocadinho às situações porque de resto por imposição, ninguém não...</p>
79	<p>Principalmente [arranjar] um emprego porque, é assim, na altura, há vinte e três anos, mesmo com o sétimo ano que tinha completo, tinha bastantes facilidades de ter arranjado um emprego, percebe? Na Câmara, no Registo Civil, em qualquer lugar, porque quem tinha o sétimo ano na altura, mesmo não tendo o oitavo completo já conseguia arranjar um emprego, percebe? Porque é assim, hoje em dia, quem não tem um curso superior...e mesmo com um curso superior custa a arranjar emprego, mas nessa altura...vinte e três anos tem a minha filha, portanto eu tinha...com quinze anos eu já tinha o sétimo ano, não é? Claro que com o sétimo ano já era muito mais fácil arranjar emprego e</p>	<p>O casamento tão cedo talvez não, mesmo que fosse com a mesma pessoa, se não tivesse engravidado, se calhar, o casamento não, provavelmente não, porque até nós às vezes falávamos, pouco tempo deu para falar, não é? ... Porque foi pouco tempo de namoro, mas a ideia seria eu estudar e tirar o curso e depois aí pensar em casar...</p>

	portanto...é assim eu no fundo fui sempre uma pessoa que nunca tive sorte...parece que tudo me acontecia para me prejudicar...	
80	Não, só tive esta. É assim, depois eu tomei sempre a pílula e eu não queria ter mais porque não tinha condições para... Eu tinha consciência que não podia arranjar filhos assim à toa, não é? Para ter filhos, mais que um ou dois ou os que a gente quer tem que ter condições para os ter, para tratar deles e...para que tenham aquilo que merecem, não é? Não é ter filhos e sem ter condições para os ter... Mas gostava de ter tido mais? Gostava...	Não. Ela é filha única. Se não, qual o motivo? O motivo... Nunca pensaram em ter mais nenhum? Pensámos, aliás tivemos um filho, um segundo filho planeado, entretanto, na altura que estava tudo...pronto já eu tinha inclusive até consulta marcada para o médico para começar a fazer exames para como é que as coisas estavam, se estava tudo bem e fiquei sem emprego e isso condicionou na altura, porque se fosse hoje...vim-me a arrepender disso, porque eu acho que uma pessoa com um bocadinho de esforço onde cria um, cria dois ou três. Porque nós...a minha mãe e o meu pai, toda a vida só trabalhou o meu pai...o meu pai foi empregado por conta de outrem muitos anos e a minha mãe nunca trabalhou e depois mesmo o meu pai depois de ter o negócio, no fundo era um negócio familiar, porque começámos a trabalhar todos, não é?...mas e criou três filhos...e nunca nos faltou nada... Mas na altura assustou-a um bocado a situação de desemprego? Assustou-me porque nessa altura já estávamos na nossa casa e eu comecei a fazer contas e fiquei...tive, tive medo, tive medo...não sabia o que me ia esperar e disse: bem, vamos aguardar, vamos

		esperar...foi-se adiando...foi-se adiando e quando fomos a olhar para trás já era tarde demais...
81	<p>É assim, eu pronto falei com ela sobre isso [menstruação], até porque... falei com ela porque sabia o que me tinha acontecido a mim, não é? Por experiência própria agi com ela de maneira diferente da minha mãe... Porque a minha mãe, a mim, nunca me ensinou nada, nunca me explicou aquilo que eu precisava de saber. Eu, à minha filha, expliquei-lhe e comprei-lhe um livro para ela ler. E que idade é que ela tinha quando lhe começou a falar sobre isso? Eu quando lhe falei da menstruação e assim foi quando ela saiu da escola primária e depois comprei-lhe um livro e disse-lhe... Ela foi menstruada com que idade?</p> <p>Com doze anos. Depois comprei-lhe um livro sobre a sexualidade e comprei-lhe outro sobre a droga, para ela estar mais...para a preparar. Às vezes também falava com ela sobre isso... E ela contava-lhe muito acerca se namorava com alguém, se não namorava? É assim, contava, mas no fundo também escondia, pronto, não sei se calhar... Ela começou a namorar com que idade? Tinha catorze anos. E você sabia que</p>	<p>Uma abertura total, sempre...A vossa relação durante a adolescência dela era boa ou ela também tinha...também era uma adolescente rebelde? Não, a minha filha nunca foi uma adolescente rebelde... Pronto tinha o seu feitio, teimosa, que ainda hoje é, um bocadinho teimosa, mas não, a minha filha chegava a casa, desde que foi para o infantário, com três anos, até sair da faculdade, e ainda hoje que está a trabalhar e está connosco, ela chega a casa e relata o dia do... o que aconteceu durante o dia dela, tudo. Sempre, fosse para o bem fosse mal, tinha dúvidas sempre falou...Então em casa a sexualidade sempre foi um dos temas que conversavam com muita abertura? Como outro qualquer... Durante a adolescência dela, na fase da altura dos namoricos, ela contava-lhe? A minha filha de adolescente não, aliás aqueles namoricos sem importância, mas não era uma miúda que fosse muito, como eu dizia muito namoradeira, a partir dos seus dezassete, dezoito anos é que ela começou a namorar, mas contava tudo, não tinha problemas nenhuns... A relação que vocês criaram era, então, uma relação de abertura, e se calhar daí ela não ter medo de contar nada? Não, nenhum. Aliás ela quando foi que começou a</p>

	<p>ela namorava, ela assumiu? Sim, sim. E qual foi a reacção do pai? Ela escondia do pai? Escondia, do pai escondia...</p>	<p>tomar a pílula foi por problemas por causa dos problemas hormonais, as dores e o mau estar que provoca a menstruação e fui eu que levei-a, que fui com ela ao médico de família na altura e falei com o médico de família e aconselhou e foi tudo sempre acompanhada por mim.</p>
82	<p>Sim, a minha filha. Ela engravidou com que idade? Ela engravidou com dezasseis anos. Como é que você soube? Eu soube porque faltou-lhe o período e eu disse: filha faltou-te o período, é preciso ver o que se passa... Você tinha, então, algum controlo através da menstruação? Sim, claro. E ela até aí nunca tinha pedido para tomar a pílula? Não, não. E falou com ela sobre isso? Falei, mas ela nunca tomou nada. Ela engravidou e eu vi que lhe faltou o período e então eu disse-lhe: tens que ir fazer um teste. Mas você sabia que ela namorava nessa altura e que poderia ter tido relações? Sim, é assim eu suponha que...estava na dúvida...ela dizia-me que não, não é? Confrontou-a com isso? Sim, perguntei e ela disse-me: ai não, não...pronto se calhar também estava com medo, não é, como eu ia reagir e assim...E depois vi que o</p>	<p>Não. Neste momento ela tem 25 anos e acabou o mestrado no ano passado. Namora, mas ainda não casou e não teve filhos. Ainda vive connosco.</p>

período não lhe vinha e, claro, obriguei-a a fazer um teste. Comprei um teste na farmácia e fez e deu positivo. **Qual foi a sua reacção?** É assim eu na altura pensei em que ela abortasse. **Mas a reacção, logo quando viu o teste qual foi?** Fiquei assustada, pronto sem saber o que ia acontecer... **E ela?** Ela também e chorava. **E tinha medo de ir falar ao pai?** Claro e depois e disse-lhe: - olha, tens que fazer um aborto. Mas ela não quis. **E depois quem contou ao pai, você ou ela?** Fui eu. **E qual foi a reacção do pai?** Foi muito má, queria pô-la fora de casa e pronto...foi assim um bocado agressivo e mal-educado. **E ela, na altura, o que é que fez?** Ela na altura foi viver com o rapaz. **Em que ano é que ela estava a estudar?** No décimo. **E tinha boas notas?** É assim, não muito boas, no décimo não tinha grandes notas até porque ela nunca foi muito boa aluna. Depois passados uns dias foi para casa do namorado. **E o que é que você sentiu?** É assim, olhe nem quero pensar... eu disse-lhe: olha é melhor fazer um aborto porque nem via...porque é assim, eu também a tive nova, mas eu tinha outra maneira de pensar, percebe? **E ela pensava o quê? Ela**

já tinha algum projecto de vida? Eu não sei, não sei se tinha perspectivas futuras... **Ela já namorava com ele há muito tempo?** Já, eu é que não sabia... **E que diferença de idades eles tinham?** Dezassexis anos. **E depois, ela durante a gravidez ficou sempre em casa dele?** Ficou, só que é assim, quando iniciou a gravidez, eu levei-a logo ao médico, levei-a a Valados, ao ginecologista... **Acompanhou-a então às consultas?** Acompanhei nas primeiras, depois eles foram para Lisboa e eu disse-lhe: tu vê lá, continuas a ir a Lisboa às consultas, até porque era gratuito, não pagava... **Então onde nasceu a sua neta?** Nasceu em Valados. **E acompanhou a sua filha, nesse momento?** Acompanhei, e fui eu que lhe arranjei tudo para quando nasceu a filha dela. **Então ela quando veio de Lisboa veio ter consigo outra vez?** Veio, porque eu disse-lhe assim: olha tu vê lá quando a menina estiver para nascer é melhor vires para aqui, porque eu tinha medo que ela ia deixar morrer a menina, não ia tomar conta dela a direito... **Porque ela não tinha responsabilidade?** Não tinha nenhuma, porque lá está, agora, quando eu tinha dezasseis anos acho que tinha

mais responsabilidade naquela altura com essa idade do que tem agora se calhar com vinte... **Então ela teve a bebé e foi para junto de si?** Foi, mas depois ela combinou lá com o rapaz de se voltar a juntar, mas como um nem o outro tinham emprego, não é, e ele era toxicodependente e então...pronto eu é que tinha algumas condições de poder criar [a bebé] e fiquei eu com a bebé. Ela foi-se embora e deixou-me a menina.

Acha que ela durante a gravidez ou antes experimentou algum tipo de droga? Não, não. Tenho a certeza, sabe porquê? Porque uma vez, eu tenho uma prima que trabalha numa clínica e disse-me: olha vamos fazer uma análise e depois disse-me que não, que ela nunca tinha consumido drogas... **Então ela deixou a filha consigo para se juntar outra vez com o marido?** Sim e depois eu um dia disse-lhe: olha filha então não quiseste fazer o aborto e agora se eu não fosse o que é que tu fazias à menina? E ela disse-me: ah, se calhar tinha que a dar a uma instituição ou dá-la a alguém... E eu disse-lhe: e tu tens coragem de querer ter um filho e depois ele também disse: ah, veja lá se faz um aborto vou dar parte de si à G.N.R., porque eu

quero ter muito um filho, não sei quê...E depois se não fosse eu, quando ela veio para a menina nascer tinha duas chupetas e um biberão, sabe? E não tinha nadinha, nada, nada para lhe vestir... **A menina nasceu de parto normal?** Nasceu. **Ela agora não tem mais nenhum filho?** Não. **E agora o que é que ela pensa fazer?** Não sei...**E está a trabalhar?** Está. Eu penso que ela agora que tem cuidado, porque eu já lhe disse: olha que tu é que sabes se quiseres arranjar algum, o problema é teu, mas não contes comigo para tu criar, porque na altura eras nova, não sabias o que fazias, mas agora já sabes... **Então ela abandonou a escola por causa da gravidez?** Não, ela abandonou a escola por causa do rapaz... **Então ela abandonou a escola antes de estar grávida?** Sim, sim, para ir para ao pé dele. **Fazer o quê?** Nada, então ela deixou a menina comigo, estava-lhe a dar o peito, não é? Tirou-lhe o peito, que sabia...ela sabia que ia para ao pé do rapaz e nunca disse: oh vamos-lhe dar...experimentar a dar biberão a ver se gosta ou não...para ter a certeza se ela fosse embora, que pelo menos ela ia mamar, não é? Eu estive vinte e quatro horas com ela a chorar para lhe

	<p>conseguir fazer mamar o biberão, porque ela foi-se embora e a menina queria mamar e não tinha onde, porque o biberão nem sequer o conhecia... Que idade tinha a sua neta quando a sua filha a deixou? Tinha seis meses. Então ela deu-lhe de mamar até aos seis meses? Sim, esteve ao pé de mim com ela até aos seis meses. Então ela começou a namorar aos catorze e foi este o primeiro? Não sei, ela também namorou ali com um rapaz, assim aqueles tais namoricos... Você sabia que ela namorava com este que era dezasseis anos mais velho? Não, não, não sabia... Quando soube já era tarde...Porque ela, deste nunca me disse porque sabia logo que eu não ia apoiar, não é? Então, mas quando ela lhe falou dos outros namoros o que é que você lhe dizia? Tudo bem, mas tem cuidado, pronto aqueles conselhos que qualquer mãe daria, não é? E o pai, o que é que lhe dizia? O pai muitas vezes não dizia nada, porque não sabia e eu também achava isto é uma brincadeira e passa... Na altura em que ela ficou grávida, o seu marido responsabilizou-a a si? Não, até porque eu não tinha culpa...</p>	
83		Ia reagir, ia dar-lhe todo o apoio, que fosse possível, porque eu

		<p>passei pela mesma situação e se não tivesse, se calhar, tido o apoio familiar que tive, ia ser complicado... Uma miúda com dezasseis anos engravidar e como acontece a muitas ou postas fora de casa ou abandonadas, não é?...Ia ser muito complicado, nunca faria isso na minha vida, porque fosse de que maneira fosse ia sempre dar-lhe todo o apoio, agora era capaz de ficar triste porque não queria que a minha filha passasse por aquilo que eu passei, que não foi mau, mas pelo facto de não aproveitar a vida com as etapas todas...a infância, a adolescência vivida na plenitude que é muito...eu acho que a adolescência, se calhar, é a fase da nossa vida mais importante...eu acho que onde uma pessoa...são as experiências, onde se adquire...onde se aprende com os erros, porque é na adolescência que a gente aprende com os erros e que se calhar fica mais...melhor preparada para depois entrar numa fase adulta...de mais responsabilidade e mais responsável...</p>
--	--	---

ANEXO (E)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTAS (Paula e Sílvia)

QUESTÕES	ENTREVISTA - Paula	ENTREVISTA – Inês
1	Tenho quinze.	16 anos.
2	Foi em três do seis de mil novecentos e noventa e cinco.	2 de Abril de 1995.
3	Em Torre da Serra	Vale de Cambra
4	Em Lamego, numa instituição.	Molelos
5	Não sei, para aí uns trinta e tal...	A minha mãe tinha vinte e cinco e o meu pai tinha vinte e sete.
6		
6.1	Sim.	Sim.
6.2	O oitavo.	Décimo ano.
6.3	Não abandonei, só que agora no terceiro período já não fui porque estou quase a ter o bebe. Mas as notas do segundo período já são também as do terceiro. E depois para o ano vou continuar.... Qual foi o motivo? O nascimento do bebe.	Ainda não abandonei...ainda vou fazer este ano que já acaba daqui a pouco tempo...já falta pouco e as notas até nem são más... Depois assim que nascer a bebé logo se vê se dá para continuar...eu gostava de continuar...
6.4	Não senti nada, tive que sair agora porque o bebé pode nascer a qualquer momento.	Para já, como disse ainda não abandonei, depois se conseguir alguém onde deixar a bebé enquanto vou às aulas, continuo... é o que vou tentar fazer, até porque tenho o apoio dos meus pais e do meu namorado...
6.5	O oitavo ano.	O nono ano...estou a acabar o décimo...
6.6	Não.	Para já ainda não teve, daqui para a frente logo se vê...
6.7	Eu iniciei a escola em Lisboa, fiz o primeiro ano em Lisboa depois tive que o voltar a repetir aqui porque entrei tarde para a	Eu gosto de estudar, embora às vezes seja um bocado preguiçosa...mas acabo sempre por estudar um pouco... As notas não são más, mas sei

	escola...depois fiz os outros anos todos aqui...	que... e os professores dizem-me que eu podia fazer melhor e também tenho consciência que não me esforço o máximo...Desde a escola primária que sempre fui uma aluna razoável e nunca chumbei...sempre fui passando...
7		
7.1	Solteira.	Solteira.
7.2	Solteira.	Solteira.
7.3	Tenho, comigo somos sete. São duas meninas e cinco meninos, eu sou a mais nova e o mais velho tem vinte e sete anos. E estão aqui na instituição? Não, aqui só estou eu.	Tenho. Quantos? Um. Qual a idade e o sexo? O meu irmão tem dezoito anos.
8	Aqui na instituição estou desde os sete anos e antes disso morava com a minha mãe, porque os meus pais estão separados já há muito tempo, eu tinha um ano...	Com os meus pais e o meu irmão até aos meus dez anos, depois os meus pais divorciaram-se e fiquei a viver só com a minha mãe e o meu irmão.
9	Aqui na instituição desde os sete anos. Aqui sempre me deram o que preciso e gosto de viver aqui.	Moro com a minha mãe e o meu irmão desde que os meu pais se divorciaram....
10	Dezoito. Como o conheceu? Numa festa em Torre da Serra.	Tinha vinte e um anos. Como o conheceu? Conheci-o porque ele trabalha cá em Molelos e depois à noite quando eu ia ao café com o meu grupo de amigos ele também frequentava o mesmo café...
11	Estudava. E o pai do seu filho? Estava a trabalhar já com dezoito anos. Trabalhava numa empresa de telecomunicações e também trabalha com o tractor e isso...	Estudava. E o pai do seu filho? Trabalhava.
12	Nunca trabalhei.	Nunca trabalhei...

13	Gostava muito de ser estilista e modelo.	Eu gostava de ser enfermeira...
14	Nunca trabalhei.	Nunca trabalhei...
15	Actualmente estudo.	Actualmente estudo...
16	Sim, tenho duas irmãs que tiveram, uma aos quinze e outra aos dezasseis.	Não.
17	Tinha dezassete anos.	Ora... quando nasceu o meu irmão a minha mãe tinha...se quando eu nasci ela tinha... pois quando nasceu o meu irmão ela tinha vinte e três anos.
18	Não sei, por volta dos trinta.	A minha mãe tinha vinte e cinco anos e o meu pai tinha vinte e sete.
19	A minha mãe é agricultora, trabalha na agricultura.	Funcionária pública nas Finanças. Trabalha actualmente em quê? Continua nas Finanças...
20	O meu pai é construtor civil, trabalha nisso, trabalha por conta própria.	O meu pai é técnico de vendas. Trabalha actualmente em quê? Numa empresa de venda de automóveis.
21	Eu desde que tinha um ano vivi sempre com a minha mãe até aos sete quando vim para a instituição e sempre me dei bem com ela. Então nunca teve contacto nenhum com o seu pai? Tive, mas não me dou bem com ele. Isso que dizer o quê? Não falo com ele. Quando o vejo cumprimento-o, mas não falo com ele... Mas em criança, falava? Não, desde que fui para ao pé da minha mãe nunca falei com ele...não senti...sei lá...parecia que não era meu pai... Desde que foi para ao pé da sua mãe porquê, esteve algum tempo com ele? Aconteceram umas coisas quando eu era	A minha relação com eles foi sempre muito boa... Quando os meus pais eram casados até eu ter dez anos sempre tivemos [eu e o meu irmão] uma relação muito forte com o meu pai e com a minha mãe. Tive uma infância muito feliz...havia sempre tempo para estarmos todos juntos, passeávamos, brincávamos e às vezes como é normal eles também ralhavam comigo e com o meu irmão quando fazíamos algumas asneiras...

	<p>mais pequena que não gostava e depois vinha a recordar aquilo para sempre, não é?... Aconteceram coisas em relação a eles os dois ou em relação a si a ao seu pai? A eles os dois... Então lembra-se dessas vivências em casa ou isso que aconteceu já foi depois de eles estarem separados? Já foi depois de eles estarem separados.</p>	
22	<p>Às vezes eu e a minha mãe discutíamos quando eu queria sair e a minha mãe não deixava...aquelas coisas...mas de resto não...</p>	<p>Na adolescência a relação com a minha mãe manteve-se igual, com o meu pai... como eles se divorciaram quando eu tinha dez anos e como ele foi morar para outro lado houve um ligeiro afastamento e acabava por ter uma relação mais chegada à minha mãe, mas na mesma o meu pai continuava... e continua a ter contacto comigo e com o meu irmão todas as semanas...</p>
23	<p>Em casa não falava muito com a minha mãe, isso era mais com as minhas irmãs e aqui na instituição falava com as técnicas.</p>	<p>Sim, a minha mãe nunca teve problemas em nos falar sobre isso, sempre nos explicou tudo e conversava muito comigo e com o meu irmão. Se eu tivesse alguma dúvida, eu perguntava... Com o meu pai também não tenho problemas em falar com ele, se fosse preciso falava, mas como tenho a minha mãe eu sinto-me mais à vontade com ela... não sei se calhar se o meu pai não tem saído de casa se calhar também...acho que com ele agora me envergonho mais um bocadito...não sei...</p>
24	<p>Sim, a minha mãe.</p>	<p>É assim, a minha mãe sempre nos disse que tivéssemos cuidado por causa das doenças e assim... e mesmo por causa de uma gravidez,</p>

		porque a minha mãe até sabia que eu namorava e sempre me disse para eu ter cuidado e até foi ela que me levou à ginecologista para ver se estava tudo bem comigo, porque eu tinha algumas dores quando me vinha a menstruação...
25	Tinha.	Sim, muitos.
26	As duas coisas...	Sim, eram as mesmas mas também arranjei novos amigos, principalmente os do grupo de amigos do meu namorado.
27	Tenho mais amigos rapazes.	Era praticamente igual, não havia muita diferença...
28	Costumava, aos sábados e aos domingos. Aqui na instituição não, mas como eu ia aos fins-de-semana para casa saía quando estava lá. Mas então em casa deixavam-te sair? Às vezes ia às escondidas...	Sim, ao café íamos com alguma frequência... mas não até muito tarde! Aos bares e à discoteca só ao fim de semana e não era sempre...mais quando algum amigo ou alguma amiga fazia anos...
29	Naquelas quando me deixavam sair tinha horários, mas eu às vezes não cumpria...	Sim, no início era a minha mãe que me ia buscar quando eu saía e depois comecei a ir para casa à hora que ela combinava comigo, mas já era o meu namorado que me lá ia levar...
30	Boa, eles apoiaram-me muito...	Era muito boa, sempre me dei bem com eles...
31	Sim, este ano tivemos umas aulas em que se falava sobre isso. Em que disciplina? Em formação cívica.	Sim, nestes dois últimos anos... mais ou menos... havia algumas disciplinas em que alguns professores tinham que dar uma aula sobre educação sexual e também na disciplina de formação cívica...
32	Sim. Em que medida? Para esclarecer algumas dúvidas...	Sim. Em que medida? Porque...por exemplo, no meu caso isso não aconteceu, porque a minha mãe nos explicou sempre tudo e nos

		respondeu sempre a todas as nossas dúvidas, mas eu sei que há colegas minhas...e sei porque falo às vezes com elas, que os pais em casa nunca falaram sobre nada e elas também têm medo de perguntar... e assim ali nessas aulas sempre podem perguntar alguma coisa que tenham dúvidas...
33	Aos doze. Alguém lhe explicou antes o que era a menstruação e a sua importância? Sim as minhas irmãs. Qual foi a sua reacção? Foi má...vi aquele sangue todo e pensava que estava a morrer... Então nunca lhe tinham falado antes? Já tinham falado, mas eu nunca pensei que fosse tão cedo...não sabia mais ou menos em que idade...	Com doze anos. Alguém lhe explicou antes o que era a menstruação e a sua importância? Sim, eu e a minha mãe já tínhamos falado sobre isso, até porque eu desde pequena que sempre vi a minha mãe quando tinha a menstruação, porque às vezes entrava na casa de banho quando ela lá estava e ela nunca escondeu nada de mim. No início explicou-me de uma maneira mais para crianças e depois conforme eu ia crescendo ela ia explicando melhor... Qual foi a sua reacção? A minha reacção não foi nada de especial, chamei a minha mãe e pronto tudo se resolveu, mas senti-me um bocadinho nervosa...
34	Aos catorze, ia fazer quinze... Foi protegida ou desprotegida? Protegida.	Com quinze anos. Foi protegida ou desprotegida? Eu tomava a pílula já há algum tempo por causa das dores menstruais...
35	Conhecia...	Sim, a minha mãe sempre me falou, mas depois quando fui à ginecologista ela também conversou comigo acerca disso. E antes de ir à médica eu e as minhas colegas também falávamos sobre isso...Ah e nas aulas também...em algumas...
36	Sim, porque eu tomava a pílula.	Sim, a minha mãe, a médica e alguns professores...

37	Não porque eu tomava a pílula, só que eu tomava mal e não sabia que a tomava mal...	Nessa altura eu tomava a pílula e achava que estava tudo controlado, mas esqueci-me que tinha estado a tomar um antibiótico por causa do tratamento de um dente...
38	A pílula e algumas vezes o preservativo...	Sim, a pílula e às vezes o preservativo.
39	Foi em Torre da Serra no Centro de Saúde, uma médica... não uma enfermeira... E não te explicaram como é que se tomava? Explicaram e eu percebi mal...	A pílula foi quando fui à ginecologista...é assim eu comecei a tomar a pílula por causa das dores fortes que tinha quando me vinha a menstruação... O preservativo foi através da saúde escolar porque fazem acções de formação e assim...
40	No centro de saúde de Torre da Serra...lá davam os preservativos e as pílulas...	Foi ela [a médica] que me receitou e a minha mãe foi comprar à farmácia...o preservativo foi na saúde escolar, embora o meu namorado também tivesse...
41	É uma colega minha aqui do colégio que também cá está comigo e vai fazer agora dezassete anos...	Era uma amiga de infância, da minha idade, que sempre andou na mesma turma que eu...
42	Estudar...	Eu queria acabar o secundário e depois pensava em tirar enfermagem... E a nível pessoal pensava em constituir família só depois de acabar o curso e arranjar um emprego...
43	Comecei a chorar... O que sentiu? Sei lá...Senti medo...não sei estava nervosa...	Não acreditava...achava que não podia ser porque eu tomava a pílula... O que sentiu? Senti que...nem sei acho que nem conseguia pensar bem...
44	Estava lá comigo quando descobriu a “stora”...Fui à Dr. Graça e	Ao meu namorado...

	<p>tinha uma consulta nesse dia e disse-lhe que estava a tomar a pílula e que o período não me vinha...depois ela fez-me o teste de gravidez e estava grávida...</p>	
45	<p>Não fui eu que escolhi... A Dr.^a Graça é a minha médica de família e ela [a “stora”] era quem me estava a acompanhar na consulta nesse dia... E essa consulta foi marcada porque tu pediste ou era uma consulta de rotina? Era uma consulta dos métodos contraceptivos que ela nos ia explicar...</p>	<p>Porque eu achava que ele devia ser o primeiro a saber...e porque eu sabia que ele era aquela pessoa que me ia apoiar sem lições de moral...</p>
46	<p>A “stora” A, a professora que estava comigo...</p>	<p>Ele.</p>
47	<p>Sim...</p>	<p>Falámos sobre isso, mas depois achámos melhor levar a gravidez para a frente e pedir ajuda à minha mãe...</p>
48	<p>Foi normal... O que é normal, para si? Ele disse-me que aceitava o que eu quisesse fazer, se eu quisesse ter tinha se não quisesse que ele também aceitava...</p>	<p>Ficou um pouco...sei lá ele viu que eu estava com medo e, embora muito mais calmo do que eu, também ficou surpreendido porque ele sabia que eu tomava a pílula...mas tentou acalmar-me...</p>
49	<p>Deu muito apoio...Quando eu estava em baixo ele ajudava-me...Pensei que as coisas iam ser melhores...</p>	<p>Até agora tive todo o apoio da parte do meu namorado...</p>
50	<p>A da minha mãe não foi boa, porque a minha irmã , a segunda mais nova, já tinha tido e ela estava sempre a dizer-me, estava sempre a avisar que me podia acontecer a mim também e não sei quê...e eu não quis ouvir e depois ela ficou triste... E o teu pai teve algum tipo de reacção ou nem soube? Ele sabe, mas nem</p>	<p>A minha mãe ficou espantada e um bocadinho triste comigo na hora, mas depois deu-me todo o apoio. O meu pai...esse primeiro ficou um bocado chateado, mas depois disse que me ia ajudar...</p>

	sequer falou comigo...	
51	A minha mãe no primeiro dia ficou um bocadinho em choque, mas depois e até agora deu-me apoio...	Para já todo e depois tenho a certeza que também me vão ajudar...
52	Eu sei lá...não sei se reagiram mal...eles à minha frente davam-me apoio...agora não sei... Notou alguma mudança de comportamento deles para consigo? Senti... A que nível, ou em que aspecto? Eram mais cuidadosos...	Ficaram espantados no início, mas sempre me apoiaram... agora já é normal para eles verem-me assim grávida. Notou alguma mudança de comportamento deles para consigo? Sim, são mais atenciosos e estão sempre a perguntar se eu estou bem...
53	Estava para aí de um mês e seis semanas...	Desde que soube que estava grávida, a minha mãe depois marcou-me logo a consulta na ginecologista...
54	Ao início acho que fui um bocadinho má recebida porque eles ralharam comigo, mas depois deram-me todo o apoio. Acha que foi má, porquê? Porque eu ainda era muito nova... E o que é que eles lhe diziam? Ah... diziam que havia tantos métodos contraceptivos e que me foi logo acontecer...	Pela médica com algum espanto...porque ela até me tinha falado lá nisso da interferência dos antibióticos... Eu é que não me lembrei mais e depois...mas de resto fui recebida muito bem e sempre tive todo o apoio da parte dos médicos e das enfermeiras...embora não faltassem as lições de moral...
55	Foi...	Sim, muito importante, porque eu, assim, sentia-me mais segura e apoiada.
56	Tenho ficado mais doente do que antes... Mais doente em que sentido? Constipações...isso antes era raro eu ficar doente, agora	Tenho passado bem, nunca enjoei nem nada...mas já engordei um pouco mais do que devia...disse a médica... E emocionalmente? Bem, tenho o

	estou quase sempre... E emocionalmente? A nível psicológico, os seus sentimentos, as suas emoções? Sei lá...umas vezes má, outras vezes boa... O que é que quer dizer com má? Oh...fico a pensar que podia ter feito outra coisa para não engravidar e não sei quê...sei lá...não sei... E quando é boa, o que é que sente? Que agora...sei lá...não sei explicar...	apoio das pessoas que mais gosto...isso para mim é muito importante...acho é que estou a ficar com um bocado de medo do parto, mas é melhor nem pensar nisso agora, ainda falta algum tempo...e a consulta de preparação para o parto está a ajudar nesse sentido...
57	Em Lamego	Em Vale de Cambra
58	Se fosse normal ou de cesariana? Não sei...nunca experimentei nenhum, não sei... Mas não há assim um que diga: gostava que fosse assim?... Antes dizia de cesariana, porque diziam que era parto sem dor, agora acho que prefiro ter normal...	O que fosse melhor para mim e para a minha bebé, desde que não doesse muito...
59	Ninguém... lá dentro comigo não, mas no hospital sim...	O meu namorado e a minha mãe...
60	O pai do bebé...	Sim, eles os dois...
61	Sei lá...contente... O que é que lhe vai fazer?... Sei lá...Não sei...	Acho que vou sentir uma alegria muito grande...
62	Não...vai continuar a ser de apoio...	Acho que só se for para melhor, porque o choque pior já passou... que foi quando souberam que eu estava grávida, agora até acho que já se habituaram bem à ideia...
63	Não... também vai continuar a ser de apoio...	Eu acho que não...damo-nos muito bem...Sei lá, um dia até pode deixar de gostar de mim, mas do filho acho que nunca vai deixar de gostar...ele tem um sentido de responsabilização muito grande, se calhar por causa

		da idade que já tem...não sei...e isso a mim deixa-me mais confiante...
64	Ainda não sei...	Para já, os primeiros meses fico em casa da minha mãe com o meu namorado, até para ela também me ajudar, depois pensamos ir morar os três, até porque o meu namorado já trabalha e já mora sozinho, por isso depois devo ir morar com ele...
65	Se for aqui na instituição são as irmãs, se não for aqui deve ser a minha mãe... Então a hipótese é ou ficar aqui ou ir para ao pé da sua mãe? Não, por exemplo...se o pai da criança fosse trabalhar e eu precisava de ir a algum lado deixava [a bebé] com a minha mãe... Há hipótese de ficar a morar com o pai da criança? Há...	Os meus pais e o meu namorado...
66	Não sei...	Ou a minha mãe ou o meu namorado, aquele que tiver mais disponibilidade para poder sair do trabalho...
67	Vou continuar na escola...	Eu gostava de continuar a estudar...mas só depois é que se vê o que é melhor...
68	Na creche...	Ainda não sei...mas se calhar nos primeiros meses irá ficar com uma ama...logo se vê...
69	Não sei...depende...ainda é muito pequenino...não sei... Com quem irá deixar o(a) seu (sua) filho(a)? Não estou a pensar sair sem o meu bebé... Não está a pensar sair sem o seu bebé?	Se a minha mãe poder ficar com ela até poderei sair com o meu namorado, mas não vou sair como antes, até porque acho que vai ser bom ficar com a bebé em casa...e também agora tenho trabalho a

	Não... Mas se quiser sair para a discoteca?... Só quando ele for mais velho... Então enquanto o bebê for pequeno não vai sair? Não...	dobrar: a escola e a bebê, por isso acho que nem vou ter disposição para sair...
70	Tenho que ter mais responsabilidade...não posso andar sempre a sair a deixa-lo ali em casa com alguém...Tenho que ter mais cuidados...não sei...	Espero que seja boa, sem muitas complicações, mas não sei...Já sei que poderei não dormir tudo o que me apetece, nem fazer o que quero quando quero, porque agora quem vai mandar é a bebê, depende de como ela se vai comportar...mas tenho a certeza que vou ter muita ajuda...
71	Se calhar é uma nova experiência...se calhar até vai ser agradável...	Algumas vezes poderei não saber o que fazer, não sei...se calhar umas vezes poderei sentir-me cansada, mas a minha mãe e o meu namorado vão ajudar-me e por todos, custa menos...e é assim, também acho que vou ter momentos de muita alegria com a minha bebê...
72	Não...	Se tudo continuar como está, acho que não, mas só na altura e conforme as coisas vão acontecendo é que uma pessoa acaba por sentir as coisas...Eu acho que sempre que precisar posso contar com os meus pais e o meu namorado...vamos ver...
73	Eu pensar, para fazer penso muita coisa...agora não sei... Diga-me o que pensa. Pensava morar com o meu namorado...Sei lá darmos-lhe uma família...Depois ele [o bebê] ficava na creche ou na minha mãe para eu ir estudar...	Como está previsto para ela nascer agora no Verão...eu já combinei com a minha mãe e lá para Outubro quando a bebê tiver mais ou menos três meses eu deixava-a numa ama que, em principio será uma senhora que por acaso até mora perto da escola e eu, nos intervalos, poderei ir lá dar-lhe de mamar e vê-la, assim não sentirei tanto a falta dela... e eu ia tentar ir a algumas aulas para ver se faço o décimo primeiro ano. Eu sei

		<p>que não vai ser fácil e vou ter que me aplicar mais nas aulas porque de certeza que depois em casa não devo ter muito tempo para estudar... Então o que eu estou a pensar fazer é estar o mais concentrada possível nas aulas para apanhar o mais que posso...Depois quando ela tiver meio ano, mais ou menos, em princípio irei morar só com a minha filha e o meu namorado em casa dele...só nós os três... mas também não fica muito longe da casa da minha mãe por isso sempre que precisar ela está ali perto...</p>
74	<p>Sei lá...muito trabalho... Em que irá pensar? Que é um bocado cansado estar a fazer as coisas ao mesmo tempo...</p>	<p>Acho que vou sentir alguma frustração, mas o importante para que isso não aconteça é combinar bem as coisas entre mim e o meu namorado e tentar fazer essas coisas, apenas, quando o meu namorado ou a minha mãe tiver disponibilidade para ficar com ela...não sei... As coisas vão ter que ser muito bem combinadas entre nós... Em que irá pensar? Não sei, vou fazer de tudo para que as coisas corram bem...espero que isso não aconteça...</p>
75	<p>Mal...</p>	<p>Acho que vou sentir uma ansiedade muito grande...tenho muito medo se isso acontecer, mas caso aconteça vou ter a ajuda da minha mãe que de certeza me vai ajudar com a bebé...e ela também já criou dois filhos por isso já tem experiência nessas coisas...</p>
76	<p>O normal... E o que é o normal? Sei lá...</p>	<p>Não sei, poderei na manhã seguinte não estar muito bem-disposta, mas vou fazer de tudo para tentar que isso não aconteça...já sei que se não dormir bem de noite também não irei com muita cabeça para ir às aulas</p>

		no dia seguinte, mas vou-me esforçar...
77	A nível académico gostava de tirar o curso de estilista...e depois trabalhar nisso... E a nível familiar, qual é o seu projecto de vida? É ir para ao pé da minha família...	A nível académico e com o apoio dos meus pais e do meu namorado vou tentar fazer pelo menos até ao décimo segundo ano, depois logo se vê a possibilidade de ir tirar enfermagem... Caso consiga será óptimo porque é a profissão que sempre quis ter...depois o emprego virá a seguir, mas isto de empregos não está muito famoso... a nível familiar espero continuar com o meu namorado, talvez até casar quando a minha filha fizer uma ano...eu gostava de me casar e o meu namorado também, mas para já não achamos que tenha que ser já, até porque não iria mudar nada...
78	Não...	É assim eu nunca imaginei que isto me iria acontecer e então via o meu futuro tipo: estudar, arranjar um emprego e só depois casar...Agora, em princípio também irei continuar a estudar mas tenho uma responsabilidade que as minhas amigas não tem que é a minha filha, porque parece que não mas a nossa vida fica muito condicionada e até mesmo as nossas decisões a vários níveis também vão depender muito de eu já ser mãe... Como assim? Sei lá... por exemplo, para me candidatar ao curso vou tentar sempre uma escola o mais perto possível de casa e se eu não tivesse um filho era indiferente o sítio para onde eu fosse...
79	Mudaria, agora tinha mais tempo para aproveitar na vida...sei lá...para me divertir...	Em princípio nada, até porque eu espero e quero continuar a estudar...agora o que é certo é que a liberdade que eu tinha antes de

		engravidar vai ser diferente...sei lá... tudo que fizer a partir de agora vai ter que ter sempre em conta a minha filha...
80	Não... Se não, qual o motivo? Porque não quero...porque acho que esta foi uma experiência assim meio esquisita...não quero ter mais...	Para já e tão cedo não...depois logo se vê como é que a vida corre...
81	Vou-lhe tentar explicar o que me aconteceu para não lhe acontecer o mesmo... Acha que isso vai ser suficiente? A sua mãe também lhe chamou a atenção... Não sei...o que tiver que acontecer tem que acontecer... O que é que acha que falhou? Eu não ter ouvido o que ela me dizia... Porque é que não ouvia? Pensava que a mim não me ia acontecer, como andava a tomar a pílula e isso...	Acho que vai ser igual à da minha mãe, porque eu acho que nesse aspecto a minha mãe teve uma postura de uma abertura muito grande para comigo e com o meu irmão. Isto que aconteceu não foi falta de informação, foi mesmo um acidente de percurso, um descuido...mas vou tentar fazer tudo para que não lhe aconteça a mesma coisa...
82	Vou ficar triste, mas depois tenho que apoiar...	Espero que isso não aconteça, porque quer queiramos quer não isto acaba sempre por condicionar de uma forma ou de outra a nossa vida, mas ficarei muito orgulhosa se reagir como a minha mãe o fez... de qualquer maneira eu acho que o importante é a informação que passamos aos nossos filhos e também é importante a forma como o fazemos, porque para a minha mãe este assunto nunca foi tema tabu, nem um bicho-de-sete-cabeças e ela conseguiu que eu e o meu irmão sempre lidássemos com este assunto da forma mais natural possível...

